

A FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ-RN: ASPECTOS CULTURAIS E ECONÔMICOS.



Sharlene da Silva Bernardino



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO**

SHARLENE DA SILVA BERNARDINO

**A FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN:
aspectos culturais e econômicos**

**JOÃO PESSOA – PB
2015**

SHARLENE DA SILVA BERNARDINO

**A FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN:
aspectos culturais e econômicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Cidade e Campo, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Geografia, sob a Orientação da Profa. Dra. Eliana Alda de Freitas Calado.

**JOÃO PESSOA – PB
2015**

B523f Bernardino, Sharlene da Silva.

A feira livre da cidade de Nova Cruz -RN: aspectos culturais e econômicos / Sharlene da Silva Bernardino. – João Pessoa, 2015.

129f. : il.

Orientadora: Eliana Alda de Freitas Calado.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCEN

1. Geografia regional. 2. Feira livre – Nova Cruz-RN.
3. Cultura. 4. Economia. 5. Representação.

UFPB/BC

CDU: 913(043)

**A FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN:
aspectos culturais e econômicos**

**Por
Sharlene da Silva Bernardino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Cidade e Campo, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Geografia.

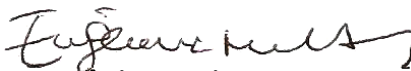
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Eliana Alda de Freitas Calado – PPGG/UFPB
Orientadora



Prof. Dr. Anieres Barbosa – PPGG/UFPB
Examinador interno



Profa. Dra. Eugénia Maria Dantas – PPGG/UFRN
Examinadora externa

**JOÃO PESSOA – PB
AGOSTO/2015**

Dedico este trabalho a Nilda, Severino, Simone, Missael, Erinaldo e Ana Heloísa, respectivamente, mãe, pai, irmãos, cunhado e sobrinha. Alicerce e sustentação, fragmentos de identidade e sentidos infindos de vida.

AGRADECIMENTOS

À graça de enxergar a presença divina nas minúcias do cotidiano.

A meus pais, pela paciência e compreensão, pois, muitas vezes, não compreendiam a dimensão do meu trabalho, contudo preocupavam-se com as horas não dormidas e zelavam pelos momentos de repouso.

À minha irmã, Simone, pelo apoio e cuidado; ao seu esposo, Erinaldo, que arrumava meu local de estudo (varanda de sua casa), deixando-o sempre limpo e iluminado; e à pequena Ana Heloísa, que, ao me ver entre livros e escritas, chegava com um sorriso que acalmava e perguntava se podia ajudar.

À amiga Raquel, com quem compartilho vivências profissionais e pessoais, pelas leituras, indicações de referência e força nos instantes de desânimo.

Às amigas Maria Janilma e Adrienne Monique, pelo carinho, preocupação e incentivo.

A Joelma, cúmplice de vida e caminhada, por sempre me receber com carinho em seu lar, pelas conversas nas madrugadas, quando fazíamos intermináveis reflexões sobre escolhas de vida.

Às amizades conquistadas e cultivadas durante o mestrado, em especial: Rômulo Panta, companheiro de eventos e publicações, Jilyanne Pauferro, com quem a empatia foi imediata, e Marcela Silva, sempre afetuosa e decidida.

À querida amiga e eterna Profa. Marceleuze Araújo, pela disponibilidade na leitura deste trabalho, com sugestões sempre sutis e muito relevantes.

A todos os feirantes e fregueses, que gentilmente se dispuseram a contribuir com seus relatos de vivências sobre a feira, e sem os quais não seria possível a concretização desta pesquisa.

De modo especial, à querida professora orientadora Dra. Eliana Calado, pela adoção do meu trabalho, pois, durante um tempo, este projeto vagou à espera de um aceite, até que ela o amparou e me auxiliou durante este momento da vida acadêmica. Obrigada pela atenção e disponibilidade que sempre demonstrou para comigo.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Aos professores da banca de qualificação, Dr. Anieres Barbosa e Dr. Alessandro Dozzena, pelas contribuições que foram muito relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Mais uma vez, ao Prof. Dr. Anieres Barbosa, por participar da defesa final do meu trabalho.

À Profa. Dra. Eugênia Maria Dantas, que gentilmente aceitou o convite para participar da minha banca de defesa.

Aos professores do PPGG/UFPB, que foram meus mestres durante o curso de mestrado. O convívio e discussões tecidas em sala de aula foram de grande importância para o

aprofundamento do meu aprendizado, assim como as aulas de campo, que sempre ampliam a visão e sentidos de mundo.

A Sônia, funcionária dedicada do PPGG/UFPB, que sempre me atendeu educadamente e, com muita presteza, ajudou-me nas solicitações.

A Ruth, Diego, Izabelle e David, pelas conversas de corredores e durante os lanches nos intervalos das aulas, na lanchonete do senhor Enoque.

O meu muito obrigada, a todas e a todos!

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito”.

(Chico Xavier)

“É assustadoramente doloroso e gratificante o processo de produção. Um paradoxo entre a necessária solidão e a vontade de buscar conforto nos seus. Produzir é, muitas vezes, um processo de autodestruição. Destruição das próprias insatisfações e descontentamentos, contudo, por diversas vezes, é no caos desta ruína de paradigmas, preceitos e até de afeições que se encontra a força necessária para suscitar, criar e renascer.”

(Sharlene da Silva Bernardino)

RESUMO

O presente trabalho versa sobre as relações culturais e econômicas na feira livre de Nova Cruz – RN. Ela acontece há mais de um século e atrai público significativo, tanto do município de origem da feira como, também, de outras cidades do Rio Grande do Norte e do estado fronteiriço Paraíba. A feira livre é um acontecimento milenar que, além dos ditames econômicos, revela, também, questões de identidade, afeto e fidelidade, que conduzem a determinada representação cultural. Assim, a pesquisa tem como temática central a importância da feira livre de Nova Cruz – RN, em suas questões econômicas e culturais, e se atentou a dados primários, privilegiando a história oral, no intuito de proporcionar uma leitura mais intimista do evento feira livre. Para tanto, o arcabouço teórico conceitual procurou dialogar com autores como: Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos, Paul Claval, Stuart Hall, Michel de Certeau, Rogerio Haesbaert, dentre outros. Alguns autores têm perspectivas teóricas distintas, pois a pesquisa procurou direcionar o trabalho de campo mediante os métodos investigativo fenomenológico e dialético. Dessa maneira, a análise baseou-se em autores que tratam das concepções relativas à cultura, especialmente os meandros cotidianos que configuram os hábitos culturais e a leitura destes por meio da geografia cultural. Nesse ínterim foi necessário tratar das diferentes abordagens de território e territorialidade, o que inclui as dimensões concreta e simbólica e, ainda, as demandas políticas e econômicas de uso, produção e apropriação do espaço, pois a feira livre de Nova Cruz – RN é um evento que interfere na dinâmica socioespacial da cidade, construindo redes, arranjos e conexões, que se dão entre a cidade e o campo, como, também, entre cidades. Dessa forma, buscou-se, por meio do embasamento teórico intermediado pela pesquisa de campo, compreender as questões relacionadas à economia e à cultura, como, também, da interação entre elas na feira livre de Nova Cruz – RN.

Palavras-chave: Nova Cruz – RN. Feira livre. Cultura. Economia. Representação.

ABSTRACT

The present study deals with the cultural and economic relations in the open street market of Nova Cruz – RN. It happens for more than a century and attracts a significant number of people from the city itself, but also from others of Rio Grande do Norte and Paraíba. The open street market is an ancient event that, besides the economic dictates, also reveals issues of identity, affection and loyalty that lead to a particular cultural representation. Thus, the research has as its central issue the importance of open street market in Nova Cruz – RN in its economic and cultural issues, and strove to primary data, focusing on oral history in order to provide a more intimate reading of the open street market event. Therefore, the conceptual theoretical framework sought to dialogue with authors such as Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos, Paul Claval, Stuart Hall, Michel de Certeau, Rogerio Haesbaert, among others. Some authors have different theoretical perspectives, because the study sought to direct the fieldwork by the phenomenological and dialectical investigative methods. Thus, the analysis was based on authors who deal with the conceptions related to culture, especially the everyday intricacies that shape the cultural habits and reading these through cultural geography. In the meantime, it was necessary to treat the different approaches of territory and territoriality, which includes the concrete and symbolic dimensions, and also the political and economic demands of use, production and appropriation of space, because the open street market of Nova Cruz – RN is an event that interferes in the socio-spatial dynamics of the city, building networks, arrangements and connections that occur between city and country, as also between cities. Thus, it sought, through the theoretical framework intermediated by field research, to understand the issues related to the economy and culture, and also the interaction between them in the open street market of Nova Cruz – RN.

Keywords: Nova Cruz – RN. Open street market. Culture. Economy. Representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Nova Cruz – RN	14
Figura 2 – Mapa de localização das cidades dos feirantes e consumidores da feira livre de Nova Cruz – RN	37
Figura 3 – Mapa de Nova Cruz – RN em relação às cidades de hierarquia urbana maior	38
Figura 4 – Rua de acesso à feira livre de Nova Cruz – RN	40
Figura 5 – Rua Industrial José de Brito	41
Figura 6 – Ruas demarcadas para a feira livre de Nova Cruz – RN	42
Figura 7 – Imagens do mercado Antônio Alves Flor	43
Figura 8 – Pátio do mercado público	43
Figura 9 – Banca com venda de salgados no final da rua 1º de Maio	44
Figura 10 – Recorte de planta da cidade de Nova Cruz – RN	53
Figura 11 – Setores do mercado público de Nova Cruz – RN	55
Figura 12 – Imagens de setores do mercado público de Nova Cruz – RN	55
Figura 13 – Mapa da feira livre de Nova Cruz – RN	56
Figura 14 – Frente do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum	57
Figura 15 – Frente do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira	57
Figura 16 – Rua Industrial José de Brito em dia comum	57
Figura 17 – Rua Industrial José de Brito em dia de feira	58
Figura 18 – Setor da peixaria do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum	58
Figura 19 – Setor da peixaria do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira	59
Figura 20 – Pátio do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum	59
Figura 21 – Pátio do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira	60
Figura 22 – Rua 1º de Maio em dia comum	60
Figura 23 – Rua 1º de Maio em dia de feira	61
Figura 24 – Rua 1º de Maio, com bancas de (A) frutas e (B) biscoitos de goma e similares	67
Figura 25 – Parte da “feira da sulanca”	68
Figura 26 – Venda de mangaios e ferragens na rua Industrial José de Brito	69
Figura 27 – Início da rua Franco de Oliveira	70
Figura 28 – Imagem do pátio do mercado público municipal de Nova Cruz – RN	71
Figura 29 – Rua Antônio Alves Flor	71
Figura 30 – Comercialização de produtos alimentícios produzidos pelo feirante	74
Figura 31 – Feira livre de Nova Cruz – RN sob a perspectiva dos mercados periódicos (2015)	77
Figura 32 – Carro propaganda circulando nos dias de feira	79

Figura 33 – Grupo de carroceiros no início da rua 1º de Maio	82
Figura 34 – Capacetes para motoqueiros à venda na banca de mangaios	85
Figura 35 – Venda de CDs e eletrônicos na rua Industrial José de Brito	86
Figura 36 – Barracas de lanches externas ao pátio do mercado público de Nova Cruz – RN	86
Figura 37 – Casal de feirantes	95
Figura 38 – Pausa para a prosa – praça Industrial José de Brito	107
Figura 39 – Tempos lentos na feira livre de Nova Cruz – RN	108
Figura 40 – Consertando relógios e gastando o tempo	109
Figura 41 – Diversidade de participantes da feira livre de Nova Cruz – RN	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista parcial dos itens comercializados na feira livre de Nova Cruz – RN (2014) 62

LISTA DE SIGLAS

CD – *Compact Disk*

Dired – Diretoria Regional de Educação

DVD – *Digital Video Disc*

FM – Frequência Modulada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

PF – Prato Feito

PMNC – Prefeitura Municipal de Nova Cruz

PPGe – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia

Regic – Regiões de Influência das Cidades

RN – Rio Grande do Norte

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

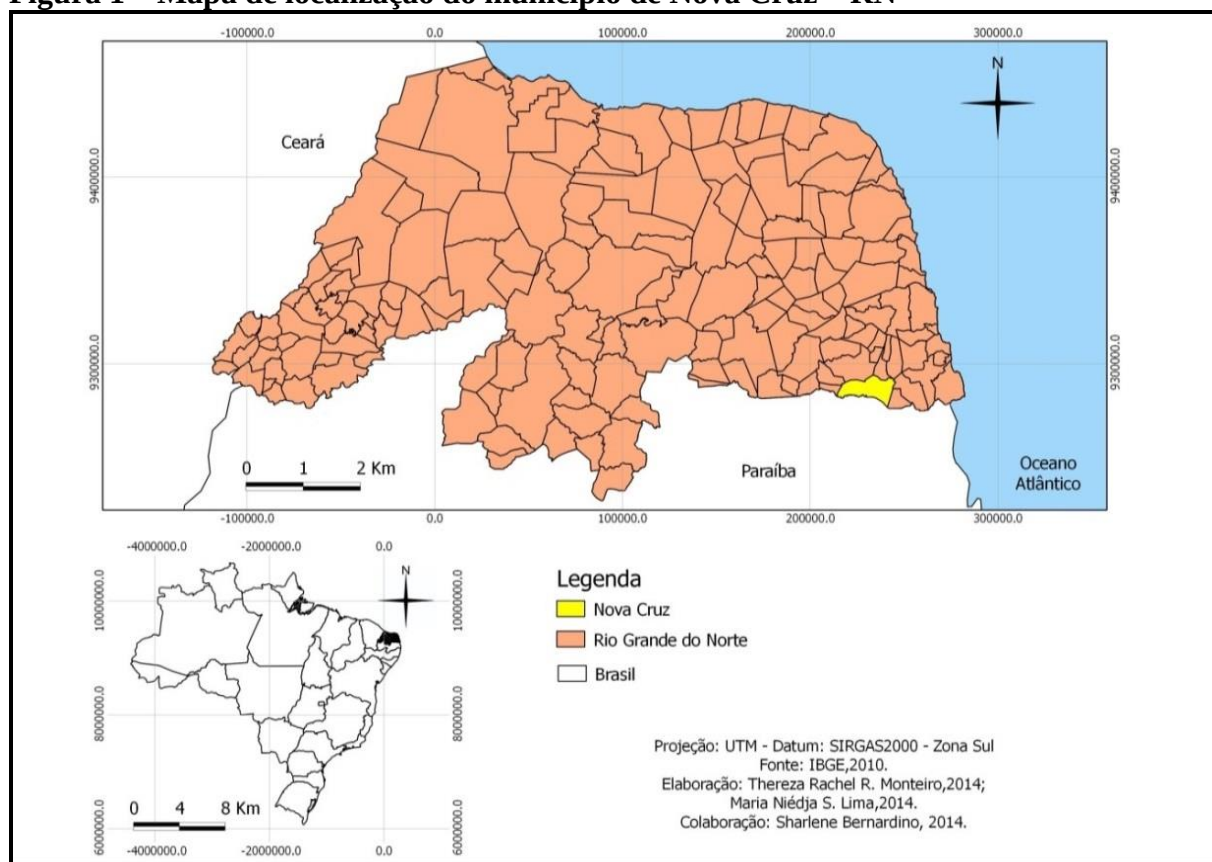
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 PAISAGEM, TERRITÓRIO E CULTURA DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN	24
1.1 PERSPECTIVAS SOBRE CULTURA E COTIDIANO	24
1.2 PAISAGEM, TERRITÓRIO E FEIRA LIVRE	26
1.3 PERSPECTIVAS CULTURAIS E ECONÔMICAS DO EVENTO FEIRA LIVRE	29
1.4 ASPECTOS SOCIOESPACIAIS DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN	34
1.5 PRIMEIRAS PERSPECTIVAS SOBRE A FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN	38
1.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO	45
1.6.1 Interações iniciais	45
1.6.2 Trato e dificuldades da pesquisa de campo	47
1.6.3 Convívio com os feirantes	48
CAPÍTULO 2 RELAÇÕES CULTURAIS, POLÍTICAS E ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN	51
2.1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN	52
2.2 RELAÇÕES CAMPO-CIDADE A PARTIR DA FEIRA LIVRE	72
2.3 RELAÇÕES MULTICULTURAIS DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN	81
CAPÍTULO 3 FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS: RELAÇÕES DE IDENTIDADE, FIDELIDADE E AFETIVIDADE	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE	124
ANEXO	127

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que uma pesquisa é construída a partir do cruzamento entre diferentes esferas (podendo-se citar os interesses pessoais, acadêmicos e sociais), inicia-se este trabalho fazendo uma reflexão dos caminhos percorridos para sua construção. Assim, com a finalidade de expor como se construiu o conhecimento aqui registrado, a introdução deste trabalho apresenta como a presente pesquisa surgiu e como se delineou o projeto dissertativo.

Dessa forma, a pesquisa tem como principal objetivo analisar a feira livre da cidade de Nova Cruz – RN, no que se refere aos aspectos culturais e econômicos. A escolha da feira, enquanto objeto de pesquisa, deu-se, também, em virtude de esta ser considerada, tanto pela população local quanto pela importância que representa para as cidades no seu entorno, uma das feiras mais importantes da região, tendo considerável influência cultural e econômica. A Figura 1 localiza o município de Nova Cruz no estado do Rio Grande do Norte.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica do IBGE (BRASIL, 2014).

O referido município está inserido na microrregião do Agreste Potiguar, e tem uma extensão territorial de 277,658 km², limitando-se: a Leste, com os municípios de Montanhas,

Espírito Santo e Pedro Velho; a Oeste, com Lagoa d'Anta e Passa e Fica; ao Norte, com Santo Antônio e Várzea; e ao Sul, com Jacaraú, Campo de Santana, Caiçara e Logradouro, estes, no estado da Paraíba. Encontra-se situado às margens do rio Curimataú, estando a 104 km da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte.

Assim, feita a localização da cidade onde se encontra o campo de análise, é necessário explicitar como a pesquisa surgiu e se delineou. É imprescindível esclarecer que a dissertação se desenvolveu sob a vertente cultural da Geografia, sendo esta a principal base de estudos, desde a graduação. Na licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), durante a disciplina Teoria da Geografia (2004), surgiu o encanto pela Geografia Cultural e os primeiros contatos com leituras e autores desse campo do pensamento da Ciência Geográfica. A partir daí, desenvolveram-se alguns artigos relacionados às temáticas de território, paisagem e identidade, trabalhos estes embasados em autores como: Corrêa (1995), Haesbaert (2002), Claval (1997, 2002), Bonnemaïson (2002), dentre outros.

O contato com a literatura e a produção dos artigos foi fundamental para a realização do trabalho de conclusão de curso, que se constituiu por um estudo teórico intitulado “Geografias: fragmentos e ranhuras da ideia de cultura, paisagem e identidade” (BERNARDINO, 2008). A monografia partiu do interesse em construir algumas reflexões sobre as leituras geográficas relacionadas à ideia de cultura, paisagem e identidade. Para tanto, trabalharam-se, como recursos auxiliares a essas leituras, algumas canções de autores populares brasileiros, tais como: Luiz Gonzaga, Vital Farias, Belchior, Sivuca e Glorinha Gadelha.

E, assim, a paixão pela temática foi tomando cada vez mais formato, e o interesse em aprofundar os conhecimentos na questão cultural aumentou, tendo em vista que a Geografia Cultural permite uma reflexão sobre como o espaço se configura a partir das ações sociais dos grupos e como este espaço vivido se constitui, em essência, no território dos sentidos atribuídos pelos arranjos culturais de tais grupos.

Dessa forma, após uma aproximação com os conceitos de território e paisagem e a relação entre estes com a questão da identidade, desenvolveu-se, na especialização em Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, também cursada na UEPB, em 2010, uma monografia denominada “Cultura, paisagem e território da feira camponesa: uma análise no município de Jacaraú – PB” (BERNARDINO, 2010). Deste modo, as questões culturais da Geografia que perpassaram os estudos inerentes às concepções de paisagem e território ganharam um território, como, também, um objeto de estudo.

Outro fator importante na construção do trabalho realizado na especialização foi o primeiro contato com a pesquisa empírica, pois se utilizaram os instrumentos metodológicos de registros de imagens das várias seções que compõem as feiras, por meio de fotografias, como, também, colheram-se depoimentos com feirantes e fregueses.

Portanto, o interesse em pesquisar os aportes culturais geográficos, assim como a feira livre, enquanto objeto instigador desses estudos, não é algo novo, pelo contrário, esteve presente durante toda a trajetória acadêmica e continua a instigar os interesses de um futuro trabalho.

Assim, descritos abreviadamente as pesquisas realizadas, cabe apresentar os objetivos do trabalho dissertativo que aqui se encontra desenvolvido. Esses objetivos configuram-se em observar e apreender os fenômenos culturais e econômicos da feira livre de Nova Cruz – RN. O interesse por estudar os processos culturais e econômicos inerentes à feira livre de Nova Cruz – RN nasceu durante o trabalho de especialização já citado. Durante uma pesquisa de campo realizada para o então trabalho, observou-se que parte significativa dos feirantes que compunha a feira livre de Jacaraú e, até mesmo, alguns fregueses, era oriunda da cidade de Nova Cruz – RN.

Na ocasião, percebeu-se que era preciso conhecer melhor a relação entre a feira livre de Jacaraú – PB e a feira livre de Nova Cruz – RN, aspecto tratado de forma muito breve em alguns depoimentos colhidos para a então pesquisa e, posteriormente, pela demanda cultural e econômica da feira livre de Nova Cruz – RN, que se tornou tema desta dissertação.

As objetivações relacionadas à feira livre foram se estruturando durante o curso de mestrado, e as propostas contidas no projeto inicial passaram por algumas mudanças e adaptações, que foram ocorrendo em algumas discussões nas disciplinas vistas, tais como: Aspectos Metodológicos em Análise de Discurso na Ciência Geográfica, sob regência do Prof. Dr. Josias de Castro. No decorrer do componente curricular, foi possível compreender, entre outros aspectos, elementos que envolvem a produção do discurso, os efeitos de sentido nos discursos e os diferentes sujeitos que o envolvem. Essas informações foram importantes para a análise das entrevistas. As conversas com a orientação sempre foram proveitosas e esclarecedoras, como, também, a apreciação da banca durante o Seminário de Dissertação e, finalmente, do exame de qualificação.

O título inicial “A feira livre e as representações culturais: uma análise no município de Nova Cruz – RN” foi modificado para “A feira livre de Nova Cruz – RN: aspectos culturais e econômicos”. A mudança se deu em virtude da compreensão de que a feira é um

evento econômico mediado pelo aporte cultural, e que possíveis representações estariam contidas nas dinâmicas econômicas e culturais.

Os encaminhamentos sugeridos pela banca de qualificação foram pertinentes e contribuíram para a construção desta pesquisa. Entre eles, a ampliação da discussão considerando, também, a dimensão política. Essa discussão se desenvolveu no segundo capítulo, no qual se procurou explicitar a politização cotidiana em função do uso e demarcação do território. Atentou-se, também, à questão de se elucidar concretamente a área de estudo, o que se buscou fazer com o uso de imagem, mapas, recortes de planta da área de estudo, dentre outros recursos. Faz-se interessante explicar que não se adotaram algumas observações, a exemplo de uma periodização, ou seja, a escolha de um recorte temporal para pensar o objeto de pesquisa, pois se optou por retratar a feira livre enquanto evento, isto é, em seu acontecimento cotidiano e parte da conjuntura do que isso representa. Do mesmo modo que não há um item específico para os procedimentos metodológicos, eles são apresentados nesta introdução e reforçados ao longo do trabalho.

Assim, após o término das disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, também, da apreciação literária sobre o tema em questão, iniciou-se o processo de coleta de informação. No trabalho de campo, fez-se necessário estar atento para as surpresas e as questões que poderiam ser verificadas ou refutadas, como, também, para outras questões e implicações derivadas de um trabalho empírico. A esse respeito, Goldenberg (2007, p. 13) argumenta que:

[...] nenhuma pesquisa é totalmente controlável, como início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador sempre estar em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o “possível” para ele.

Assim, intentando compreender melhor o objeto de estudo, a pesquisa alicerçou-se na utilização do método qualitativo, por meio da descrição etnográfica, utilizando o trabalho de campo. Esse é um método pelo qual é possível obter um maior “aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2007, p. 14), pois considera a pesquisa de campo e o escrever etnográfico como práticas discursivas políticas (PEIRANO, 1995).

Desse modo, a prática etnográfica pode induzir ao conhecimento do outro, assim como, também, de si mesmo, muito embora o conhecimento sobre a territorialidade do outro possa causar um olhar distinto sobre a territorialidade que é peculiar a si. A fim de fortalecer a

compreensão desse método, realizou-se a leitura dos volumes História oral: possibilidades e procedimentos, de Freitas (2002) e Usos e abusos da história oral, organizado por Ferreira e Amado (2006). Nesse caso, a ênfase recai sobre as apreensões dos feirantes e fregueses que constituem o universo cultural, econômico, como, também, político da feira livre de Nova Cruz – RN, objeto desta pesquisa. Assim, segue-se no intuito de compreender a dinâmica de serviços oferecidos na feira, as peculiaridades que são encontradas nesse espaço, tais como: produções regionais, comidas, bebidas, fazeres e dizeres vistos, ouvidos e comercializados.

Desse modo, buscou-se, nesta pesquisa, divisar e inteirar-se, por meio das falas dos feirantes e fregueses, sobre o dinamismo econômico e traços culturais próprios do acontecimento da feira, como, também, os arranjos territoriais feitos em função da delimitação política que circunscreve o evento.

O termo “evento”, para designar a feira, se repetirá ao longo deste trabalho, por se entender que ela é um acontecimento que se dá em certo tempo e espaço, sendo um veículo de possibilidades, que não existe sem o sujeito (SANTOS, M., 2006).

A partir desse entendimento, a feira livre é um evento feito por sujeitos, neste caso, feirantes e fregueses são os principais, assim como outros indivíduos, tais como crianças e visitantes, que, muitas vezes, não compram nem vendem, mas estão inseridos no cenário da feira. Também é notável que a feira seja um evento ímpar, mesmo que seus adeptos, por vezes, não percebam essa singularidade. Contudo a novidade se dá, entre outras coisas, na quantidade, qualidade e diversidade do que se vende; na chegada e saída de feirantes; nos sabores e dissabores rotineiros da vida dos participantes, naquele determinado dia de feira.

Alguns trabalhos consultados, a exemplo da dissertação de Santos, J. (2012), intitulada “A feira livre e circuitos da economia urbana: um estudo da feira da Pedra, em São Bento – PB”, tratam a feira enquanto um sistema¹. Aqui não se desconsidera a feira como sistema, visto que ela é passível de regulação e organização exercidas pelo poder público municipal, especialmente relacionadas à questão econômica, com a arrecadação de tributos e o movimento do comércio local. Entretanto, como já especificado acima, a pesquisa se volta, de modo mais profundo, à análise da feira como um evento, pois, além das questões de ordem econômica e as políticas de regulação, veem-se elementos singulares de cultura e identidade.

Desse modo, faz-se essencial perceber e analisar com fineza e atenção as peculiaridades próprias da feira livre. Para isso, a aplicação de entrevistas e/ou coleta de

¹ A feira é entendida como um subsistema da economia e dualidade dos circuitos superior e inferior da economia do espaço urbano (SANTOS, M., 1979). O circuito da economia se explicaria por meio das formas de modernização tecnológica que são extremamente seletivas, gerando um dualismo entre aqueles que podem satisfazer suas necessidades de consumo e aqueles que as têm, porém não podem satisfazê-las.

depoimentos precisa considerar uma série de fatores, tais como: a dosagem entre o conhecimento sobre o lugar e as pessoas pesquisadas, o estranhamento necessário que permita ao pesquisador desvendar ou se encantar e, até mesmo, decepcionar-se, quando confrontado como o conhecimento prévio.

Uma entrevista é uma troca de experiências entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes condições socioeconômicas e culturais, estão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão (FREITAS, 2002, p. 94-95).

Contudo, por vezes, o pesquisador não se encontra preparado para tal momento. Sobre isso, Bosi (2003, p. 61) aponta o seguinte:

Às vezes falta ao pesquisador maturidade afetiva ou mesmo formação histórica para compreender a maneira de ser do depoente. Somos em geral prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa.

Assim, na busca por superar essas limitações, faz-se essencial um trabalho de campo que permita conhecer e interagir com o objeto pesquisado, neste caso, as demandas culturais e econômicas da feira livre a partir daqueles que a fazem, ou seja, os feirantes e fregueses. Nessa perspectiva, Suertegaray (2002) argumenta que o trabalho de campo é um instrumento de análise geográfica que consente o reconhecimento do objeto, constituindo-se como um método de investigação capaz de permitir a inserção do pesquisador no movimento da sociedade em questão.

No roteiro de entrevistas semiestruturadas², optou-se por questões que permitissem tanto aos feirantes quanto aos fregueses discorrer sobre suas histórias de vida. Segundo Freitas (2002, p. 92), “em geral o roteiro segue uma ordem cronológica da trajetória dos entrevistados: origem, formação, influência, marcos significativos. Não há nenhuma rigidez nesta ordem cronológica: cada depoente segue rumos mais ou menos sequenciais”.

Aqui, cabe ressaltar a importância da história oral, que se dá, também, na subjetividade percebida na linguagem do indivíduo. A subjetividade está no olhar, na paisagem que circunda o sujeito, nos trejeitos utilizados para se expressar, e podem revelar afeições, significados e simbolismos, como, também, o imaginário das pessoas, já que a

² As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, tendo o informante a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

história oral permite uma integração com outras fontes, sendo resultado da inter-relação entre o informante e o pesquisador (FREITAS, 2002). Assim, Fiorucci (2010, p. 12), ao fazer uma análise sobre a história oral como fonte de pesquisa, argumenta que:

Os avanços teóricos e metodológicos proporcionados pelos longos debates acerca da história oral permitiram que as distorções da memória fossem tomadas como um recurso e não como um problema, afinal, o processo de relembrar pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. A história oral já ocupou o seu lugar.

A opção por trabalhar com uma metodologia como essa reside na pretensão de enfatizar a importância conferida aos sujeitos da pesquisa. Thompson (1992, p. 137) afirma que “a evidência oral, transformando ‘objetos’ de pesquisa em ‘sujeitos’, contribui para uma informação que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, como também mais verdadeira”. Isso ocorre porque são os sujeitos que concebem contorno e dão substância às histórias, ao passo que relatam suas trajetórias e a relação que nutrem com o território e a paisagem em que vivem.

Assim, os depoimentos colhidos nas entrevistas são o âmago constituinte do *corpus* da pesquisa, pois se acredita que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (BOSI, 2003, p. 69). Para a realização das entrevistas, elaborou-se um roteiro de questões abertas semiestruturadas (Apêndices A e B), as quais foram aplicadas e cujas informações foram armazenadas por meio de mecanismos de gravação, possibilitando a transcrição dos relatos proferidos pelos informantes.

O *corpus* da pesquisa é composto pelos feirantes e fregueses frequentadores da feira livre de Nova Cruz – RN. A intenção foi colher relatos de homens e mulheres de diferentes idades e atividades, com a finalidade de compreender o peso cultural e econômico que a feira ocupa em seus cotidianos. O número de entrevistados está balizado em 40, sendo 20 consumidores e 20 feirantes. Fechar o número de sujeitos pesquisados acabou se tornando uma tarefa adiada, pois, na pesquisa oral, por vezes, um depoente leva à descoberta de outros. Entretanto é preciso considerar o tempo disposto para a pesquisa em contraponto à quantidade de entrevistados, pois não é possível delimitar o tempo em que uma entrevista ocorre, bem como é preciso respeitar a velocidade e a forma de se expressar dos depoentes (FREITAS, 2002).

Desta maneira, considerou-se a realização das entrevistas até o momento em que se tornou possível “articular os depoimentos entre si e, dessa articulação, chegar a inferências

significativas para os propósitos da pesquisa” (ALBERTI, 2004, p. 36). Nesse caso, acredita-se que os propósitos foram alcançados, pois, por meio dos depoimentos, realizaram-se análises que possibilitaram chegar a algumas generalizações dos resultados.

O roteiro de entrevista foi organizado com questões semiestruturadas, de modo a permitir que as pessoas pudessem discorrer sobre a visão e relação que têm para com a feira. O que compram, por que compram e como escolhem a quem comprar? O que sentem sobre a feira e quando estão nela? Nessa perspectiva, Manzini (2004, p. 9) esclarece que:

[...] entrevista semiestruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem.

Portanto, os mecanismos metodológicos são pensados sob a perspectiva de uma inter-relação de saberes, pois intermediam o diálogo, tanto com os autores da Geografia Cultural e Econômica, quanto da Antropologia e da Sociologia. Essa é uma maneira de se pensar a Ciência Geográfica, que considera a sociedade humana e a sua relação com o espaço e todos os seus elementos como peça primordial de sua apreciação.

Assim, as perspectivas de investigação metodológica com as quais se estuda a feira livre apresentam concepções da fenomenologia e da dialética. Busca-se, com isso, uma compreensão do evento a partir dos elementos que o compõe, os desdobramentos e desconstruções que são ali tecidas, pois, quando se exploram indivíduos e territórios, depreende-se do terreno das certezas, pois tudo é movimento constante. Deste modo, Serpa (2006, p 20-22), esclarece que:

Dialética e fenomenologia não se excluem no trabalho de campo em Geografia. Enquanto métodos podem funcionar como estratégias complementares buscando-se sempre a construção da síntese sujeito-objeto, própria ao ato de conhecer [...]. É necessário enfatizar as múltiplas possibilidades da dialética, com a arte do falar e pensar, em nada, incompatíveis com uma abordagem fenomenológica.

Dessa forma, esta pesquisa se atreve a estabelecer um diálogo entre os métodos fenomenológicos e dialéticos, a fim de compreender os ditames que se evidenciam no evento da feira livre, a partir do território enquanto lugar de vida e representação para os indivíduos que dele fazem uso. Cabe observar que o conceito de lugar tem uma acepção especial na

Geografia Cultural, pois se refere a um local e os valores a que eles são associados, uma vez que “profundos laços psicológicos se formam entre as pessoas e os lugares que elas experimentam. Todos reconhecem que alguns locais são de algum modo distintivos para nós e para os outros. Um lugar, então, é o local que tem uma identidade particular” (CARNEY, 2007, p. 146).

Os conceitos de cultura, paisagem e território, que embasaram a discussão, se apresentam dentro de um esquema teórico-metodológico, intermediado pela pesquisa de campo, na busca por compreender a formação da feira livre de Nova Cruz – RN em sua constituição econômica e cultural, e algumas das implicações políticas que se desenvolvem no espaço da feira livre, por ocasião das demarcações territoriais e normas de organização.

Como instrumentos metodológicos, realizaram-se registros fotográficos das várias seções que compõem a feira, além das entrevistas. Esses instrumentos foram muito relevantes para avaliação e compreensão da importância que a feira livre desempenha no cotidiano desses dois sujeitos principais, isto é, feirantes e fregueses. Para tanto, foi necessária a observação e compreensão de como os feirantes e fregueses se veem e a maneira como enxergam e sentem o evento da feira livre.

Assim, fez-se primordial analisar de que forma o evento feira livre se projeta na organização territorial e paisagística da cidade, avaliando os elementos perceptíveis a partir dos significados que emergem das relações de afetividade que o sujeito construiu com o espaço vivido.

Dessa forma, feitas as considerações metodológicas e conceituais sobre a construção do objeto de pesquisa, faz-se interessante apresentar como a dissertação se encontra estruturada. Assim, estão descritos, aqui, o que trata cada capítulo.

No primeiro capítulo, Paisagem, território e cultura da feira livre de Nova Cruz – RN, discutem-se os aspectos teórico-metodológicos para a compreensão da feira livre de Nova Cruz – RN. Com isso, pretendeu-se delimitar certo campo de investigação, capaz de possibilitar a compreensão da feira, enquanto fenômeno econômico e cultural, a partir dos conceitos de paisagem, cultura e território. Apresentam-se, também, alguns aspectos socioespaciais da cidade de Nova Cruz – RN, localizando-se o município no contexto do estado do Rio Grande do Norte e tratando-se brevemente de sua importância para região, destacando-se o papel da feira livre na sua constituição. Relatam-se, ainda, as primeiras apreensões sobre a feira livre e as considerações sobre o desenvolvimento da pesquisa e trabalho de campo.

No segundo capítulo, Relações culturais, políticas e econômicas da feira livre de Nova Cruz – RN, busca-se caracterizar e discutir o território e as territorialidades identificados na

feira livre, como, também, algumas das políticas de organização próprias das relações território-territorialidade. As discussões sobre território e territorialidade se apoiam em autores apresentados no primeiro capítulo, dando suporte para as leituras das imagens captadas no evento da feira livre. Durante a pesquisa de campo, fizeram-se várias imagens, que caberão aqui enquanto suporte para elucidar e descrever a feira. Outro ponto tratado nesse capítulo são as relações campo-cidade a partir da feira livre, como elas ocorrem e como os sujeitos pesquisados as percebem. São contempladas ainda, as relações multiculturais, passíveis de serem identificadas no evento da feira livre de Nova Cruz – RN. Ou seja, a dinâmica entre produtos e serviços originários do lugar e aqueles que são encontrados em qualquer outro. Para isso, é imprescindível trazer a análise dos relatos de feirantes e fregueses.

O terceiro capítulo, feira livre e representações culturais: relações de identidade, fidelidade e afetividade, apresenta uma análise sobre as relações de identidade, fidelidade e afetividade, construídas no ambiente da feira livre mediante as vivências e convivências dos feirantes e fregueses. As ponderações analisadas, também, foram tecidas a partir das falas provenientes das questões propostas no roteiro de entrevistas. Para tanto, utilizou-se um arcabouço teórico-metodológico que enfatizou a análise das fontes orais, a partir de autores que tratam das questões sobre vida e memórias, como Pollak (1989, 1992), Fortunato e Ruscheinsky (2004) e Ferreira e Amado (2006).

CAPÍTULO 1

PAISAGEM, TERRITÓRIO E CULTURA DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN

Este capítulo se inicia com a discussão de algumas questões teórico-metodológicas concernentes aos conceitos de cultura, Geografia Cultural, paisagem e território, entendidos dentro da vertente cultural da Ciência Geográfica. Tendo como base tal discussão, pretende-se chegar a uma análise sobre a dimensão cultural e econômica da feira livre de Nova Cruz – RN. Para tanto, torna-se importante conhecer essa cidade. Assim, o trabalho traz uma breve apresentação de alguns aspectos socioespaciais dessa cidade, pois é preciso localizar e entender previamente um pouco da importância de Nova Cruz – RN na região em que se encontra inserida.

Na sequência, contemplam-se as interações entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa, de forma que serão descritas e analisadas algumas das experiências do contato com o campo, a aplicação de entrevistas, como, também, algumas apreensões³ acerca do campo de pesquisa.

1.1 PERSPECTIVAS SOBRE CULTURA E COTIDIANO

A análise da relação entre cotidiano e cultura parte do embasamento teórico-conceitual sobre cultura, discutidos, dentre outros, por Bosi (2003), Hall (2013) e Laraia (2014). Para uma melhor compreensão da cultura na rotina dos indivíduos, apresentam-se, também, leituras sobre a importância do cotidiano, tratado por Carlos (2007) e Certeau (1998), os quais abordam sobre as práticas cotidianas, as satisfações das necessidades humanas e as estratégias inerentes a elas.

Laraia (2014) apresenta um apanhado antropológico sobre o conceito de cultura, tratando, entre outras discussões, da diversidade cultural diante do determinismo biológico e geográfico, como, também, discorre sobre como se dá a participação do indivíduo em sua própria cultura e como essa cultura opera nesse indivíduo. Por sua vez, Bosi (2003) apresenta o cotidiano, o movimento dos dias, os jogos de memória, a relação entre passado e presente com suas culminâncias e significados que se manifestam nas paisagens e marcos temporais. Já

³ As apreensões estão aqui relacionadas às peculiaridades do campo de pesquisa, às concepções de tempo e espaço próprias do evento da feira livre. Contudo, é preciso considerar, também, “que a percepção cotidiana é sempre inacabada, aberta, falha e sujeita a brancos e vazios” (SERPA, 2011, p. 4).

Hall (2013) debate os deslocamentos próprios do processo de globalização, que tem seus fluxos criados e/ou introduzidos nas paisagens culturais, e como estes se processam na identidade dos indivíduos.

Essas concepções são relevantes para a compreensão da feira livre, pois esta carrega um forte viés cultural e sua constituição apresenta, a todo tempo, um mosaico entre passado e presente, que são visíveis na configuração da paisagem. A dicotomia temporal está tanto nos objetos e produtos expostos para venda nas bancas da feira quanto nas formas utilizadas para atrair atenção dos consumidores. Assim, têm-se nos mesmos espaços disponíveis para a venda, *pen drives*, celulares, acessórios para computadores, como, também, pavios e candeeiros⁴. Pode-se entrever que as ambiguidades temporais que se mostram nos objetos e comportamentos fazem parte do espaço urbano, contudo, na feira livre, a dualidade presente/passado se apresenta mais latente.

Nas estratégias utilizadas pelos feirantes para atrair os consumidores, o velho e novo, também, se apresentam, uma vez que são empregados desde brados e assovios, megafones, até microfone com caixas de som portáteis. Por isso, entender e conceituar cultura se faz fundamental, pois, como apontam Wagner e Mikesell (2000, p. 144):

A cultura resulta da capacidade dos seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem dos mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao redor e atribuem significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado.

Assim, as formas de pensar, produzir e articular uma combinação de ações que se expressam no espaço e lhe concedem sentido são frutos das significações culturais, nisso se incluindo as “maneiras de fazer” com as quais se “constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1998, p. 41).

As “maneiras de fazer” que ocorrem articuladas à relação do indivíduo com o espaço são mensuráveis quando pensados os espaços nos quais se realiza a feira livre, pois as ruas são reapropriadas, ganhando novos arranjos e funções nos dias em que o evento acontece. Sobre o modo de pensar a rua, Gomes (2012, p. 27) discorre que:

⁴ Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, A., 2001), candeeiro é um aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável. No caso do Nordeste brasileiro, os candeeiros eram feitos em zinco e o combustível utilizado era o querosene. Foram usados até meados da década de 1990, em pequenas cidades do interior, pois ainda não havia luz elétrica. Hoje podem ser vistos como peças decorativas, utilizados, por exemplo, em restaurantes de perfis regionais.

[...] a rua pode ser vista como a unidade fundamental e mínima do espaço desse homem público. Ela é multifuncional, há uma infinidade de possibilidades de apresentar e de justificar a presença nesse espaço. A rua, talvez, seja o único lugar onde o ócio, a simples observação, a ação inesperada se confundem com o comportamento funcional sem que nenhum deles se veja obrigado a declarar sua intenção. Basta está; isso é uma imediata legitimidade.

Carlos (2007) descreve a rua com uma dimensão concreta da espacialidade das relações sociais, sendo capaz de expressar um dado momento histórico que se apresenta mediante os gostos, os olhares e os rostos, isto é, os comportamentos. Desse modo, “deve-se atentar para o comportamento e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 1989, p. 27).

Assim, as ideias sobre cultura e cotidiano se apresentam amparadas nas discussões da Geografia Cultural debatidos por Claval (1999, 2011), Bonnemaïson (2002), Gomes (2009, 2012), Corrêa (2010, 2011, 2012), Haesbaert (2006, 2007, 2010a, 2010b, 2014) e Saquet (2011). Estes autores dialogam sobre as *interfaces* culturais da Geografia, como, também, os conceitos de cultura, paisagem e território. É importante ressaltar que, entre as diversas questões vistas na Geografia Cultural, estão sendo privilegiados aqui os conceitos de território e paisagem, com seus desdobramentos sobre as relações de pertencimento, identidade e afetividade.

1.2 PAISAGEM, TERRITÓRIO E FEIRA LIVRE

A paisagem é tida como um dos conceitos-chave da Ciência Geográfica, e já teve diferentes significações decorrentes das fases pelas quais a Geografia passou. Para a Geografia Cultural, a paisagem vai além daquilo que a visão compreende, alcançando todos os sentidos humanos, incluindo-se as apreensões de ordem simbólica e subjetiva.

As acepções atribuídas à paisagem tornaram-se, paulatinamente, um dos elementos mais significativos da Geografia, pois a leitura da paisagem é essencial na busca por se compreender a ação humana que se espacializa e configura os territórios. Nesse sentido, Sauer (1925 apud MCDOWELL, 1996, p. 162-163) aponta que a paisagem se ancora em três pontos norteadores:

Primeiro: reconstrução de forças ambientais e humanas que formaram as paisagens; segundo: a identificação de regiões culturais distintas e homogêneas definidas por artefatos materiais tais como tipos de casas e atributos culturais não materiais tais como linguagem ou religião; e terceiro, o estudo da ecologia cultural histórica onde a atenção é concentrada em como as percepções humanas e os usos da linguagem são culturalmente condicionadas.

Ainda sobre a concepção de paisagem, Corrêa (1995, p. 4-5) define que:

[...] é de um lado o resultado de uma dada cultura que a modela, e de outro, constitui-se em uma matriz cultural [...] muitos de seus elementos servem de mediação na transmissão de conhecimentos, valores, contribuindo para transmitir de uma geração à outra o saber, as crenças, os sonhos, e as atitudes sociais.

Desse modo, as paisagens da vivência cotidiana são carregadas de significados, por isso, a Geografia Humanística se interessa em decodificá-las. Isso acontece em virtude de a Geografia estar em toda parte, reproduzida diariamente por cada indivíduo. Muito dessa reprodução é significativa nas paisagens cotidianas, ao passo que “a paisagem é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. Assim, os seres lhes atribuem um significado” (ALMEIDA, M., 2008 p. 47).

A esse respeito, Bonnemaïson (2002) acrescenta que a coerência dos grupos, quer sejam de etnia ou mesmo de cultura, só é dotada de sentido quando integrada a um território construído. Assim, também, os territórios, os lugares e a paisagem não podem ser compreendidos senão em alusão ao universo cultural.

O conceito de território está diretamente vinculado à noção de poder, quer seja político, simbólico ou econômico, dentre outras esferas. Por isso, no território, haverá relações de conflito, que podem ocorrer por pela necessidade do indivíduo em sentir-se representado pelo território com o qual construiu vínculos. Sobre essa assertiva, Haesbaert (2007, p. 48) corrobora que:

[...] o território reforça sua dimensão enquanto representação, valor simbólico. A abordagem utilitarista de território não dá conta dos principais conflitos do mundo contemporâneo. Por isso “o território é primeiro um valor”, pois uma existência e mesmo uma imperiosa necessidade para toda sociedade humana de estabelecer uma relação forte, ou mesmo uma relação espiritual com seu espaço de vida, parece claramente estabelecida.

Cabe observar que espaço e território não podem existir separados, pois sem espaço não existe território, eles guardam gêneses diferentes. De modo singular, o espaço estaria definido por uma dimensão social mais ampla, abrangendo os processos de extensão e coexistência simultâneos à transformação da natureza, enquanto que ao território caberia as problemáticas de ordem política das quais demandam as diferentes esferas e relações de poder (HAESBAERT, 2010a).

O conceito de território é indispensável para balizar as discussões aqui propostas, pois a feira livre se dá num espaço determinado, circunscrito, nesse caso, pelo poder público

municipal, que dispõe de fiscais a fim de manter a organização do evento, seja controlando os lugares das bancas dos feirantes, a circulação de veículos ou o fluxo de feirantes e fregueses.

Assim, a ideia de território está vinculada às noções de controle, poder ou organização de uma dada área, contudo sua formação concede àqueles que o habitam a consciência de participação, proporcionando a confraternização, que dá sentido à territorialidade de forma subjetiva (ANDRADE, 2004).

Para se compreender as concepções concernentes à paisagem, é propício entender que “paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas, que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” (SANTOS, M., 1988, p. 103).

Dessa forma, a paisagem é formada pela junção de inúmeros elementos que estão distribuídos em um território representado por mecanismos culturais. E são esses mecanismos culturais que, em alguns momentos, acabam por definir e sistematizar as ações sociais, que conceberam, concebem e/ou conceberão a paisagem, que é mutável. Santos, M. (1988, p. 25) explica que “a paisagem tem um movimento mais ou menos rápido, pois as formas dependem não só das possibilidades técnicas, mas das econômicas, políticas e culturais”. Contudo Laraia (2014, p. 80) assenta que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”.

Na empreitada de se compreender a relação entre o indivíduo e o espaço por ele transformado, os estudos culturais são essenciais para as ciências humanas e sociais. Nesse sentido, Claval (1997) afirma que a Geografia Cultural moderna, ao colocar a humanidade no cerne de sua análise, se incumbiu de uma complexa empreitada, sendo, inclusive, impelida a desenvolver novas abordagens, que se organizam por três eixos que são, também, convergentes e complementares:

Primeiro ela parte das sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois, compreendida como criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAl, 1997, p. 92).

Sendo assim, é possível observar que a afetividade que o indivíduo constitui com o lugar enquanto espaço de vivência cotidiana faz com que, por vezes, ele se sinta parte da paisagem que o envolve, já que ela é percebida como expressão das relações e realizações culturais imprimidas espacialmente para serem diferenciadas socialmente num determinado território, pois “as forças sociais efetivam o território no e com o espaço geográfico, centrado

nas territorialidades e temporalidades dos indivíduos e emanando delas, condicionando e sendo diretamente determinado por nossa vida cotidiana” (SAQUET, 2011, p. 27).

Almeida, M. (2008) define o território como tradução das relações de convívio que proporcionam ao indivíduo um vínculo de pertencimento à sua terra, quer sejam estas relações sociais, políticas, econômicas ou simbólicas – sendo possível cultivar, por meio delas, uma identidade cultural tanto individual como comunitária.

Dessa maneira, cabe ao olhar geográfico o desvendar desses significados e a relação analítica dos sentidos e significados expressos na paisagem. A cultura é uma das principais portas para que o geógrafo possa ler e compreender os seus diferentes e possíveis significados, pois “além de produzir a sua própria história, os homens também produzem a sua própria geografia e o objetivo do geógrafo deve ser o estudo das condições e formas desse “fazer geográfico” (SEEMAN, 2001, p. 63).

1.3 PERSPECTIVAS CULTURAIS E ECONÔMICAS DO EVENTO FEIRA LIVRE

A Geografia Cultural procura compreender as relações que se processam entre espaço e cultura, que são diversas, pois ponderam, ao mesmo tempo, os fenômenos materiais e imateriais, objetivos e subjetivos, tradicionais e modernos, particulares e universais, dos grupos ou individuais. Entretanto, das várias acepções sobre cultura, o olhar geográfico está especialmente voltado para a dinâmica e movimento que caracterizam os fenômenos físicos e humanos, em especial das relações entre eles (CASTRO, 2012). No entanto, Bonnemaïson (2002) argumenta que essa tarefa a que se propõe a abordagem cultural da Geografia não é fácil, visto que

[...] o projeto de toda a análise geocultural é procurar definir esse espaço onde se aloja a cultura. Isso não é simples, pois a cultura não organiza o espaço, mas o penetra. Ela desenha uma semiografia feita de um entrelaçamento de signos, figuras e sistemas espaciais que a representarão, arrisquemos a palavra “geossimbólica” da concepção que os homens fazem do mundo e de seus destinos. Essa semiografia quadricula o espaço de territórios que são sociais e, mais profundamente, culturais (BONNEMAISON, 2002, p. 105).

A Geografia Cultural é tida como um subcampo da Ciência Geográfica, e analisa a dimensão espacial da cultura, desde o início do século XX. Claval (1999) trata dessa evolução e observa que as questões que os geógrafos do século XX discutiam e observavam a respeito dos fatos culturais eram superficiais, pois desconsideravam os pontos assentados pela

transmissão dos saberes e as diversidades de forma que tais saberes assumiam no seio de uma sociedade. Para o autor, os estudos até então se concentravam sobre os artefatos com os quais os indivíduos trabalhavam no solo.

Ainda nessa perspectiva, Claval (1999) assenta que até a Segunda Guerra Mundial os artefatos⁵ com os quais os pesquisadores identificavam cultura permaneceram os mesmos e foram adequados de acordo com as necessidades de cada lugar, no entanto, o advento da industrialização os uniformizou. O interesse dos geógrafos pelos fatos culturais, que eram centrados no conjunto de utensílios elaborados pelo homem para explorar o meio ambiente e organizar o hábitat, passou a se esvaziar de sentido com a mecanização, pois desapareceu a pertinência dos fatos culturais para explicar a diversidade das distribuições humanas.

A década de 1970 parecia, então, trazer o fim da Geografia Cultural, porém isso não ocorreu. A uniformização que se faz tão presente obrigou os geógrafos a se voltarem para as dimensões culturais dos fatos que observavam, dedicando especial atenção às representações que até então haviam sido negligenciadas. A partir da década de 1970, surgiu uma nova abordagem, a Geografia Cultural renovada, na qual o conceito de cultura foi resinificado, fugindo da visão supraorgânica⁶ e sendo atualmente observado como um reflexo, uma mediação e uma condição social. A esse respeito, Corrêa (2011, p. 23-14) afirma que

[...] nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não material, tanto o presente, como o passado, tanto os objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana.

Dessa forma, Claval (1999) corrobora que, nas últimas décadas, as pesquisas têm contribuído para as discussões econômicas, sociais e políticas da Geografia. A Sociologia e a Etnologia apareceram como aportes na análise dos gêneros de vida, e o tempo e os indivíduos incidem, nesse contexto, como unidades singulares, o que dá à cultura uma leitura plural.

Dentre essas vertentes de discussão, encontra-se inserida a presente pesquisa, pois a feira livre é um ambiente onde é possível fazer uma rica leitura dessa geografia que procura compreender a pluralidade cultural. Pazera Junior (2003) e Almeida, S. (2009) atribuem o surgimento das feiras ao período da Idade Média, relatando que, no Brasil, há evidências delas

⁵ Referiam-se, em sua maioria, aos campos, às moradias, aos animais, aos instrumentos de trabalho, a uma espécie de mapeamento visível da cultura material produzida por grupos e materiais específicos.

⁶ Segundo Corrêa (2011), a visão supraorgânica é a concepção na qual a cultura é concebida segundo o senso comum e dotada de poder explicativo.

desde o período colonial. Ao longo do tempo, o conjunto cultural e econômico de que se constitui a feira livre foi transpassando por transformações, mas não alteraram a essência do evento, apenas o adequou à contemporaneidade. Desse modo, Almeida, S. (2009) afirma que, nos tempos modernos, as feiras têm diversificado o oferecimento de produtos. Especialmente as que se conhecem hoje, dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, contendo desde produtos sofisticados até mínimas coisas para as camadas mais abastadas (ALMEIDA, S., 2009, p. 24).

Pazera Junior (2003) classifica a feira como um fenômeno de grande relevância e notoriedade na vida econômica e social do Nordeste brasileiro, estando quase sempre incluída nos estudos de cunho regional. Isso ocorre porque a feira traz elementos típicos de uma paisagem demarcada por múltiplos objetos e ações inter-relacionadas (SANTOS, B., 1997). A natureza desse espaço congrega valores culturais que atraem as pessoas, tanto por suas necessidades básicas quanto pela lógica do mercado, dos comerciantes e das diferentes combinações materiais de cada cultura. Assim, a feira é uma paisagem delimitada por encontros de diferentes interesses. Ainda nesta linha de pensamento, Mott (2000, p. 32) a define como:

[...] um tipo de comércio tradicional alternativo a essa modernidade dos supermercados e shopping centers, e que o fato de ser ao ar livre, de ter uma dinâmica baseada nos contatos primários, face-a-face, muitas vezes permeado pelo ritual da barganha, da discussão do preço – esse seu perfil tradicional dá a esta instituição um toque de charme.

Esse “toque especial” citado por Mott (2000) é facilmente notado no fantástico universo das feiras livres nordestinas, as quais, por sua vez, podem ser descritas como um calidoscópio multicolor. As cores estão nas frutas, nas verduras, nos artesanatos em couro, barro ou madeira, nas vestimentas das pessoas e em tantos outros detalhes que formam a feira. Esse cenário de misturas vivas se comunga aos sentidos dos sabores e odores. Seja das frutas típicas de cada lugar (banana, melancia, laranja, abacaxi etc.), seja dos temperos moídos (pimenta-do-reino, cominho, semente de coentro, orégano, dentre outros) ou, ainda, dos artigos de couro (cela, arreio, chicote, corda etc.) que são direcionados a um público mais específico.

Outro debate relevante se refere à importância econômica da feira. Trata-se de um evento pensado para a movimentação e distribuição econômica, de forma que as contribuições de Santos, M. (1988, 2003, 2006), Pires do Rio (2010, 2012) e Gertler (2010) foram importantes para esse entendimento, pois tratam, respectivamente, sobre os circuitos da economia e da relação entre o cultural e o econômico.

Santos, M. (2003) aborda as demandas relativas às questões espaciais, entre elas, as inovações e rugosidades presentes nos espaços, como também a economia e suas divisões e estruturas. Para o autor, “a importância de um indivíduo, enquanto produtor e consumidor também dependem de sua posição no espaço e varia em função das oportunidades na estrutura espacial” (SANTOS, M., 2003, p. 169). Pires do Rio (2010), por sua vez, aborda a dimensão cultural do econômico e as espacialidades e superfícies com seus fluxos e redes. Assim, “mesmo reconhecendo-se a possibilidade de deformações, as estruturas econômicas espacialmente organizadas, trazem em si a tensão entre passado e futuro, valores patrimoniais acumulados no tempo e no espaço de um lado, criação de valor, de outro” (PIRES DO RIO, 2010, p. 17).

Ainda sobre a relação entre o cultural e o econômico, Gertler (2010) faz considerações a respeito da virada cultural⁷, esclarecendo como ela contribuiu para uma perspectiva cultural da economia geográfica. Assim:

Cultura e economia são hoje considerados dois lados da mesma moeda. Estruturas aparentemente naturais, como mercados, são compreendidos agora como profundamente integradas. Simplesmente não se pode entender como funcionam as economias em determinados lugares (ou como processos de produção se desenvolvem) sem considerara matriz social mais ampla nas quais elas estão situadas (GERTLER, 2010, p. 87).

Desse modo, as relações entre o cultural e o econômico estão intimamente ligadas, e compreendê-las é algo que se faz necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

É válido salientar que, quando se trata da problemática em discussão, em algumas ocasiões, será tênue demarcar até que ponto a cultura tem influência sobre a economia e vice-versa, visto que “produção econômica se caracteriza, cada vez mais, por traços culturais, enquanto a cultura torna-se progressivamente mercantilizada, bens e serviços simbólicos são progressivamente produzidos e consumidos” (SCOTT, 2001 apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2010, p. 8). Ampliando a discussão, Corrêa (2011) aponta que o urbano pode ser estudado mediante diversas dimensões, inclusive a cultural, pois esta permite a compreensão da sociedade em termos econômicos, políticos e sociais, tornando mais compreensíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade e na rede urbana.

⁷ Segundo Claval (2011), a virada cultural foi um movimento ocorrido na Geografia em meados da década de 1990, que diminuiu as rupturas epistemológicas que apareciam como um conjunto de subdisciplinas: Geografia Econômica, Geografia Política, Geografia Urbana, Geografia Cultural, dentre outras, que, até então, tinham uma divisão demarcada e rígida.

Nesse sentido, Pires do Rio (2012) inclui as atividades econômicas, a exemplo das feiras livres, pois elas são proporcionadas pela proximidade geográfica e o ritmo habitual da vida urbana. Essas atividades informais dependem do espaço público para existir e estão condicionadas à agilidade dos vendedores de rua e ao trajeto que estes circulam ou mesmo ao lugar onde se fixam durante o evento.

Dessa forma, é possível pensar e organizar alguns arranjos, tais como: paisagem e território; paisagem e cultura; paisagem dos lugares centrais, rugosidades e fragmentações territoriais. Esses arranjos se fazem no evento da feira a todo tempo, pois se perpetram na arrumação das ruas com a disposição dos produtos expostos para a venda, que, por vezes, podem estar voltados para um determinado público (tais como os vaqueiros), refletindo hábitos e atividades culturais comuns a um determinado grupo, criando, de certa forma, uma territorialidade. Consegue-se entrever, também, como são desenvolvidas relações de identidade a partir desses arranjos. A respeito da identidade que o indivíduo confere a esses arranjos espaciais, Claval (1997, p. 82) ressalta que

[...] o homem aprende o mundo através de seus sentidos: ele observa as formas, escuta os barulhos e sente os odores daquilo que o envolve. Os movimentos de seu corpo constituem experiência direta com o espaço. O gosto lhe revela o que ele come ou bebe, e outras prioridades.

Desse modo, pode-se refletir que a paisagem se relaciona com as experiências vividas e suas diferentes significações: o território e a territorialidade, o espaço e o tempo, enquanto análises geográficas, pensadas a partir das experiências vividas e percebidas pelos seres humanos que se apresentam na constituição paisagística.

A riqueza de detalhes da feira aponta algumas especificidades e relações humanas que são aglutinadas pela cultura. Desse modo, diversos elementos são passíveis de serem encontrados num mesmo espaço que se presta a diferentes usos, trocas e relações, como as de afetividade, fidelidade e identidade. Essa multifuncionalidade institui a feira como um território portador de significados que outros universos culturais desconhecem ou não conseguem absorver em detalhes; já que a compreensão da paisagem, vista nesse território, só se torna inteligível a partir dos símbolos culturais.

Assim, parte significativa do simbolismo transmitido pela paisagem reporta às normas culturais, que estabelecem ou reforçam os valores de grupos dominantes. Por isso, as paisagens devem ser pensadas, concomitantemente, de modo crítico e original, congregando a dimensão simbólica ao pensamento geográfico.

Nessa perspectiva, Laraia (2014, p. 55) argumenta que “toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade da simbologia que cria a cultura. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria apenas um animal não um ser humano”. Contudo esses símbolos só ganham significação quando vistos integrados a um complexo de paisagens (SUERTEGARAY, 2004) que é originado e sistematizado dentro da natureza própria de cada cultura.

Diante do contexto apresentado, percebe-se que os conceitos geográficos de paisagem e território são aportes relevantes para a discussão aqui proposta, sendo utilizados a fim de fortalecer e intermediar a análise sobre os aspectos culturais e econômicos da feira livre de Nova Cruz – RN. Assim, no intento de localização e contextualização espacial, serão tratadas, a seguir, algumas informações sobre a cidade de Nova Cruz – RN.

1.4 ASPECTOS SOCIOESPACIAIS DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN

Nova Cruz – RN é uma cidade de porte médio que aglutina várias funções. “Ao falarmos de cidade no Brasil estamos nos referindo a um aglomerado sedentário que se caracteriza pela presença de mercado (troca) e que possui administração pública” (LENCIONE, 2008, p. 117).

Existem poucas informações acadêmicas relativas à cidade em questão, a exemplo de teses e dissertações. As informações aqui contidas são resultado das visitas exploratórias ao campo, como, também, da leitura de duas dissertações de mestrado que fazem referência tanto à cidade de Nova Cruz – RN quanto à sua feira livre, objeto de estudo desta pesquisa. Também são considerados dados e informações da base cartográfica e da publicação Regiões de Influência das Cidades (Regic) 2007, ambas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2008, 2014).

A definição de Nova Cruz – RN como uma cidade de porte médio baseia-se num dos parâmetros bastante utilizados na classificação das cidades, ou seja, o critério populacional. De acordo com Maia (2009), regularmente, as cidades são qualificadas em pequenas, médias e grandes, tomando como base o contingente populacional. Desse modo, aquelas que possuem até 20 mil habitantes são consideradas pequenas, as acima desse montante seriam classificadas como cidades médias, e aquelas com mais de 500 mil habitantes seriam consideradas cidades grandes.

O município de Nova Cruz – RN passou por um notável processo de crescimento populacional, de 12.809 habitantes, em 1980, para 35.490, em 2010, dos quais 68,7% residem

na área urbana, totalizando 24.380 habitantes, e 31.3% na zona rural, com 11.110 habitantes (BRASIL, 2010).

Assim, Nova Cruz – RN, pode ser classificada como uma cidade de porte médio, com considerável influência regional para as cidades em seu entorno. Essa influência se deve, em boa parte, ao fato de a cidade ter desenvolvido um comércio dinâmico e diversificado.

Os trabalhos dissertativos aqui mencionados foram produzidos no ano de 2010. O primeiro, defendido no PPGG/UFPB, é de autoria de Coutinho (2010) e intitula-se “Nova Cruz: sua dinâmica e as relações com as cidades de Montanhas e Lagoa d’Anta – RN.” A pesquisa abordou a influência de Nova Cruz – RN, em termos estruturais, de serviços e urbanização, sobre as cidades limítrofes de Montanhas e Lagoa d’Anta. O autor destacou, em um dos capítulos, o papel da feira livre enquanto um dos elementos responsáveis por essa influência.

A segunda pesquisa foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por Lima (2010), e tem como título “De baixo para cima: implicações socioespaciais da transferência da feira livre na (re)produção do espaço urbano de Nova Cruz – RN (1991-2010)”. O trabalho trouxe, como problemática central, as implicações socioespaciais provenientes da reprodução do espaço urbano da cidade de Nova Cruz – RN, ocorridas entre os anos de 1991 e 2010.

A discussão tratada pelo autor reporta a transferência da feira livre realizada no ano de 1991 do Centro da cidade para o bairro São Sebastião. Neste último, verificou-se um maior crescimento no espaço urbano após a chegada da feira. Quanto aos serviços, o autor informa que a cidade se encontra entre aquelas pequenas e médias com maior oferta, pois Nova Cruz – RN conta com a 3ª Diretoria Regional de Educação (Dired) do estado, o Núcleo Avançado de Educação Superior da UFRN e, ainda, com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Essas instituições atendem às demandas do município e das cidades vizinhas, tanto do próprio estado como, também, da Paraíba.

No que se refere ao setor secundário da economia, de acordo com Coutinho (2010), o município dispõe de segmentos na produção de alimentos, confecções de tecidos, construção civil, madeiras, gráficas, artesanato, entre outros, tendo certa influência para as cidades vizinhas. Contudo, considerando o processo histórico e geográfico da cidade, são as demandas econômicas que conduziram o seu processo de formação, sendo as atividades comerciais decisivas para a configuração urbana. A feira é vetor principal desse contexto, já que, com sua transferência do Centro para o bairro São Sebastião, ocorreu, também, a mudança de função,

pois o Centro sofreu uma desativação comercial. A movimentação comercial que existia no Centro foi transferida para o bairro São Sebastião (LIMA, 2010).

Sobre o contexto urbano da cidade de Nova Cruz – RN, Lima (2010) observou que a urbanização predominante no município tem influência direta no papel de centralidade que ela exerce em relação às cidades localizadas em seu entorno. O crescimento urbano se faz relevante, principalmente, devido às funções econômicas dessa cidade, no conjunto das cidades do Agreste Potiguar.

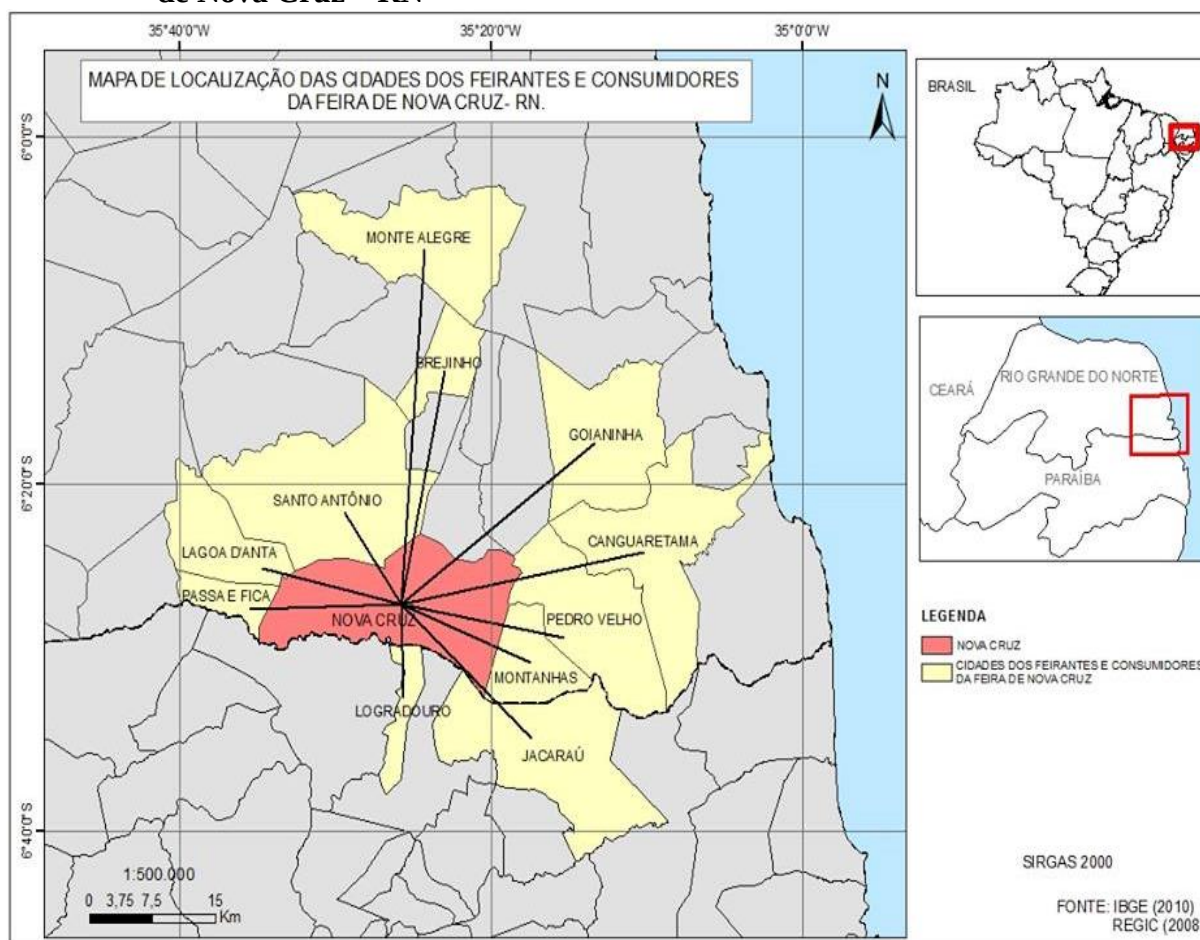
Coutinho (2010) detectou, em sua pesquisa⁸, que a feira livre de Nova Cruz – RN, além dos fregueses locais, recebe consumidores e feirantes das cidades de Montanhas, Lagoa D’Anta, Santo Antônio, Pedro Velho, Canguaretama, Passa e Fica, Goianinha, Brejinho e Monte Alegre, localizadas no estado do Rio Grande do Norte, e, também, das cidades de Jacaraú e Logradouro, no estado da Paraíba. O maior número de feirantes registrado pelo pesquisador foi das cidades de Montanhas, Lagoa D’Anta, Santo Antônio, Goianinha, Brejinho, Monte Alegre, Jacaraú e Logradouro.

A fim de entender melhor essas informações, confeccionou-se um mapa de localização (Figura 2) baseado nas informações dos trabalhos dos autores aqui apresentados. No mapa, estão localizadas as cidades de onde é proveniente a maioria dos feirantes e consumidores que frequentam a feira livre de Nova Cruz – RN. Nota-se que a feira Livre de Nova Cruz – RN interliga as cidades vizinhas, e a polarização exercida pelo evento acontece na atração tanto dos feirantes como dos consumidores.

A respeito da influência regional exercida pela cidade, é válido ressaltar a importância da feira livre, que, historicamente, desempenhou função de comercialização e abastecimento para as cidades mais próximas. Sobre a formação histórica, Coutinho (2010) relata que o município de Nova Cruz – RN teve seu processo de ocupação a partir do século XVII, com o desenvolvimento da pecuária. Em 1848, ainda se chamava São Bento, quando foi anexado ao município de Goianinha. Em 1852, foi emancipado e passou a se chamar Nova Cruz. Algumas cidades no entorno do município, a exemplo de Serra de São Bento, Passa e Fica e Campestre, já foram distritos pertencentes ao território de Nova Cruz – RN. Assim, Nova Cruz – RN está presente no contexto histórico dessas cidades, mantendo com algumas delas relações sociais e comerciais, dentre as quais se sobressai a feira livre.

⁸ Apresentam-se os dados da pesquisa de Coutinho (2010), pois o autor colheu um maior percentual sobre os locais de deslocamento dos feirantes e fregueses que frequentam a feira de Nova Cruz, e o trabalho de campo realizado nesta pesquisa, embora localize seus entrevistados e, também, tenha notado a repetição dos nomes dessas cidades, teve interesse maior em captar as histórias e vivências relativas à feira livre enquanto evento econômico e cultural, o que demandou maior tempo de escuta e transcrição, e limitou o número de entrevistados.

Figura 2 – Mapa de localização das cidades dos feirantes e consumidores da feira livre de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica e da Regic do IBGE (BRASIL, 2008, 2014).

É curioso notar que, mesmo exercendo influência sobre as cidades elencadas, a Regic (BRASIL, 2008) classifica a cidade de Nova Cruz – RN como centro local⁹ e as cidades de Santo Antônio e Passa e Fica como centro de Zona B¹⁰. Nessa interpretação, Nova Cruz – RN teria uma influência menor que estas últimas cidades mencionadas.

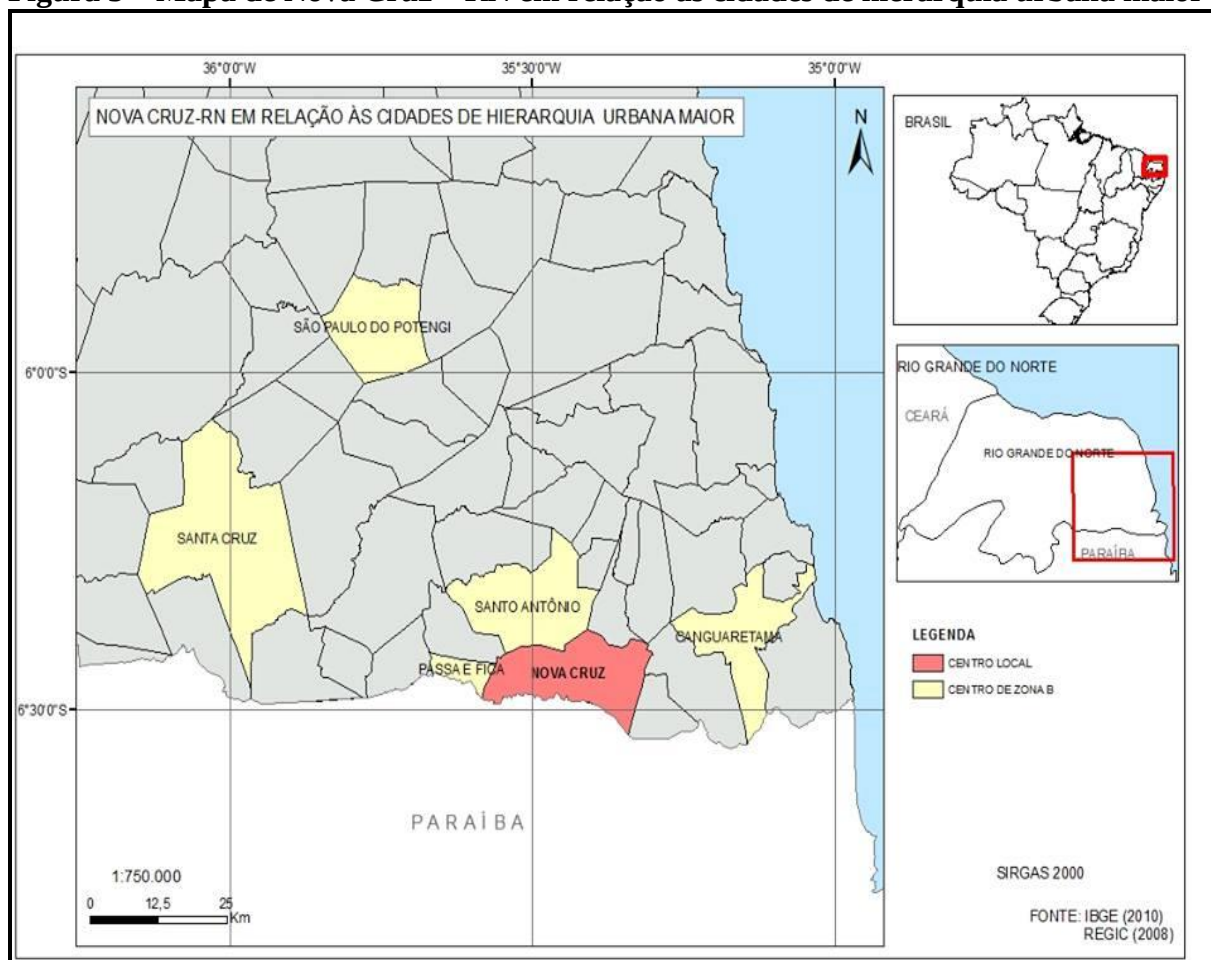
Para uma melhor elucidação, foi esquematizado um mapa (Figura 3) tendo como base os dados registrados pela Regic (BRASIL, 2008), mostrando a configuração dessa hierarquia urbana.

Contudo os trabalhos consultados apresentam a cidade de Nova Cruz – RN com o mesmo nível de influência das outras cidades, tidas como centro de zona B, e, especialmente, quando se trata da feira livre, pois, esta aparece como o evento econômico que se destaca quando comparado às outras cidades vistas no mapa.

⁹ A Regic (BRASIL, 2008) classifica, nessa categoria, cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes, e com população predominantemente inferior a 10 mil habitantes.

¹⁰ Segundo a Regic (BRASIL, 2008), cidades com média de 23 mil habitantes.

Figura 3 – Mapa de Nova Cruz – RN em relação às cidades de hierarquia urbana maior



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica e da Regic do IBGE (BRASIL, 2008, 2014).

1.5 PRIMEIRAS PERSPECTIVAS SOBRE A FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN

A feira livre é detentora de uma série de símbolos e significados geográficos, manifestados pela cultura tanto local quanto de perfil mais geral e que é absorvida pela sociedade circundante. Esses símbolos e significados estão presentes na forma como a feira é organizada, ou seja, nos bancos de madeira, nas lonas coloridas, nos tipos de produtos que revelam os gostos e necessidades dos fregueses e atesta parte da produção regional. A significação também está intrínseca à disposição dos produtos que são arrumados de forma a serem vistos, tocados e/ou provados, à abordagem feita pelo feirante e à negociação impetrada pelo freguês, dentre outras peculiaridades. Os elementos da feira, sejam em produtos, sejam na forma e na estrutura organizacional do espaço, combinam os símbolos da cultura que a paisagem absorve.

É válido ressaltar que esses elementos imbricados à feira livre se apresentam na utilização do espaço das ruas demarcadas para o evento, as quais ganham arranjos para a

realização da feira e, após seu acontecimento, voltam à paisagem original, deixando de ser feira para voltar a ser rua. Desse modo, há necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas, os produtos comercializados, as negociações apalavradas. Portanto, a dinâmica da feira livre tem forte carga de subjetividade, atuando como meio de coerência que colabora, fortemente, para a formação de uma identidade comum entre as pessoas que as frequentam: feirantes e fregueses (ALMEIDA, S., 2009).

Assim, a pesquisa também procurou observar e compreender a dinâmica da feira livre de Nova Cruz – RN, que se apresenta nas ações dos feirantes e dos fregueses como numa combinação de heterogeneidades que compõe um mosaico de linguagens, cores e gostos que representam o evento nordestino da feira. Pensar o universo da feira é identificar a riqueza de detalhes possíveis de serem observados em cada agente, seja o feirante ou freguês, em cada canto da feira onde há a probabilidade de ouvir trechos de falas e dizeres populares que efetivam uma comunicação diferenciada em distintos momentos.

Dessa forma, a feira se apresenta como lócus por excelência das representações de afetividade/identidade em suas trocas materiais e simbólicas, como, também, a exposição de padrões socioeconômicos e hábitos culturais. A partir da feira livre, é possível conjecturar sobre o espaço que a abriga, o público que a sustenta e os costumes e necessidades deste público. Assim, buscou-se observar esse conjunto de detalhes a fim de entender o porquê de a feira livre de Nova Cruz – RN ter grande relevância para a cultura e a economia do município e, também, para os municípios vizinhos.

A feira livre de Nova Cruz – RN acontece há mais de um século, e sua ocorrência precede a emancipação política do município, que conta com 94 anos. A cidade de Nova Cruz – RN é bem movimentada, por ser rota rodoviária para a capital Natal, como, também, fronteira com o estado da Paraíba. Contudo, nos dias de feira, esse movimento é intensificado. A Figura 4 mostra o movimento do tráfego na rua Georgino Avelino, que dá acesso à feira. Essa rua é composta por imóveis comerciais, tais como supermercados e distribuidoras de bebidas e cereais, instalados após abertura e pavimentação provenientes da chegada da feira livre ao bairro São Sebastião (LIMA, 2010).

A feira ocupa todas as ruas e transversais que se localizam em torno do mercado público, desenhando um quadrado no seu entorno. O mercado público funciona durante toda a semana, com a venda de carnes, peixes e cereais, mas é durante as segundas e quintas-feiras, dias em que a feira ocorre e muda espacialmente a paisagem da cidade, que o mercado ganha maior dinâmica.

Figura 4 – Rua de acesso à feira livre de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria.

A feira acontece em determinados dias da semana, mas sua constituição imprime uma marca diferenciada na paisagem da cidade, e vestígios de seu acontecimento perduram por toda a semana no cotidiano das pessoas, uma vez que sua constância faz parte da rotina delas, pois diariamente elas consomem e/ou armazenam produtos oriundos da feira e/ou para o trabalho que realizam nela, no caso dos feirantes.

Na cidade de Nova Cruz – RN, essa dinâmica é ainda mais interessante, pois a feira se desenvolve em dois dias semanais e provoca intenso movimento na cidade. Nas segundas-feiras, ela tem início por volta das 04h00 da manhã e perdura durante todo o dia. Já nas quintas-feiras, inicia-se no mesmo horário e o término é por volta das 14h00. Cabe esclarecer que esse horário inicial do movimento se refere à interação entre feirantes e fregueses, pois os feirantes já se encontram sob o território bem mais cedo, muitos chegam ainda na noite do domingo para a montagem das bancas.

O evento da feira é desenvolvido no mercado público municipal Antônio Alves Flor e, também, nas ruas localizadas em torno dele, são elas: Industrial José de Brito, 1º de Maio, Franco de Oliveira e o pátio por trás do mercado público, todas situadas no bairro São Sebastião. A Figura 5 mostra a parte inicial da rua Industrial José de Brito, a maior das ruas em que acontece a feira livre de Nova Cruz – RN.

Figura 5 – Rua Industrial José de Brito



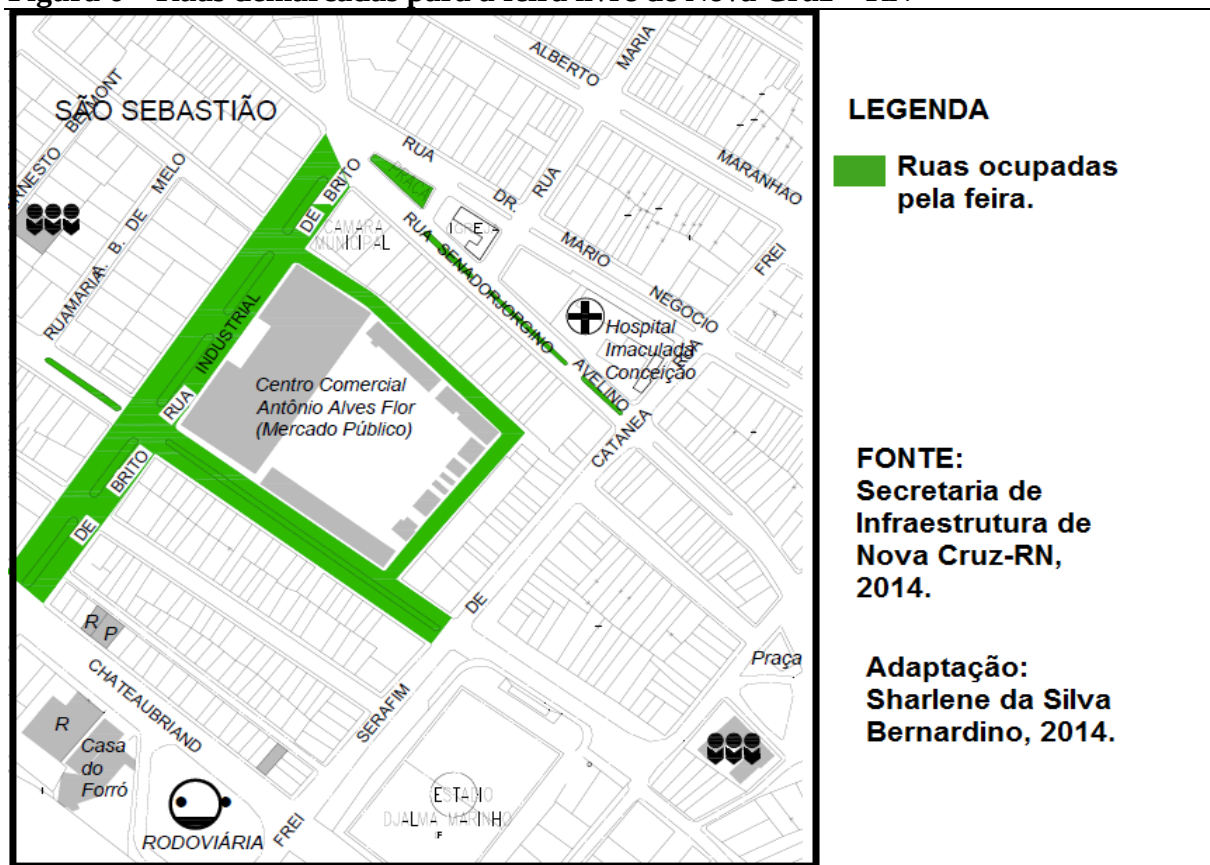
Fonte: elaboração própria.

O mercado público municipal Antônio Alves Flor tem uma grande estrutura e funciona todos os dias da semana, com público bem reduzido nos dias comuns, mas nos dias de feira o movimento é bastante intenso. Sobre essa dinâmica entre a feira livre e o mercado público, Ferretti (2000, p. 40) explica que geralmente os mercados públicos “funcionam em local coberto, frequentemente em prédio construído ou administrado pela municipalidade, abrigando todos os feirantes ou parte deles”.

Essa relação não é diferente na feira livre em estudo, contudo os produtos que são comercializados no mercado Antônio Alves Flor são mais restritos. Duas alas inteiras comercializam carnes, peixes e seus derivados. Na outra, há vendas de sementes, grãos e cereais que não são vistos para venda fora do mercado público. Há alguns boxes na frente no mercado, onde são comercializados e consertados relógios, rádios e controles remotos. Noutros, tem-se a venda de *compact discs* (CDs) e *digital video discs* (DVDs), entre outros produtos pirateados.

Na sequência, vê-se um recorte da planta da cidade, onde são destacadas as ruas delimitadas pela Prefeitura Municipal de Santa Cruz (PMNC) para o acontecimento da feira (Figura 6).

Figura 6 – Ruas demarcadas para a feira livre de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica da Secretaria de Infraestrutura de Nova Cruz – RN (2014).

Na Figura 6, estão demarcadas as ruas onde são instaladas as barracas para o acontecimento da feira, como, também, o espaço de acesso, a rua Senador Jorgino Avelino. Nesta última, não há estrutura montada de feira, ela acaba funcionando como uma espécie de estacionamento, pois, durante o período em que acontece a feira, encontram-se, ao longo dela, muito carros e ônibus que trazem pessoas de comunidades e outras cidades, além dos transportes de carga e descarga de produtos.

A Figura 7 apresenta imagens do mercado público em dia de feira, arranjadas na visão horizontal. A imagem inicial é a frente do mercado, que nos dias de feira tem sua visão principal recoberta pelas lonas das bancas ali instaladas. Na sequência, a entrada principal, onde ficam expostos, predominantemente para a venda, alimentos perecíveis, como carnes e peixes diversos. A seguir, uma das alas, onde são comercializados grãos e cereais, como milho, feijão, soja, entre outros, vendidos no peso. Por fim, os fundos do mercado público, onde estão as bancas com a venda de pratos feitos, ou seja, pratos compostos com inhame, batata ou macaxeira, que geralmente são acompanhados por picado de bode, frango caipira ou carnes de caprinos, suínos ou bovinos. Há, também, bancas e lonas com a venda de frutas, verduras e outros tipos de alimentos.

Figura 7 – Imagens do mercado Antônio Alves Flor



Fonte: elaboração própria.

A Figura 8 apresenta uma imagem mais ampliada do pátio do mercado público. O pátio é uma área extensa e no seu entorno veem-se estacionadas motos e carroças. No pátio, também ficam os caixotes utilizados para o armazenamento de produtos pelos feirantes.

Figura 8 – Pátio do mercado público



Fonte: elaboração própria.

A feira é bem extensa e tem certa organização, pois há fiscais que controlam as entradas e as saídas das ruas que dão acesso à área sobre a qual a feira se estende. O largo inicial da feira, rua 1º de Maio, é uma dessas, onde há cones e correntes, e um fiscal identificado com a farda da PMNC fica no local. No largo dessa rua, tem-se uma via inteira com a venda de frutas, legumes e verduras, além de algumas barracas com a venda de produtos para alimentação feitos na hora (salgados, tapiocas e caldo de cana). Na Figura 9, registram-se as vendas de salgados fritos na hora.

Figura 9 – Banca com venda de salgados no final da rua 1º de Maio



Fonte: elaboração própria.

Nas ruas da feira e no seu entorno, o fluxo de mototaxistas, carros e carroceiros é bastante intenso. Muitas pessoas realizam suas compras enquanto outras passeiam, conversam ou provam comidas e bebidas oferecidas tanto em barracas montadas nas ruas quanto em boxes do mercado público municipal.

O dia de feira na cidade de Nova Cruz – RN, assim como noutras tantas cidades, é dia de encontro, trabalho, lazer, pois:

No dia de feira, as cidades acordam de forma diferente, pois ela é toda movimento. São feirantes que chegam com suas mercadorias em carroças, caminhões e camionetas; são homens que armam as suas barracas, cavaleiros que aportam na cidade e amarram seus cavalos no entorno da feira. De longe, escuta-se o vozerio e as conversas animadas. É o dia do encontro na cidade (MAIA, 2000, p. 294).

Assim, para se compreender o movimento, os arranjos e as diversas relações que constituem o ambiente da feira livre, é preciso estar atento aos pequenos detalhes que se encaixam como em um mosaico e que fazem da feira esse fantástico universo de cores, nuances, sabores e saberes.

1.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

Aqui se encontram descritas algumas das anotações registradas no diário de pesquisa de campo. Esses escritos surgiram, naturalmente, durante e/ou ao final de cada dia de pesquisa realizada. Essa é a forma de se revelar algumas das compreensões e impressões acerca do campo e dos sujeitos pesquisados. A esse respeito, Turra Neto (2011, p. 18) esclarece que:

[...] o diário é, assim, o instrumento que reflete o processo de aproximação com o grupo estudado, bem como o deciframento mútuo, pela consideração de como as questões que se tornaram relevantes foram aparecendo e sendo respondidas. A totalidade da vivência é dada pela sua releitura, ao final da pesquisa, também numa “atitude de escuta”, mas, sobretudo, de seleção das informações que podem ajudar na interpretação do grupo estudado.

Dessa forma, espera-se que as impressões contidas do diário de pesquisa sejam elucidativas e possibilitem uma maior aproximação entre a pesquisadora e o leitor, pois elas transmitem o envolvimento e a compreensão que se fizeram entre a pesquisadora e o objeto pesquisado.

1.6.1 Interações iniciais

Iniciar as entrevistas foi uma experiência interessante, mas um pouco atordoada, além do sol a pino que se tinha naquelas manhãs de segundas-feiras, dia de feira, a própria natureza do evento tornou a tarefa de conversar com as pessoas algo desafiador. Muitas se recusaram a parar para responder às questões, em virtude do pouco tempo que disponham para fazer suas compras, ou por se encontrarem com os braços ocupados com o peso das compras já realizadas. Há, também, uma desconfiança para com a figura do pesquisador, que carrega

consigo prancheta, câmera fotográfica e caneta em punho. Isso se dá devido a muitos transeuntes da feira julgarem se tratar de pesquisa de cunho político-partidário ou mesmo algum tipo de fiscalização. A desconfiança ocorre, ainda, em virtude de as pessoas simples se perguntarem o que a vida delas teria de atraente para um pesquisador que escreve uma dissertação (BECKER, 2006).

Contudo buscou-se entrevistar tanto homens quanto mulheres, feirantes e consumidores de diferentes idades, a fim de entender a importância que a feira tem para as suas vidas, do ponto de vista econômico e cultural.

Na abordagem inicial em campo, foi possível concluir que os vendedores respondem com mais tranquilidade às questões, talvez por estarem mais habituados a lidar com o público. Também, os entrevistados do sexo masculino, independentemente da idade, respondem mais pacientemente às questões que os de sexo feminino, sejam eles feirantes ou fregueses.

Talvez em virtude da pouca experiência da pesquisadora para com o trato da pesquisa de campo, algumas entrevistas foram perdidas, devido à insuficiência de memória do aparelho de gravação. Inclusive a primeira delas, quando se abordou um senhor de aproximadamente 70 anos, que disse não comprar absolutamente nada na feira, que prefere os supermercados, pois eles fazem entregas em casa, mas que vinha à feira, semanalmente, para sentar e conversar com conhecidos.

Captar o som e conseguir fazer-se entender também não é algo simples no ambiente da feira. Ali se ouvem, durante todo o tempo, músicas de todos os estilos, tocadas nas bancas e carrocinhas alto-falantes que vendem CDs e DVDs, conversas em todos os tons, gritos de carroceiros procurando espaço entre as barracas e pessoas e, principalmente, as falas dos vendedores, na tentativa de chamarem atenção para seus produtos. Há, ainda, carros de som que divulgam propagandas de comércios ou eventos da cidade de Nova Cruz – RN, como, também, das cidades vizinhas.

Enquanto se entrevistava um vendedor de raízes, um carro se aproximou e foi possível ouvir o som de uma gravação em que uma locutora pedia, de maneira piedosa, que ajudassem à senhora que se encontrava naquele carro, pois ela estava doente e precisava de dinheiro para medicação e provisão de sua família.

Assim, entre sons, imagens e acepções prévias do ambiente da feira, o primeiro teve a pesquisa de campo encerrada por volta das 12h30, em parte motivada pelo cansaço, pois era um dia de forte calor, como, também, pela insuficiência do aparelho de gravação utilizado para armazenar as falas dos entrevistados. Contudo, nesse horário, a feira se encontrava em pleno ápice, pois ela se estende até por volta das 17h00. Em conversas informais, algumas

senhoras relataram preferir o horário da tarde, pois julgam mais fácil negociar os preços, tendo em vista que os feirantes estão ali desde cedo e a perecibilidade de alguns produtos fazem eles diminuírem os preços no período da tarde.

No encerramento do primeiro dia de pesquisa em busca de compreensão de aspectos mais profundos sobre o universo da feira livre de Nova Cruz – RN, surgiram duas certezas. A primeira delas, de que é necessário se preparar melhor para ir em campo, com atitudes prévias, como revisar memória e bateria de aparelho de gravação. A segunda, que a feira é um universo fascinante, cheio de vida e histórias que tornaram a tarefa da pesquisadora ora instigante ora angustiante.

1.6.2 Trato e dificuldades da pesquisa de campo

Após a primeira inserção em campo e melhor preparação para as intempéries que poderiam surgir, outras visitas se sucederam, e a interação com o campo tornou possível perceber certas mudanças no trato dos frequentadores para com a pesquisadora no campo realizado no dia 29.09.2014. Nesse dia, pairava sobre o ambiente da feira certa animosidade. Como já havia sido realizada pesquisa no mês anterior, notou-se que, especialmente nesse dia, as pessoas estavam mais arredias quando da abordagem para entrevistas. Concluiu-se que esse comportamento esteve relacionado com o fato de a data desse campo se encontrar a uma semana do acontecimento das eleições estaduais.

Ao caminhar entre as bancas, ouviu-se quando um senhor gritou: “Não precisa de pesquisa aqui não, moça, já sabemos quem vai ganhar”. Acredita-se que a conclusão dele foi simplesmente por ver a pesquisadora carregando uma prancheta na mão.

Quando a pesquisadora se aproximava das pessoas na tentativa de buscar depoimentos, duas senhoras, ao serem abordadas, perguntaram, antes de qualquer explicação, se as questões tratavam de pesquisa de cunho político-partidário, pois não queriam participar.

Desse modo, fica evidente como o processo de investigação é relevante para a pesquisa. Nesse ínterim, inclui-se estar atenta à dinâmica da cidade, que, circunstancialmente, estará refletida no evento da feira.

A pesquisadora retornou em campo nos meses de novembro e dezembro, e pôde notar que ela já se tornara uma figura conhecida para alguns, pois, ao passar pela banca de um dos feirantes, ele gritou: “Opa moça! Vai me entrevistar de novo?”.

Em alguns dias, surgiram maiores problemas, como foi o caso dos dias chuvosos. As dificuldades se apresentaram tanto para a coleta das entrevistas como, também, para o traslado da pesquisadora, já que a via de transporte mais abundante são os mototaxistas.

As dificuldades também ultrapassam o território da feira, em uma das visitas feita à Secretaria de Infraestrutura da cidade, um dos funcionários informou, ainda em meados do ano de 2014, da existência de um relatório sobre a feira que havia sido feito, realizado pela Secretaria de Arrecadação e Tributos. Assim, a pesquisadora dirigiu-se até a referida secretaria em busca dessas informações. Um dos funcionários confirmou a existência do relatório, mas disse que ele ainda estava desorganizado e que retornasse no próximo mês. A pesquisadora retornou mais duas vezes, até que, em março de 2015, a secretária de tributos solicitou-lhe uma declaração informando a intenção para o uso das informações. Portanto, com a declaração em mãos, a pesquisadora retornou à secretaria e, após um período de espera, a secretária de tributos a levou até sua sala e mostrou-lhe a imagem do mapa da feira livre, informando-lhe ser a única informação atualizada. Na ocasião, a pesquisadora ainda preencheu uma ficha para que o funcionário abrisse um processo a fim de enviar a informação por correio eletrônico, quando ela lhe disse, então, que qualquer informação a interessava, assim, além do mapa, ela recebeu dados sobre o número de feirantes.

Acredita-se que a demora e burocracia para o atendimento à solicitação das informações se fez em virtude da arrecadação de tributos feita pelos fiscais, ou seja, o valor arrecadado durante os dias de feira, já que esses dados não foram fornecidos.

Contudo o mesmo não aconteceu na Secretaria de Infraestrutura, onde, ao solicitar informações, tais como mapas e plantas relativos à localização da feira e da cidade, a pesquisadora foi gentilmente atendida pelos funcionários.

1.6.3 Convívio com os feirantes

Ao se conversar com os feirantes, percebeu-se que a rotina de inconstância econômica que a feira gera faz parte de suas vidas, todos relataram as agruras quanto ao rendimento de suas vendas, pois alguns dias de feira são mais lucrativos e outros menos, contudo a expressa maioria não cogita a possibilidade de deixar a lida de feirante.

As falas não diferem muito entre aqueles que já são feirantes há décadas e aqueles que começaram há poucos meses. Eles reconhecem na feira um lugar de trabalho que, mesmo gerando uma renda incerta, lhes anima a certeza de que podem sempre retornar.

Para muitos, a feira é uma forma de trabalho que começou de maneira nata, do marido para a mulher, de pai para filho, do irmão mais velho para o mais novo. A inserção no movimento da feira ocorreu de forma natural e se tornou algo inerente à vida daquela ou daquele cidadão. Muitas vezes, arrecadam um pouco mais daquilo que gastam para montar e desmontar sua banca e transportar seus produtos, mas não cogitam a possibilidade de afastarem-se da labuta com a feira.

Assim, o feirante é, antes de tudo, um otimista, pois, mesmo em meio a murmúrios de que o comércio anda lento e rendendo pouco, sustenta que a feira é lugar de diversão e de encontro com amigos. E mesmo quando a fala naquele momento é de reclamação referente ao pouco rendimento, que quase não supera os gastos, ao perceber um cliente se aproximar, o feirante abre um sorriso e fala com graça.

Uma das questões levantadas pela pesquisa que causa mais estranheza tanto a feirantes quanto a fregueses é quando são indagados sobre o que eles mudariam no cenário da feira, se pudessem. A maioria parece achar a questão descabida, por não ver a feira diferente daquilo que já está habituada.

Já outros parecem ter medo de apontar o que consideram de ruim no ambiente da feira. Enquanto se entrevistava um rapaz que dizia não gostar de ter seu ponto ao lado do mercado público, devido ao odor e à sujeira, principalmente dos restos de peixe, sua companheira se aproximou e o advertiu que é melhor não falar sobre essas coisas, pois precisam do trabalho e não sabem para onde aquelas informações iriam de fato.

Faz-se relevante registrar, novamente, a desconfiança das pessoas quando abordadas sobre a disponibilidade de serem entrevistadas. Ao se abordar um vendedor de cigarros, fumo de rolo e fogos de artifício, ele foi extremamente rígido na negativa em participar da entrevista. Assim, procuraram-se todas as outras bancas do mesmo segmento de vendas e todos se recusaram veementemente a responder qualquer questão.

Outro fato interessante ocorreu quando se entrevistava uma vendedora de mangaios¹¹, minutos depois que ela começou a responder as questões, a mãe dela se aproximou e, perguntando do que se tratava, pôs-se a relatar um golpe sofrido pelo seu vizinho, pois ele forneceu os dados pessoais a pessoas que foram à sua casa e teve valores desviados de sua conta bancária.

Quando se relata esses casos em que se associou a pesquisadora à investigação de todas as ordens, fica, também, a angústia de se vivenciar o quanto a pesquisa científica é algo

¹¹ Mangaio: tipos de produtos geralmente artesanais de uso doméstico, (cordas de caroá, lamparinas, pavios, facas-peixeira, artigos de couro e de madeira), além de raízes, plantas medicinais e “garrafadas”, etc.

distante do cotidiano da maioria da população. De tal modo, o pesquisador é tido como investigador que, por sua vez, averigua na condição de punir. Dentre outros casos, a pesquisadora foi confundida com: (a) fiscal do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), por isso muitas pessoas não revelavam a idade e, quando respondiam a qualquer questão, enfatizavam que eram agricultores; e (b) fiscal do Programa Bolsa Família, em que alguns relatavam sobre colegas que haviam respondido questionários e perdido o benefício no ano anterior. Mesmo explicando que se tratava de uma pesquisa científica e que nem mesmo àquele estado a pesquisadora pertencia, muitas pessoas pareciam não acreditar.

Em campo, foi preciso compreender o ritmo que cada sujeito emprega à atividade que estava realizando na feira, para, assim, angariar os depoimentos. Os fregueses, em sua maioria, estavam apressados, muitas vezes foi necessário acompanhar o ato das compras, de modo que as respostas são mais curtas. Já com os feirantes, o ritmo é mais lento, pois foi preciso observar o momento em que eles não estavam ocupados para se iniciar a abordagem e deixá-lo à vontade para atender aos clientes que chegavam. Desse modo, na entrevista com os feirantes, as gravações eram pausadas e retomadas diversas vezes.

Assim, o diário é uma maneira de registrar as peculiaridades do campo com suas singularidades tecidas a partir do convívio com feirantes e fregueses no evento da feira livre. No desenrolar deste trabalho, os depoimentos colhidos durante o campo foram acionados e analisados dentro da conjuntura cultural, política e econômica da feira livre de Nova Cruz – RN.

No capítulo a seguir, serão tratadas, de modo mais acentuado, as relações culturais e econômicas da feira livre de Nova Cruz – RN. A interação entre esses temas se faz na tentativa de se compreender a feira em suas múltiplas dimensões.

CAPÍTULO 2

RELAÇÕES CULTURAIS, POLÍTICAS E ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN

Neste capítulo, analisam-se algumas questões concernentes às relações culturais e econômicas, como também os desdobramentos políticos ocasionados pela ocorrência da feira livre, destacando-se, para essas leituras, o território e possíveis territorialidades da feira livre da cidade de Nova Cruz – RN. Nesse sentido, busca-se compreender como as questões entre território e territorialidade se dão, a partir de que agentes são desenvolvidas, bem como seus símbolos e significados.

Neste íterim, é importante entender as relações campo-cidade a partir da feira livre, balizando a maneira como elas se engendram no cotidiano da cidade e na constituição do evento feira, tendo em vista que cidade e campo são formas espaciais com diferentes possibilidades de relação.

Desse modo, quando se trata de feiras livres, essas relações podem ser entendidas no sentido da complementação, pois a cidade completa o campo, da mesma forma que o campo também preenche a cidade no que diz respeito às questões políticas, econômicas e culturais. Dessa forma, sendo a feira livre um complexo em que campo e cidade estão imbricados, será possível observar e discutir as relações multiculturais da feira livre de Nova Cruz – RN.

Assim, para possibilitar uma compreensão mais ampla das questões culturais, políticas e econômicas observadas na feira, serão apresentados e discutidos, no decorrer deste capítulo, depoimentos de feirantes e fregueses, levantamentos fotográficos e cartográficos, dentre outros dados referentes à constituição desse evento, intermediados por autores já mencionados no primeiro capítulo, tais como: Haesbaert (2004, 2014), Carlos (2007), Sposito, M. (2006) Sposito, E. (2008), Santos, M. (2001, 2006), Coutinho (2010), Saquet (2011) e Gomes (2012), além de outros autores que se fizeram necessários para a compreensão dessas relações, a exemplo da tese de doutorado de Araújo (2011), que tem como título “Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil”. A autora apresenta um trabalho bastante detalhado em que analisa várias feiras das regiões do Nordeste brasileiro e do Noroeste português, enfocando como essa forma de comércio consegue coexistir junto aos impactos ocasionados pela globalização na contemporaneidade.

2.1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN

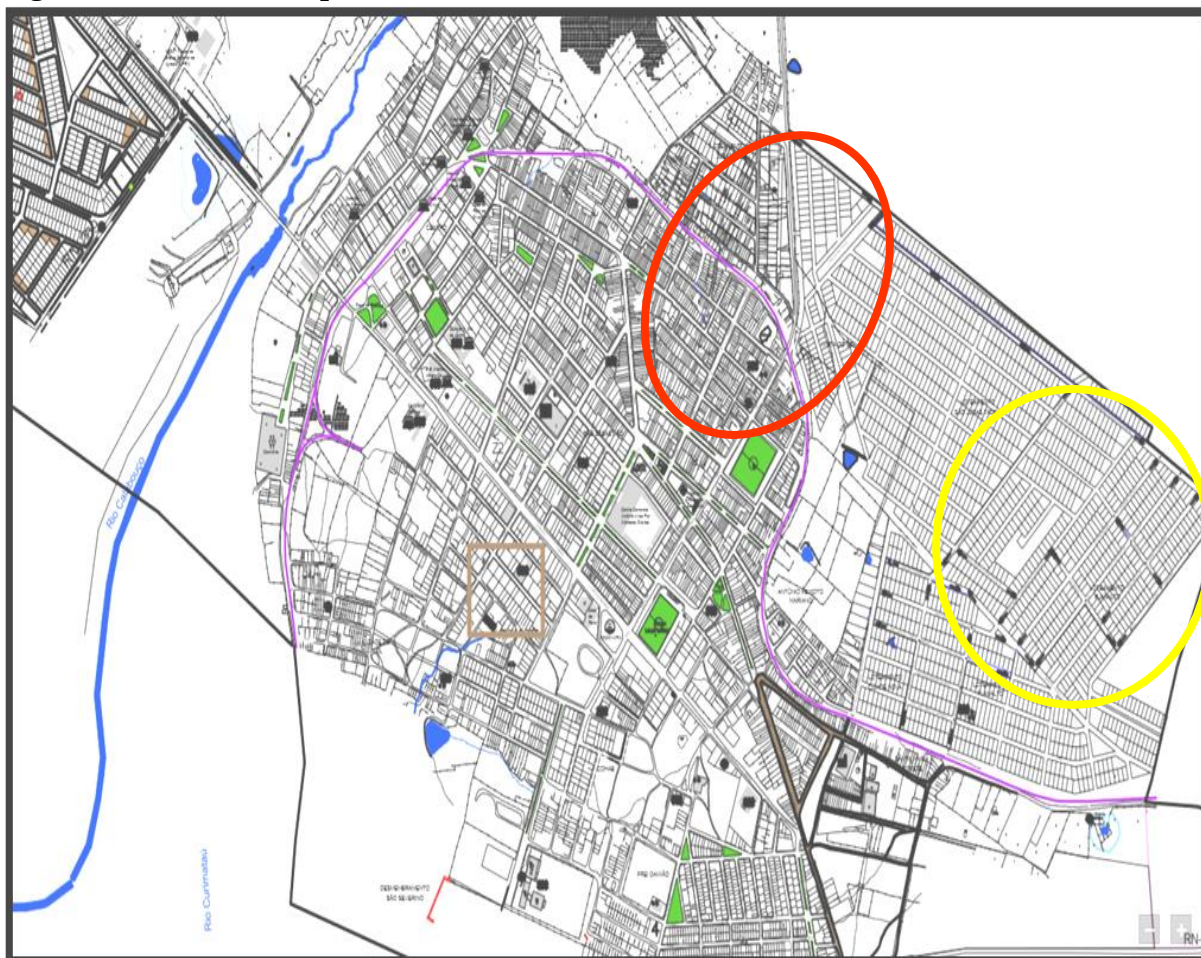
O conceito de “território” utilizado para designar o espaço, bem como o significado sociocultural da feira livre da cidade de Nova Cruz – RN, se justifica na medida em que “a apropriação e produção do espaço geográfico, cotidianamente, estão na base do arranjo territorial. Território e espaço estão ligados, entrelaçados, pois o primeiro é fruto da dinâmica socioespacial” (SAQUET, 2005, p. 49). Nesse sentido, a apropriação do espaço acontece no momento em que as ruas demarcadas, para o acontecimento da feira livre, são tomadas pela estrutura das bancas e, posteriormente, ocupadas por feirantes e fregueses, produtores do espaço geográfico, a partir das demandas econômicas, políticas e culturais, firmando um território e desenhando territorialidades. Essas discussões serão melhor desenvolvidas ao longo deste tópico.

Assim, na cidade de Nova Cruz – RN, o espaço social que nos dias de feira é tomado como território dos feirantes e fregueses está localizado no bairro São Sebastião. Dentre outros fatores, essa demarcação acontece porque o “espaço social delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo é suporte material de existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico” (SOUZA, 2010, p. 108). Esse território é, também, o lócus onde se efetivam os modos de produção, visto que as feiras concretizam uma dinâmica comercial no espaço e são, igualmente, uma das faces do modo de produção.

[...] os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares (SANTOS, M., 2012, p. 28).

De tal modo, cabe trazer mais algumas informações sobre o território, onde se efetivam os meios de produção e as “maneiras de fazer” da feira livre de Nova Cruz – RN, que acontecem no bairro São Sebastião. Esse bairro se caracteriza por ser uma área comercial com algumas moradias. Faz-se necessário esclarecer que, até meados da década de 1980, tal bairro tinha uma estrutura precária, com poucas ruas asfaltadas e com uma população composta por trabalhadores do Centro da cidade e das áreas agrícolas. Contudo, no final da mesma década, já tinha uma população maior que a do Centro da cidade, lugar que comportou a feira até 1991 (LIMA, 2010). Para uma melhor visualização, apresenta-se um recorte da planta da cidade de Nova Cruz – RN, localizando-se os bairros Centro e São Sebastião (Figura 10).

Figura 10 – Recorte de planta da cidade de Nova Cruz – RN



Legenda: ● Centro ● Bairro São Sebastião

Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica da Secretaria de Infraestrutura de Nova Cruz – RN (2014).

A construção do mercado público no bairro São Sebastião impulsionou para lá o deslocamento da feira, até então realizada no Centro. A instalação do prédio e a organização da feira livre em volta dele melhorou a dinâmica social do bairro, que recebeu aprimoramento na sua infraestrutura, como ruas calçadas, construção de praças, dentre outros. É interessante frisar que o público semanal trazido pela feira tornou a área atraente a outros empreendimentos. A esse respeito, Coutinho (2010, p. 85) acrescenta que:

[...] a feira, ao se instalar em outro bairro distante do centro, depois o aparecimento de estabelecimentos de vendas de diferentes produtos em torno dela, [...] gerou consideráveis modificações na configuração do espaço urbano e na vida da população. Dentre elas, destacam-se não somente os novos pontos de vendas e os serviços, tais como drogarias, óticas e clínicas médicas. Essa nova centralidade dinamizou a cidade, dando maiores possibilidades de consumo à população local e regional que não mais frequenta apenas o centro, mas outro espaço, onde também é possível encontrar desde o tradicional produto até o mais moderno.

A construção do mercado público municipal foi o marco para transferência da feira livre do Centro para o bairro São Sebastião, como já comentado no primeiro capítulo. O mercado funciona todos os dias da semana, caracterizando-se enquanto território fixo da feira livre, pois toda a estrutura de barracas é colocada em torno dele, nas segundas e quintas-feiras, dias de feira. Nesse caso, é a composição móvel (barracas, mesas, carroças, entre outros elementos estruturantes do cenário feiral) e, sobretudo, o movimento de feirantes e fregueses os responsáveis por impulsionar vida ao mercado, pois, nos dias em que não há feira, o mercado público tem movimento apático.

De tal maneira, é possível notar a interação entre os elementos fixos e fluxos que constituem a feira livre de Nova Cruz – RN. Sobre a relação entre fixos e fluxos, Santos, M. (2006, p. 77) observa que

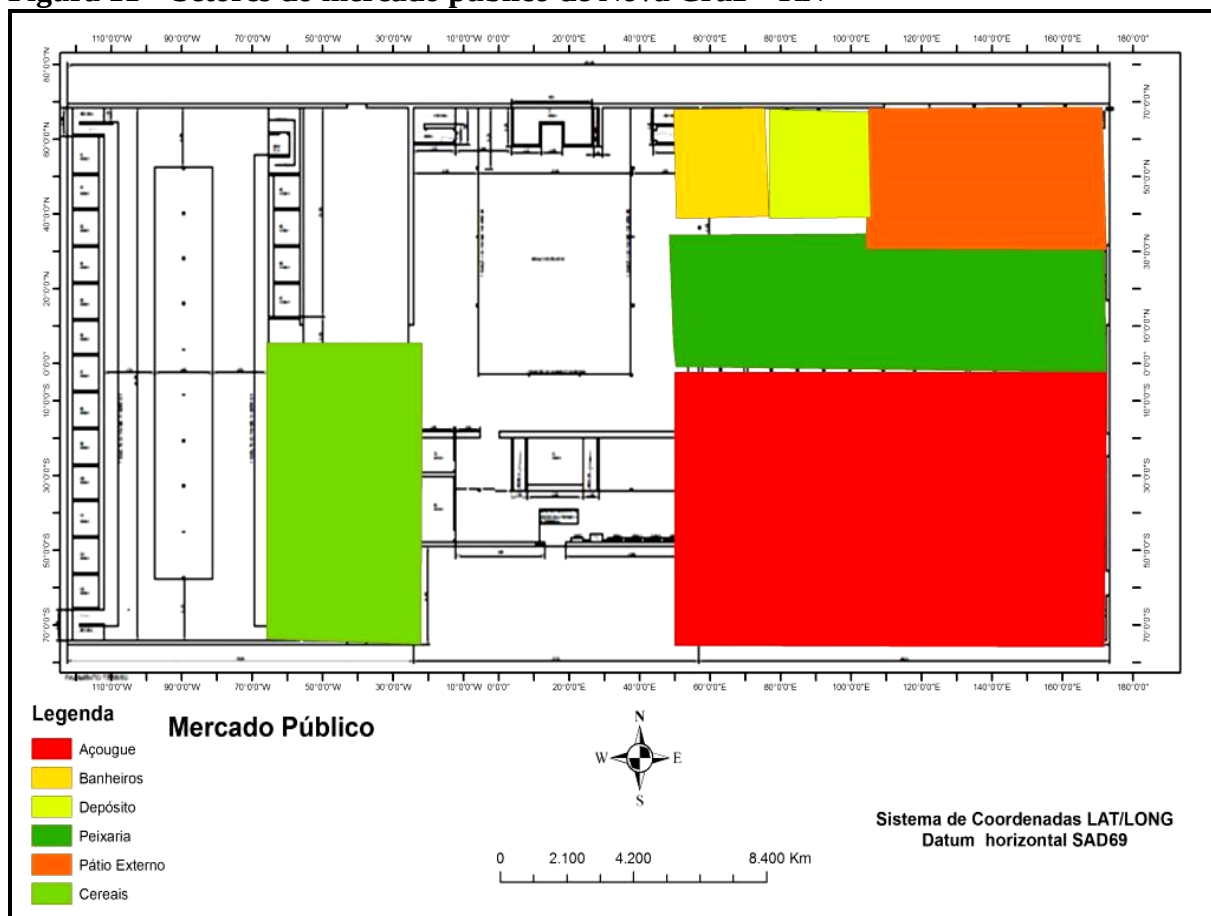
[...] o espaço é, também e sempre, formado de fixos e de fluxos. [...] Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. [...] Os fluxos são o movimento, a circulação e, assim, eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo.

O dinamismo entre fixos e fluxos é visto na dispersão de objetos no território, como é o caso das bancas e artigos e em outras situações, pois, quando se trata da feira livre, são fundamentais os deslocamentos de pessoas e produtos, a circulação das informações próprias do período técnico-científico informacional, que movimentam tanto o grande como o pequeno capital (SANTOS, M., 2006).

Assim, a fim de municiar uma melhor ilustração visual da estrutura do mercado público Antônio Alves Flor (território fixo da feira livre de Nova Cruz – RN) elaborou-se um cartograma que localiza os principais setores e dependências nas quais é dividido o prédio. O cartograma foi organizado tendo como base a planta do mercado público, fornecida pela Secretaria de Infraestrutura da PMNC (Figura 11).

Os setores da peixaria e açougue têm maior quantidade de boxes, respectivamente 36 e 24. Os cereais não são comercializados em boxes, são distribuídos e arrumados sobre o chão em sacos ou caixotes. O pátio conta com 12 boxes, já os espaços não legendados correspondem ao pavimento superior e área de recreação, que têm 21 boxes. O pavimento superior é quase sem movimentação. Nos dias de pesquisa em campo, observou-se que apenas 2 boxes se encontravam abertos, com venda de comidas e bebidas. Já na área destinada à recreação, não há apresentações lúdicas ou algo do tipo, ela também é tomada pela venda de produtos diversos. A Figura 12 apresenta colagem de imagens desses setores.

Figura 11 – Setores do mercado público de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica da Secretaria de Infraestrutura de Nova Cruz – RN (2014).

Figura 12 – Imagens de setores do mercado público de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria.

As imagens iniciam-se pela área destinada à recreação, nela são comercializados cereais e produtos diversos, como cordas e plásticos. Na imagem, ainda se visualiza parte dos boxes do pavimento superior, que se encontram, em sua maioria, desativados. Na sequência, parte do setor das vendas de cereais, depois o setor de açougue e, por fim, o de peixaria. Durante os dias em que não ocorre feira, encontram-se abertos apenas o setor de recreação,

com algumas barracas abertas, e o da peixaria, ambos com produtos e movimento bastante reduzidos, quando comparados aos dias de feira. Essa disparidade de movimento será tratada no seguimento deste capítulo.

Portanto, o mercado público é território da feira livre, e em torno dele são criadas as territorialidades que compõem o espaço dela, pois as ruas localizadas em sua proximidade são demarcadas e delimitadas para a realização da feira. No mapa da Figura 13, pode-se visualizar melhor essa demarcação, pois são apresentados o tracejo e fotos das ruas nos dias de feira.

Figura 13 – Mapa da feira livre de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica da Secretaria de Infraestrutura de Nova Cruz – RN (2014).

Os espaços identificados no painel são os seguintes: (1) rua Franco de Oliveira; (2) rua Industrial José de Brito; (3) mercado público municipal e (4) pátio do mercado, localizados na rua Industrial José de Brito; (5) rua Antônio Alves Flor; (6) rua 1º de Maio; e (7) rua 6 de Julho, onde não são armadas bancas de feira, mas é demarcada para a circulação de veículos.

Essas imagens mostram um pouco da interação entre o mercado público e a feira livre, ambos tomados pela dinâmica própria do evento. O mercado ganha dinâmica e movimento, e as ruas próximas a ele são reapropriadas como territorialidades da feira livre.

Para uma melhor compreensão visual sobre o espaço da feira, são apresentadas, nas Figuras 14 a 23, outras imagens desses espaços identificados no mapa anterior, feitas em dias comuns e em dias de feira, com a intenção de demonstrar a demanda material que se instala sobre o território, desenhando territorialidades a partir de seu uso e sentido.

As Figuras 14 e 15 apresentam imagens panorâmicas da frente do mercado público, localizado do lado direito da rua Industrial José de Brito.

Figura 14 – Frente do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum



Fonte: elaboração própria.

Figura 15 – Frente do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira



Fonte: elaboração própria.

A rua Industrial José de Brito é extensa e se divide em duas alamedas por bancos da praça. De um lado, acham-se roupas, tecidos, sapatos, eletrônicos e outros afins; do outro lado, alumínios, plásticos, redes e mangaios em geral (Figuras 16 e 17). Nela se encontra a maior diversidade de produtos, sendo o espaço preenchido completamente.

Figura 16 – Rua Industrial José de Brito em dia comum



Fonte: elaboração própria.

Figura 17 – Rua Industrial José de Brito em dia de feira



Fonte: elaboração própria.

As Figuras 18 e 19 apresentam imagens de um dos setores internos do mercado público, que é o da peixaria, retratando a disparidade de movimento comercial entre dias comuns e dias de feira.

Figura 18 – Setor da peixaria do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum



Fonte: elaboração própria.

Figura 19 – Setor da peixaria do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira



Fonte: elaboração própria.

Assim como a parte interna do mercado, o pátio, que é anexo externo, tem intensa circulação nos dias de feira, mas nos outros dias da semana se torna um grande depósito, onde se guardam as bancas de feira e praticamente não há movimento de pessoas, como se vê nas imagens das Figuras 20 e 21.

Figura 20 – Pátio do mercado público de Nova Cruz – RN em dia comum



Fonte: elaboração própria.

Figura 21 – Pátio do mercado público de Nova Cruz – RN em dia de feira



Fonte: elaboração própria.

Esses setores do mercado público praticamente não têm movimento nos dias em que a feira não se realiza, pois nesses dias o mercado tem um funcionamento quase precário, de modo que só se acham abertos alguns boxes no setor dos cereais, e no da peixaria é possível ver um ou dois vendedores, como retratado na Figura 18.

Ao sair do pátio do mercado público, adentra-se na rua 1º de Maio, uma rua comum como muitas outras da cidade de interior, contudo, nos dias de feira, nela se concentram cheiros, cores e sabores que configuram outra paisagem e dinâmica (Figuras 22 e 23).

Figura 22 – Rua 1º de Maio em dia comum



Fonte: elaboração própria.

Figura 23 – Rua 1º de Maio em dia de feira



Fonte: elaboração própria.

É fato que a constituição do evento feira livre concorre para a circulação de um grande número de pessoas e produtos que se instalam temporariamente nas ruas delimitadas. Desse modo, achou-se necessário procurar informações sobre a quantidade de produtos ali comercializados, para isso, consultaram-se alguns órgãos da PMNC. A Secretaria de Arrecadação e Tributos forneceu uma média do número de feirantes e dos tipos de produtos que eles comercializam nessas ruas. As informações são parciais, pois a secretária de arrecadação e tributos, a senhora Kesia Antero Rodrigues, informou que nem todos os feirantes quiseram colaborar com o relatório feito durante o ano de 2013.

A respeito da recusa dos feirantes em participar da pesquisa realizada no citado ano pela PMNC, pode-se conjecturar que, nesta situação particular, depara-se com um exemplo da tradicional desconfiança do povo sobre as ordenações que vêm do poder público (impostos, multas, cobranças, fiscalizações), mas, quando se trata das feiras, essas ordenações ocorrem para a organização de ruas. Referindo-se às diferenças do exercício da cidadania e uso do espaço no Brasil, conforme se esteja em casa ou na “rua” (onde predominam as legislações oficiais), Matta (1997, p. 19) diz que “leituras pelo ângulo da rua são discursos mais rígidos e

instauradores de novos processos sociais. É o idioma do decreto, da letra dura da lei, da emoção disciplinada que, por isso mesmo, permite a exclusão, a cassação, o banimento, a condenação”. Contudo, mesmo seguindo os ditames da organização do poder público municipal, a feira livre transforma a rua em território de vivência social e troca de valores e uso, realiza uma teia de relações em que se reafirmam hábitos sociais, bem como manifestações da identidade cultural.

É interessante frisar que a feira é um ambiente bastante rotativo, sendo quase impossível dar conta, com precisão, do número de cidadãos que nela exercem suas atividades comerciais. Pôde-se, claramente, vivenciar isso durante a realização do trabalho de campo, pois se entrevistaram feirantes que estavam ali pela primeira vez, como, também, alguns que já participam da feira há mais de 40 anos. A Tabela 1 contém uma média do quantitativo de feirantes que se encontram distribuídos nas ruas demarcadas para a realização da feira livre de Nova Cruz – RN. O levantamento foi feito pelos fiscais da PMNC no ano de 2013.

Tabela 1 – Lista parcial dos itens comercializados na feira livre de Nova Cruz – RN (2014)

Segmentos	Quantidade de feirantes
Carnes	83
Cereais	35
Confeções	120
Crustáceos	8
Mangaio	7
Produtos diversos	182
Refeições e lanches	21
Hortifrutigranjeiros	202
Calçados	22
Total	680

Fonte: elaboração própria, a partir de dados da Secretaria de Tributos e Arrecadação da PMNC (2014).

No levantamento apresentado na Tabela 1, estão apontados os tipos de produtos comercializados e a quantidade de feirantes que os comercializam. Quanto aos lugares onde são encontrados, a distribuição ocorre da seguinte forma: as carnes, crustáceos e cereais são comercializados, em sua maioria, dentro do mercado público; as confeções e calçados se estendem ao longo da rua Industrial José de Brito; os mangaio e seus similares ocupam a parte final da rua Industrial José de Brito até o largo da capela São Sebastião; já os hortifrutigranjeiros estão na rua 1º de Maio. As refeições e lanches são vendidos em boxes dentro do mercado público, como, também, em bancas localizadas no seu entorno.

A demarcação das ruas é controlada por fiscais da PMNC. Cabe a esses funcionários a função de organizar o espaço entre os feirantes antigos e os novatos, como, também, manter as bancas e aqueles que vendem suas mercadorias sobre o chão ou em carroças, nos lugares

determinados. Nessa organização, os fiscais são, por vezes, rígidos em sua tarefa, como relata Jasmim¹² (20 anos de idade), comerciante de biscoitos e bolachas.

Aqui cabe reiterar a importância da história oral, uma vez que ela permite significar fatos cotidianos que são marcantes para quem os vive, mas que, muitas vezes, não têm relevância para a história oficial, por ser a história oral “metodologia que prima em registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais” (FORTUNATO; RUSCHEINSKY, 2004, p. 26). Assim, durante a entrevista¹³, ao ser questionada sobre o que considerava o que a feira teria de pior, a feirante, Jasmim, relatou:

Mulher, o que eu acho aqui desta feira, o pior é os fiscais, porque têm uns fiscais que eu não gosto, mas da feira eu não tenho o que dizer não, tinha que mudar sim, umas coisas assim, porque de primeiro não era aqui, muitas coisas ficam no chão. Tudo isso aqui que a gente tem, eles podem também, cada um ter seu banquinho para colocar, mas eu acho que o que tinha de mudar aqui na feira, só era os fiscais, porque eles não são pessoas que... Tipo assim: Você conversa com eles, você fala, eles não são boas pessoas com você, a maioria dos fiscais aqui é tudo ignorante, já em Jacaraú e Santo Antônio são umas ótimas pessoas, mas aqui eu não vou com a cara de nenhum. Pronto! Se ele passar aqui e tiver um banco mais para frente, ele já quer brigar, ele já quer lhe tirar do canto e não tem diálogo pra conversar com você, o negócio deles é logo tirar, e isso não pode, do jeito que ele precisa, a gente também precisa, é isso (entrevista concedida em 29 set. 2014).

No depoimento da feirante, percebe-se a tensão presente na organização do território que ocorre entre feirantes e fiscais, pois os feirantes tentam arrumar o espaço de modo a atrair atenção dos fregueses; já os fiscais são designados pela PMNC a manterem a ordem de distribuição das bancas e lonas nos espaços delimitados, logo, podem ocorrer situações conflitantes.

Essa antipatia pelas figuras dos fiscais, no que se refere à organização do território, também é destacada por outro feirante. O senhor Manuel, com 66 anos de idade e 45 anos de atividade em feiras livres, que comercializa, sobre o chão, mudas de flores e frutos, relatou parte desse desconforto, para com a fiscalização, nos lugares onde trabalha:

Têm alguns fiscais de feira que não vale nada, por exemplo, feira de Arez, eu deixei de fazer feira lá, por causa do fiscal, o fiscal é um safado, a cidade de Várzea também é complicado. Porque meus produtos têm isenção de imposto, eu não faço

¹² Os nomes utilizados para identificar os entrevistados são fictícios.

¹³ É interessante esclarecer que a transcrição das entrevistas buscou manter a fidedignidade às gravações considerando mais o conteúdo que a forma entendida como estilo, ou seja, a norma culta, contudo, nesse processo, suprimiram-se algumas palavras repetidas, vícios de linguagem e expressões de função fática (FREITAS, 2002). Algumas dessas alterações ocorreram visando adequar o depoimento à sua forma escrita, possibilitando sua consulta (ALBERTI, 2004).

questão de pagar o imposto que eles cobram não! O que ocorre? Nem todos os lugares que eles querem colocar a gente dão pra trabalhar, senão não arrumo nem pra o café. Tem que ter um lugar adequado que você vai trabalhar para sobrevivência, eles querem determinar o lugar da gente trabalhar, mas dependendo de onde seja não respeito não, não tem nem como! (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

São os fiscais que realizam a arrecadação dos impostos cobrados pela PMNC, de modo que eles são as figuras citadas com maior frequência nas queixas dos feirantes. Embora reclamem dos valores que repassam semanalmente para os fiscais, há relatos que mostram que eles também cuidam da manutenção do ambiente. Como conta Rosa, moradora da cidade de Passa e Fica – RN, feirante em Nova Cruz – RN há cinco anos, que, com seu esposo, é dona de três bancas de mangaios: “Só acho que as prefeituras cobram muito desses bancos. Aqui em Nova Cruz é cinco reais, em Canguaretama são sete, eles cobram em toda feira, cobram do chão e dos bancos, mas eles olham os bancos, se tiver faltando uma tábua eles colocam” (entrevista concedida em 9 abr. 2015).

Assim, percebe-se que a PMNC, por meio da figura dos fiscais, exerce uma ação de poder no sentido de organizar e delimitar o espaço em que ocorre a feira, além de estabelecer, mediante a legislação, o custo da utilização desse espaço. Dessa forma, o espaço da feira passa a ser vivenciado enquanto território, pois, como argumenta Haesbaert (2004 p. 79), “O território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômicos-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural”. É interessante frisar que essas relações se dão, quase sempre, em função do uso do território. Quanto a isso, Santos, M. (2001, p. 96) discorre que:

[...] o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.

A respeito do uso e apropriação do território da feira, a via mais comum é a sucessão familiar. Geralmente, os pontos são passados de pai para filho, entre cônjuges, mas há, também, a venda e compra desses pontos. Em algumas das entrevistas realizadas, a sucessão familiar fica bem explícita. É o caso da feirante Margarida (61 anos de idade), que vende tecidos e confecções, e José (29 anos de idade), vendedor de sapatos. Ao ser questionada sobre como teria começado a trabalhar na feira, a senhora Margarida relatou o seguinte:

“Comecei com esse velho trazendo eu” (aponta para o marido que vende no banco ao lado). Do mesmo modo, José, explicou: “Comecei a trabalhar porque minha mãe me trouxe, tinha uns 14 anos” (entrevistas concedidas em 29 set. 2014). Diferentemente de Adriano, vendedor de CDs e DVDs (27 anos de idade), que não teve uma via de inserção familiar: “Eu comprei um ponto e comecei. Comprei de um rapaz que ia viajar, ele vendeu com mercadoria e tudo” (entrevista concedida em 9 abr. 2015).

Há, ainda, os feirantes que vendem sobre lonas, caixotes ou carroças, porém gostariam de ser proprietários de uma banca, a exemplo do senhor Augusto (45 anos de idade). Quando perguntado sobre o que ele mudaria na feira, caso pudesse, respondeu: “A organização, que tivesse mais espaço, para todo mundo vender em bancas” (entrevista concedida em 29 set. 2014). O vendedor em questão comercializa raízes, tais como batata doce e inhame, sobre caixotes e lonas.

A partir dos depoimentos, fica claro que há certa ordem de ocupação, organização e controle do território, contudo essas questões parecem ser próprias do ambiente da feira, pois, mesmo que os feirantes relatem seus desafetos para com os fiscais na convivência cotidiana, esses conflitos são passíveis de aceitação. Isso pode ser explicado ao se tomar essas questões como políticas do território que ali se configura, pois, como aponta Scruton (1982 apud CASTRO, 2012, p. 50):

A política envolve, então, o reconhecimento e a conciliação de interesses conflitantes e, nesse sentido, não se opõe a ideia de soberania, uma vez que nenhuma conciliação de interesses é alcançada sem que haja uma autoridade superior a ambos, mesmo se essa entidade é nada mais que o contrato ou acordo de que eles viverão em harmonia.

No caso da feira, a PMNC é a instituição que regula o espaço, sendo, então, sua autoridade maior. É ela quem nomeia os fiscais e estes, por sua vez, dão conta de zelar pela manutenção. Dessa forma, acaba existindo um acordo de convívio entre feirantes e fiscais, pois ambos precisam conviver no ambiente da feira, a fim de que consigam obter êxito nas suas atividades. Isso é possível, pois “a cultura articula conflitos e volta e meia legitima, desloca ou controla a razão do mais forte. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização cotidiana” (CERTEAU, 1998, p. 45).

Portanto, os acordos e conflitos fazem parte do engendramento do evento da feira, e tais práticas a concebem como um território que se configura a partir de seu uso e das conciliações das políticas cotidianas. Do mesmo modo, é possível compreender que, da

“organização”¹⁴ que delimita esse território, pode-se ler diferentes territorialidades, pois “a territorialização, vista assim, significa apropriação social de um fragmento do espaço a partir das relações sociais, das regras e normas, do trabalho” (SAQUET, 2011, p. 22). Desse modo, a territorialização incorpora situações, além das questões políticas, e insere-se, também, nas relações econômicas e culturais, que são intrínsecas à maneira como os indivíduos organizam o espaço e confere-lhe sentido (HAESBAERT, 2014).

Sobre as acepções concernentes à territorialização, Haesbaert (2014, p. 61) esclarece, também, que:

[...] dentro da enorme diversidade de manifestações dos processos de territorialização, poderíamos falar em duas grandes referências “extremas” (quase tipos ideais) frente às quais podemos investigar o território: uma mais funcional, priorizada na maior parte da abordagem, e outra, mais simbólica, que vem adquirindo maior importância nos últimos tempos, pelo próprio fortalecimento da dimensão simbólica do poder. Enquanto espécies de tipos ideais, elas nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que pareça, e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por menos explícito que seja.

A territorialização, vista assim, é um complexo entre as leituras materiais e simbólicas expressas no território. Na feira, elas se fazem por toda a extensão das ruas onde acontece. As territorialidades estão configuradas no território da feira e refletem parte das escolhas e interesses do público que o frequenta. Nesse sentido, as territorialidades expressam as cotidianidades conferidas no tempo e no espaço, uma vez que estão presentes no dia a dia das pessoas (moradores e feirantes), sendo a feira um momento especial sistemático e coerente com suas vivências pelas peculiaridades que aglutina.

Dessa maneira, sob a ótica de sua territorialidade, a feira representa arranjos socioespaciais e acordos que envolvem o poder público, os comerciantes e a sociedade local. Estes acordos “[...] acontecem ao mesmo tempo, articulando sujeito, lugares, territórios em redes próximas e distantes, formando cruzamentos, nós e malhas que estão na base da formação de qualquer territorialidade e território em qualquer relação espaço-tempo” (SAQUET, 2011, p. 83).

Nos dias de feira, esses nós e malhas se emaranham, mas os cruzamentos se dão entre as ruas e a partir da predominância de uma ou mais espécies de produtos similares comercializados, que combinam, no território da feira, diversas territorialidades. Como bem esclarece Moraes e Araújo (2006, p. 4):

¹⁴ A palavra organização se encontra entre aspas, pois é preciso considerar que, mesmo tendo certa ordem, a feira pode parecer, àqueles que não estão habituados a ela, um ambiente em desordem.

Nessa trama complexa de dinâmicas e conotações, as praças de comércio tradicionais ou feiras livres não se constituem como um espaço único, mas como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito das feiras, são erigidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente, pelos indivíduos que frequentam esses espaços.

Dessa forma, nas ruas delimitadas para a feira livre, são distribuídos produtos de várias espécies, sejam semelhantes e/ou diversas. De tal modo, nos dias de feira, a rua 1º de Maio, embora também comercialize legumes e vegetais, passa a ser chamada de “feira da fruta”, onde ainda podem ser encontradas bancas com biscoitos e doces (Figura 24).

Figura 24 – Rua 1º de Maio, com bancas de (A) frutas e (B) biscoitos de goma e similares



Fonte: elaboração própria.

A dimensão territorial vista nas imagens acima é dotada de riqueza e complexidade, pois o espaço fixo constituído como rua 1º de Maio é preenchido pela estrutura móvel das bancas de frutas e, nesse dia em que ocorre a feira, é ressignificado, ganhando não só outra nomeação, como, também, outra função, tendo em vista que esse espaço deixa de ser apenas rua e passa ser a territorialidade das frutas, lugar de feirante e freguês comercializar, provar sabores, examinar texturas, convencer do gosto e qualidade. Aqui se veem as práticas do fazer cotidiano que “colocam em jogo uma *ratio* ‘popular’, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 1998, p. 41, grifo do autor). E é dessa combinação que a feira acontece e se realiza em minuciosidades e grandezas inerentes ao evento.

Essas combinações se desenham nas demais ruas em que a feira se realiza. A rua Industrial José de Brito tem, ao longo de sua extensão, a venda predominante de sapatos e confecções, mas também se pode encontrar bancas de CDs/DVDs, plásticos, alumínio,

acessórios, importados e aviaamentos diversos. Por oferecer essa diversidade de produtos, é chamada de “feira da sulanca”¹⁵, embora nela também se encontrem produtos de marcas que são oferecidos em lojas da cidade (Figura 25).

Figura 25 – Parte da “feira da sulanca”



Fonte: elaboração própria.

Vale a pena comentar esse aspecto relativamente recente das feiras nordestinas, onde a oferta de produtos agrícolas, mangaios e produção artesanal competem com os produtos “importados”. Na realidade, essa situação descortina a convivência moderna de artigos diferenciados, tanto pela origem quanto pela sua condição tecnológica, revelando “cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” de maneira que se pode refletir a feira como um lugar de certo modo democrático, onde “não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo” (CANCLINI, 2000, p. 18-19).

Assim, como, desde o início da sua existência, a feira se renova e se reinventa na perspectiva de sua permanência e continuidade, e sempre no intento de oferecer produtos do interesse de consumo das novas e das antigas gerações, traduzindo-se como um lócus de cruzamento de “diferentes temporalidades históricas que convivem em um mesmo presente” (CANCLINI, 2000, p. 83), considera-se, então, que a feira é parte integrante de um ritual urbano em que as trocas comerciais representam, apenas, uma parte de sua função

¹⁵ Feiras organizadas para vender produtos populares de fabriquetas e importados vindos do Paraguai, China e Coreia; diz-se também de roupas feitas com tecidos de uso popular, baratos.

socioeconômica. Na realidade, a sua dimensão simbólica e cultural remete às heranças ibéricas, recontextualizadas. No caso da cidade de Nova Cruz – RN, verifica-se a realidade nordestina/brasileira.

Do final da rua Industrial José de Brito até o largo da capela São Sebastião, são vendidos produtos destinados a um público mais específico, voltados, em sua maioria, para aqueles que lidam com o trato animal e agrícola (Figura 26).

Figura 26 – Venda de mangaios e ferragens na rua Industrial José de Brito



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 26, vê-se parte dos produtos que são encontrados ao final da rua Industrial José de Brito, tais como: pás, enxadas, foices, facas, ciscadores, entre outros artefatos para a lida com a agricultura. São verificadas, ainda, cordas, arreios, chicotes, celas, almofadas e cangalhas para alimárias,¹⁶ dentre outras diversidades de produtos destinados aos vaqueiros, fazendeiros e tratadores de equinos, bovinos e caprinos, que se encontram organizados em bancas e no chão.

No encadeamento da descrição da feira livre, encontra-se a rua Franco de Oliveira, que está localizada no cruzamento com a rua Industrial José de Brito. Nela está disposto para a

¹⁶ Espécie de armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e se equilibra a carga das bestas, cavalos e jumentos, metade para um lado delas, metade para o outro.

venda móveis artesanais confeccionados em madeira, tais como: mesas e cadeiras, camas e lastros, centros para decoração de salas. A Figura 27 apresenta imagem do início da rua.

Figura 27 – Início da rua Franco de Oliveira



Fonte: elaboração própria.

A rua Franco de Oliveira tem uma menor circulação de pessoas, pois comercializa bens de maior duração, com necessidade reduzida, diferentemente do que ocorre nas ruas em que se estende a comercialização de itens destinados ao vestuário, utensílios domésticos e alimentação.

Na sequência, o pátio do mercado público completa esse mosaico de cores, formas, cheiros e sabores que tomam o bairro São Sebastião nos dias de feira. O pátio se configura por uma área aberta e com cobertura de alumínio, localizada atrás do mercado. Nela se encontram as bancas com a venda de refeições, as quais, em sua maioria, são servidas em pratos feitos¹⁷, com alimentos de natureza regional, tais como: caldos de mocotó, cabeça de galo¹⁸, picados bovinos e suínos, além das carnes cozidas de bovinos, caprinos, suínos e galinha caipira, complementados por feijão, arroz, farinha, cuscuz e outras ofertas culinárias. No final do pátio, é o lugar onde ficam estacionadas carroças de burro, bicicletas e caixotes de transporte. Há, também, venda de vários produtos, em sua maioria frutas e raízes comestíveis (inhame, macaxeira, mandioca, batata doce) sobre lonas e, ainda, carnes e peixes salgados nas bancas (Figura 28).

¹⁷ Prato feito (PF) é um prato típico da culinária brasileira, composto, em geral, por arroz, feijão, algum tipo de carne e outros complementos. É bastante apreciado no país e tem custo relativamente baixo.

¹⁸ Pirão que tem como base farinha de mandioca, ovos e temperos verdes.

Figura 28 – Imagem do pátio do mercado público municipal de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria.

O movimento característico da feira também se estende a outras ruas que ficam no entorno das ruas demarcadas. Nelas estão os produtos armazenados em caixotes que os carroceiros levam e trazem para abastecer as bancas, como, também, os automóveis e motos que estacionam nas imediações à espera daqueles que compram ou vendem na feira. Nessas ruas, encontram-se, também, os táxis alternativos, com motoristas atraindo a clientela pelos gritos e chamando atenção daqueles que vêm com suas compras, a fim de saber-lhes o destino e horário de partida, como acontece na parte inicial da rua Industrial José de Brito. Já a rua Antônio Alves Flor está localizada por trás do pátio do mercado público e tem em sua extensão comércios de distribuidores de grãos, sementes e cereais, sendo bem movimentada nos dias de feira (Figura 29).

Figura 29 – Rua Antônio Alves Flor



Fonte: elaboração própria.

Assim, compreende-se que o evento da feira se arranja sob um território que tem suas regras de acesso e organização, quer estejam declaradas ou veladas, contudo necessariamente se realiza em ruas e, mesmo que o mercado abrigue algumas atividades permanentes, as ruas é que são, por sua essência, espaços do encontro. Sobre isso, Gomes (2012, p. 28) esclarece que:

A rua é também um sistema de signos e de linguagem, orientando os deslocamentos e os fluxos, sinalizando possibilidades, restringindo alguns usos e sugerindo outros, ou seja, é um universo de disposições espaciais de coisas e comportamentos. Por isso, ela é lugar do diálogo permanente e renovado. Essas condições devem ser a norma, a despeito de todas as diferenças que porventura existam dentro do corpo social (raça, sexo, cor etc.).

Mesmo que a realização da feira, em sua dinâmica peculiar, se projete nas ruas e seja possível enxergar nelas um território, elas continuam sendo, essencialmente, um legítimo espaço público. Nesse caso, o encontro ganha ainda mais força e incentivo, já que “a feira, por mais diversificado que possa ser o seu significado, é local de abastecimento, mas também de reunião, de encontro” (MAIA, 2000, p. 290), uma vez que a população se articula para a promoção desse encontro. Nessas ruas, espaço-território, inter cruzam-se pessoas de diferentes ruas e cidades, elas chegam do campo ou da cidade, das áreas urbanas ou rurais, dos lugares próximos ou, também, dos mais distantes. E nesses instantes de encontro, de passagem, trocam histórias e experiências e reafirmam seus gostos, ao mesmo tempo em que diversos destinos convergem para um território.

A fim de melhor compreender como alguns desses encontros acontecem, será tratado, a seguir, sobre as relações campo-cidade, a partir da ocorrência da feira livre.

2.2 RELAÇÕES CAMPO-CIDADE A PARTIR DA FEIRA LIVRE

Este item analisa algumas das relações que ocorrem entre o campo e a cidade a partir do evento da feira livre de Nova Cruz – RN. Além do embasamento teórico, consideraram-se as questões percebidas durante a pesquisa de campo e analisadas posteriormente para o direcionamento desta discussão.

Cabe explicar, então, que, embora pareça, não é tão simples tratar das relações entre campo e cidade, pois essa relação mudou profundamente no decorrer do tempo histórico. E vem sendo estudada por várias áreas das ciências humanas, sob diferentes análises, pois “cidade e campo são dimensões ao mesmo tempo distintas e complementares da existência social e, como característica comum, são formas espaciais” (WHITACKER, 2010 p. 187).

As questões relacionadas à discussão campo-cidade são diversas, dessa forma, a partir da feira livre, cabe a perspectiva da diferenciação social numa melhor análise das relações campo-cidade, pois

[...] a diferenciação social não é atributo apenas da cidade, mas do campo também. Assim, a oposição entre cidade e campo cede lugar, do ponto de vista analítico, para o enfoque das relações entre cidade e campo e da unicidade e complementaridade compreendida por esse par dialético (SPOSITO, M., 2006, p. 115).

Nessa perspectiva, Sposito, M. (2006, p. 116) acrescenta, ainda, que “não é importante distinguir ou diferenciar os dois espaços, mas compreender seus sentidos e papéis, assim como analisar as relações políticas, econômicos e os valores culturais”.

A feira livre é um locus privilegiado das imbricações campo-cidade, que acontecem a partir das relações entre feirantes e fregueses, bem como da dinâmica da feira para com a cidade, entre elas ocorre um constante processo de troca que mostra uma interdependência.

Na feira, a relação campo-cidade acontece a partir da dinâmica de seus diferentes sujeitos e passa por diversas instâncias. Desse modo, encontram-se, entre outras narrativas: o feirante, que comercializa apenas aquilo que produz em seu sítio; a dona de casa, que mora no campo e aproveita o dia de feira para visitar parentes na cidade; e, ainda, o senhor residente no campo, que aproveita o dia de feira para buscar outros setores e serviços que a cidade disponibiliza.

Para discutir algumas dessas relações, apresentar-se-ão depoimentos e imagens. Francisco (27 anos de idade), residente no município de Canguaretama – RN, relatou o seguinte:

Vendo massa de mandioca, vendo feijão, macaxeira, batata, inhame, raízes. Eu sou agricultor, tudo o que eu vendo é porque eu mesmo planto, eu não vendo a atravessador, eu mesmo venho diretamente pra feira, pra vender na feira. E aprendi com meus pais, a vender com eles. Eles já faziam e eu peguei o ritmo até hoje (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Na imagem na Figura 30, o feirante cuida de seu ponto de venda e, juntamente com o irmão, traz alguns produtos singulares que são cultivados em sua pequena propriedade, fato comum a outros feirantes e moradores da região. Em sua banca se encontram itens alimentícios de grande apreciação do consumo da cozinha nordestina, alguns são manipulados no ambiente da feira, como é caso da massa de mandioca peneirada no momento da compra. Dessa forma, eles transportam para o ambiente urbano da feira um hábito próprio das casas de farinhas das comunidades rurais, além de outras singularidades, como o feijão verde vendido na casca, a

balança de peso e a carroça de mão, que compõem o cenário de suas vendas e revelam hábitos culturais que são parte dos recônditos interiores do país, sobretudo no Nordeste.

Figura 30 – Comercialização de produtos alimentícios produzidos pelo feirante



Fonte: elaboração própria.

Ainda na perspectiva do escoamento dos cultivos das comunidades rurais para a feira livre, há feirantes que comercializam suas produções, mas também compram de conhecidos do lugar onde moram. É o caso da feirante Violeta, residente na cidade de Lagoa de Dentro – PB, que é feirante há cinco anos. Ao falar da origem dos produtos que comercializa, ela contou: “Só trabalho aqui na feira, mas a gente planta, também, feijão, macaxeira, batata. Agora as frutas não, a gente compra lá dentro dos sítios” (entrevista concedida em 14 abr. 2014). A feirante acrescenta, ainda, que, se não pudesse mais ir à feira livre de Nova Cruz – RN, iria sentir falta de fazer compras, pois considera a feira muito boa para quem vai fazer compras para casa, principalmente por causa dos preços baixos.

Mediante os depoimentos, fica evidente que há uma inter-relação entre campo-cidade que é vivenciada pelos dois sujeitos analisados: feirantes e fregueses.

A feira livre de Nova Cruz – RN atrai tanto feirantes quanto fregueses, que se deslocam do campo para a cidade. É interessante frisar que o objetivo maior do deslocamento

é a feira, contudo, durante as entrevistas, boa parte dessas pessoas mencionaram que aproveitam o dia de feira para ir a outros estabelecimentos, como bancos e farmácias, pois há uma maior disponibilidade de transportes, o que facilita o deslocamento, tanto do campo para a cidade como entre cidades. Essa situação é relatada por alguns entrevistados, a exemplo do senhor Antônio (70 anos de idade), morador da cidade de Santo Antônio – RN. Ao ser perguntando se, além da variedade de produtos, ele vinha à feira por outros motivos, ele respondeu: “Também. Porque dá para resolver outras coisas, documentos, bancos e aproveito os carros da feira e resolvo essas coisas também” (entrevista concedida em 9 abr. 2015). Além da busca pelos serviços, há, também, aqueles que aproveitam o dia de feira para visitar um parente ou amigo, como bem conta a senhora Camélia (56 anos de idade), moradora da comunidade Primeira Lagoa, de Nova Cruz – RN: “Eu venho toda semana a Nova Cruz, venho sempre, porque tenho família. Quando não venho comprar, venho pra casa da minha filha” (entrevista concedida em 9 abr. 2015).

Outro ponto que se nota ao se avaliar as declarações dos sujeitos, é que a dinâmica dessas relações ocorre tanto no âmbito campo-cidade como, também, cidade-cidade, devido à considerável rotatividade provocada pelo acontecimento da feira. A esse respeito, Araújo (2011, p. 69), considera que a

[...] cidade não constitui um aglutinamento urbano isolado, assumindo relação de reciprocidade somente com o campo, mas também com outras cidades. Ao fazê-lo, integra-se numa teia de relações econômicas, culturais, sociais e políticas, uma vez que muitos dos modelos governamentais e modelos legislativos existentes são baseados na alteridade estabelecida no convívio entre os sujeitos de realidades semelhantes ou diversas.

A elucidação de Araújo (2011) é muito pertinente, pois, no contexto da feira livre de Nova Cruz – RN, é quase impossível pensar a relação campo-cidade separada da relação entre cidades, sobretudo quando se considera uma conjunção de fatores políticos, econômicos e culturais. Desse modo, a dinâmica entre cidades, que geralmente é proporcionada pelo deslocamento de pessoas e produtos, acontece paralelamente à relação campo-cidade.

Ao se pensar nas diferenças relativas a campo e cidade, dentre outras questões, é possível considerar que elas se dão em decorrência das relações sociais nelas contidas, pois são elas que dão forma à construção da sociedade urbana, e isso não implica transformar o campo em cidade, mas sim num modo de articulá-lo ao urbano (CARLOS, 2004).

Quando se trata das feiras, essa articulação é recorrente, pois seu acontecimento envolve várias cidades. Dessa forma, essa análise insere, também, o contexto de rede urbana,

considerando-se que a rede urbana, dentre outras leituras, acontece a partir das relações entre cidades que têm comunicação entre suas vias de tráfego, com interações espaciais de curtas e/ou longas distâncias, com diferentes naturezas de seus bens e serviços (CORRÊA, 2007), visto que “o aumento da intensidade das redes é decorrência da necessidade crescente de transporte de pessoas e de mercadorias” (SPOSITO, E., 2008, p. 60).

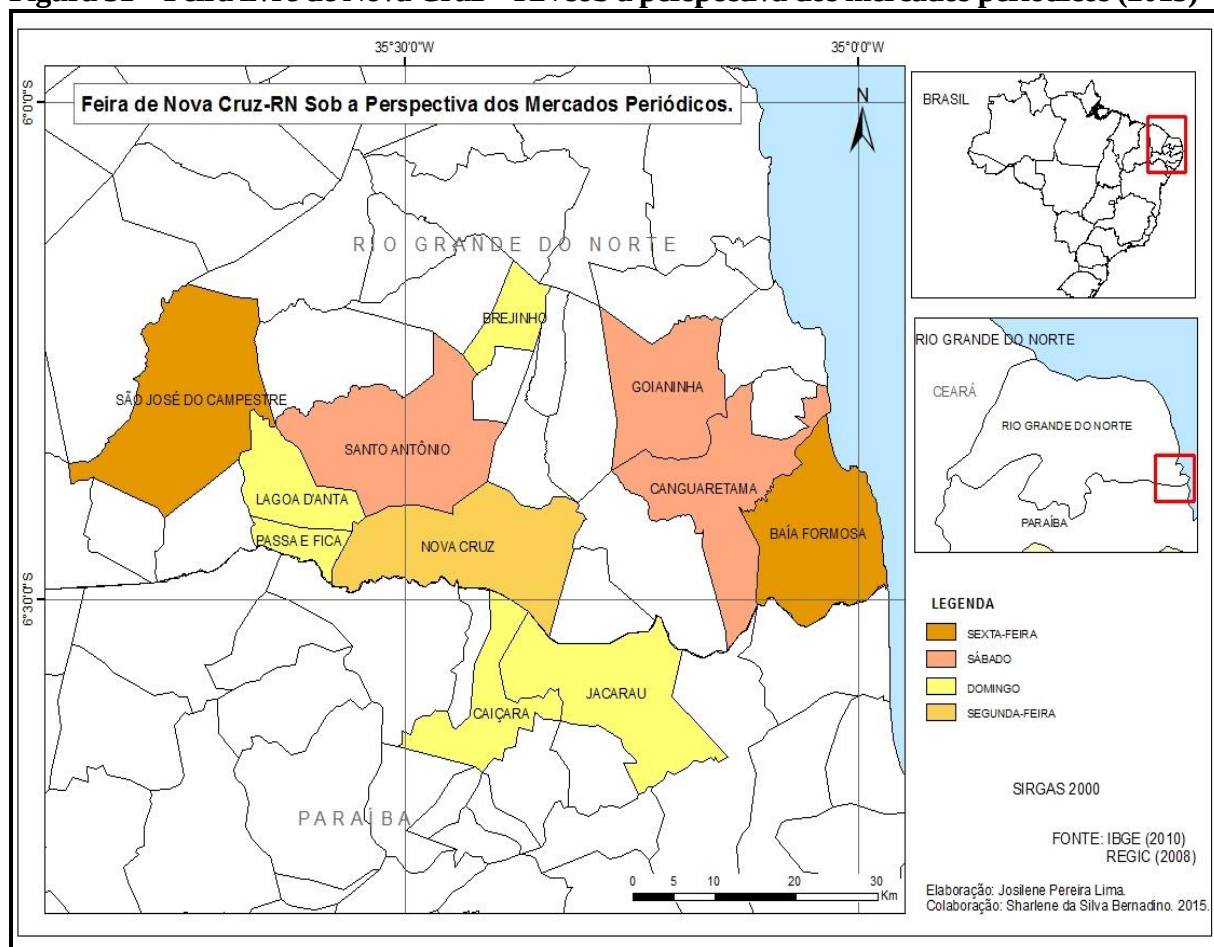
Nessa rede se desenvolve o que Corrêa (2007) identifica como mercado periódico, ou seja, pequenos núcleos de povoamento que periodicamente se transformam em localidades centrais, uma ou duas vezes na semana, constituindo-se como centro de mercado.

No que se refere à centralidade de Nova Cruz – RN, ela acontece em outros dias da semana, pois, como já discutido no primeiro capítulo, a cidade oferece serviços que outras cidades de seu entorno não dispõem, por ser, também, uma cidade de porte médio. Todavia, nos dias de feira, essa centralidade se acentua, pois “quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidade, maior será a importância de sua feira que é determinada segundo o número de participantes e área de atuação” (CORRÊA, 2010, p. 67). O autor esclarece que, no caso da feira, muitas dessas cidades se articulam para a formação do que se denomina de mercado periódico:

[...] os mercados periódicos representam uma forma de sincronização espaço-temporal das atividades humanas. Assim, os dias de funcionamento de cada mercado acham-se articulados aos demais, numa lógica de tempo e espaço envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado mercado (CORRÊA, 2010, p. 50).

A articulação desse tipo de mercado é presente na feira livre de Nova Cruz – RN e coloca em sincronização muitos municípios. Elas se articulam no sentido de favorecer à circulação e ao escoamento dos produtos comercializados, muitos desses produtos vindos do campo em direção à cidade. Dessa forma, conclui-se que os dias de feira desses municípios não são escolhidos aleatoriamente. Pensando-se na teia de conexões que concorre para o encadeamento das feiras, perguntou-se, durante as entrevistas com os feirantes, se, além da feira livre de Nova Cruz – RN, eles participavam de outras feiras. As feiras mais citadas foram: Passa e Fica – RN, Brejinho – RN, Lagoa D’Anta – RN, Jacaraú – PB e Caiçara – PB, realizadas aos domingos; Goianinha – RN, Santo Antônio – RN e Canguaretama – RN, que acontecem aos sábados; e Baía Formosa – RN e São José do Campestre – RN, que ocorrem nas sextas-feiras. Para um melhor estudo dos pontos de articulação desse mercado na feira, elaborou-se um mapa (Figura 31).

Figura 31 – Feira livre de Nova Cruz – RN sob a perspectiva dos mercados periódicos (2015)



Fonte: elaboração própria, a partir da base cartográfica e da Regic do IBGE (BRASIL, 2008, 2014).

No mapa, visualiza-se claramente que a articulação entre esses municípios acontece tanto da escolha dos dias para o acontecimento de cada feira, como, também, das vias de acesso, visto que são relativamente próximas. Tal fato faz com que feirantes e, também, parte dos fregueses convirjam para um dado mercado. No caso de Nova Cruz – RN, como já observado, além da feira, há outros interesses, entre os mais citados, encontra-se a ida aos supermercados. A cidade dispõe de dois dos maiores supermercados da região, pertencentes a redes do estado do Rio Grande do Norte, que são os supermercados Rede Mais e Super Show! Supermercados, ambos instalados na intermediação das ruas onde acontece a feira.

Assim, durante a pesquisa de campo, notou-se que os supermercados têm movimento intensificado nos dias de feira. Desse modo, foram pensadas e colocadas duas questões na entrevista, a fim de entender melhor essa demanda, quais sejam: Você frequenta a feira toda ou compra produtos específicos? Por quê? Qual a diferença entre fazer compras na feira ou no supermercado? Nas falas, a maioria dos entrevistados disse se dividir entre as compras na feira livre e nos supermercados, devido à demanda e tipos de produtos. Na feira, opta-se por

produtos mais perecíveis, como carnes, frutas, legumes e verduras. Já no supermercado, a preferência é por material de limpeza, enlatados, embutidos, bebidas, dentre outros produtos próprios da cesta básica (arroz, macarrão etc.). Assim explica a senhora Dália, moradora da comunidade São Judas Tadeu, do município de Nova Cruz – RN:

Compro só carnes, frutas e verduras, o resto é supermercado. Porque é assim, no supermercado eu acho mais caro, na feira, esse tipo de comida é mais barato. No supermercado, compro mais produto de limpeza. Fruta, verdura, carne, eu não compro lá. Carne mesmo, já tem uma pessoa apropriada para mim comprar, já conheço há muitos anos essa pessoa, não compro a todo mundo não (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

Quanto à diferença entre fazer compras na feira ou no supermercado, muitos citam o preço, pois consideram a feira com ofertas melhores, a variedade de alguns segmentos e as formas de negociação. É o que relata o senhor Pedro (78 anos de idade), residente na cidade de Santo Antônio – RN.

O supermercado, se a pessoa faz uma compra grande, ele tem tudo calculado e, aquela história, se somar centavo por centavo, aí dificilmente a pessoa na hora faz a conta correta, e eles lá só botando, depois que a pessoa chega em casa e que vai pensar: meu Deus! Como foi que gastei tanto? E na feira não, a pessoa compra uma coisinha, outra acolá, e vai controlando mais, e é mais fácil de negociar (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

Desse modo, a feira não substitui os supermercados, tampouco estes substituem aquela, pois há uma divisão dos produtos adquiridos. O dia de compras na feira também é o dia no supermercado, sobretudo para aqueles que não residem na cidade de Nova Cruz – RN, pois, como já tratado no texto, nos dias de feira há uma maior oferta de transportes, eles facilitam consideravelmente a comunicação entre cidades e campo-cidade. Acerca dessa comunicação, Araújo (2011, p. 72) acrescenta que “o campo já não se apresenta mais como no passado, nem tampouco as cidades. Ambos os locais dialogam, interagem e se adequam às novas realidades como o propósito maior de sobrevivência e de não desaparecimento”.

A feira livre é um evento que faz a intermediação campo-cidade, e as demandas econômicas se apresentam de modo acentuado nos dias de feira. Neste íterim, desenvolvem-se tanto as atividades de compra e venda das negociações dos feirantes e fregueses diretamente para com o evento, como também esse dia movimenta outros setores da cidade.

Como foi demonstrado anteriormente, dentre as possíveis adequações para o equacionamento do abastecimento da população, encontram-se os supermercados, os quais,

por sua vez, traçam formas de atrair o público da feira livre. Para tanto, realizam programações especiais em datas comemorativas próximas aos dias de feira, como ocorreu no Dia Internacional da Mulher e no Dia das Mães. Nesses dias, um carro de propaganda oferecia café da manhã para todos aqueles que visitassem o supermercado.

Nos dias comuns, distribuem-se, na feira, panfletos com ofertas de promoções do dia. O carro de propaganda circula nas ruas próximas às da feira, com suas mascotes. Esse movimento visa chamar atenção especialmente daqueles que não residem na cidade e estão nela por ocasião do acontecimento da feira, pois, no trabalho de campo em dias em que não há feira, observou-se esse movimento. Além da divulgação feita com distribuição de panfletos e carros de propaganda, os dois maiores supermercados da cidade também têm anúncios em rádios em frequência modulada (FM) do estado do Rio Grande do Norte, com uma frequência que alcança, também, algumas cidades da Paraíba.

[...] a superposição cidade/campo realiza-se, assim, também no plano que ultrapassa o das formas materiais propriamente dita, pois a articulação entre os espaços urbanos e rurais realiza-se por meios de comunicação que ultrapassam, sem superar completamente, a organização hierárquica que regeu as relações entre campo e entre cidades de uma rede urbana. Assim os autores políticos e econômicos sediados na cidade ou no campo têm maior ou menor potencial de integração, dependendo dos meios que dispõem para participar das redes de interação (SPOSITO, M., 2006, p. 126).

Desse modo, a superposição se verifica no contexto da feira livre de Nova Cruz – RN, de modo que envolve a relação campo-cidade. Retomando à ideia dos meios de comunicação que favorecem à interação do campo com a cidade, a Figura 32 apresenta imagem em que o locutor anuncia as promoções do dia ao lado da mascote de um dos supermercados da cidade, nesse caso, a “Sacolinha Show”, mascote do Supermercado Show.

Figura 32 – Carro propaganda circulando nos dias de feira



Fonte: elaboração própria.

Com base nas entrevistas analisadas, conclui-se que, na feira, a preferência se dá por itens que os consumidores buscam a confiança do comprador para adquirir. Além disso, ocorre uma camaradagem entre o consumidor e o item a ser comprado, como as piadas e brincadeiras improvisadas entre consumidores e dos feirantes com seus clientes, de forma que se “evidencia um caráter diferenciado destas compras na feira em relação ao supermercado ou outro estabelecimento de comércio. Na feira, os fregueses trocam receitas e apalham os alimentos que estão soltos em cima da banca – nada das embalagens plásticas do supermercado” (VEDANA, 2004, p. 48).

Outro ponto citado nas entrevistas revela as formas de negociação. O supermercado não tem a mesma flexibilidade dos feirantes na hora de fracionar os produtos para a venda, por exemplo. Assim, relatou a senhora Hortência (36 anos de idade), residente de Nova Cruz – RN, quando questionada se haveria diferença entre comprar na feira e no supermercado:

Tem. No preço, porque na feira a gente compra mais barato, no supermercado é mais salgado um pouquinho, na feira também a gente compra em quantidade, em unidade, no supermercado não, é sempre o peso certo, medido no quilo, na grama (entrevista concedida em 18 maio 2015).

Ao contrário do que tratam alguns autores quando abordam as obsolescências das feiras livres no mundo moderno diante da insurgência das redes dos supermercados, a exemplo de Mascarenhas (2008), ao abordar as feiras cariocas, em Nova Cruz – RN, a feira não se tornou desusada, e os supermercados são uma opção de complementação na busca dos produtos pelos consumidores, tanto que o dia de “fazer a feira” é, também, dia de supermercado, de realizar compras no supermercado, sobretudo para aqueles que residem no campo. Desse modo, dos 20 fregueses entrevistados, apenas 4 afirmaram comprar tudo que necessitam na feira livre, e os demais disseram se dividir entre a feira e o supermercado.

Portanto, a relação campo-cidade acontece em vários momentos na feira livre de Nova Cruz – RN, ela pôde ser observada tanto nas falas dos feirantes quanto dos fregueses, quando relataram as cidades de onde se deslocam, os serviços e produtos que buscam, dentre outras questões vistas neste estudo.

Tendo em vista a dinamicidade peculiar ao evento, abordar-se-ão, no próximo tópico, as múltiplas relações culturais passíveis de observação e análise na feira livre.

2.3 RELAÇÕES MULTICULTURAIS DA FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN

O multiculturalismo é tema recorrente nas ciências humanas, estando quase sempre relacionado ao “processo de globalização” (SANTOS, B., 2001). E, dentre outras questões, tal conceito aborda a dualidade entre identidade e reconhecimento, permitindo refletir sobre as possibilidades da vida em sociedade. A respeito do termo “multiculturalismo”, Hall (2013, p. 57) esclarece que esse é substantivo e “refere-se às estratégias políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais”, assim como denomina “uma variedade de articulações, ideias e práticas sociais”.

Acerca das questões relativas à diversidade, Santos, M. (2012, p. 157) infere que:

Não distinguíramos entre unidade e diversidade, se não soubéssemos que a unidade é o próprio do Planeta e da História, e a diversidade é o próprio dos lugares. Muda o mundo e ao mesmo tempo mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento.

Compreender essa questão também é uma preocupação mais recente da Geografia Cultural. Assim, McDowell (1996 apud MAIA, 2000, p. 159) esclarece que os temas “acerca da significação, representação, a política de localização e a elaboração de um sentido próprio baseado em lugar nas sociedades multiculturais” têm servido para unificar a “nova geografia cultural” e concede uma maior liberdade ao pesquisador para tratar as questões da realidade (CLAVAL, 2002).

As identidades multiculturais estão a todo o momento configurando o território da feira livre e, por serem diversas, fazem da feira um universo múltiplo e, ao mesmo tempo, uno, pois comungam o local e o global, o geral e o particular, num contexto em que muitas das relações acontecem de maneira espontânea germinadas no cotidiano. A respeito da questão entre o local e o global, Santos, M. (1988) esclarece:

A menor relação social contém parte das relações que são globais. É através dessa relação que nós nos enganamos, diante de coisas que têm a mesma aparência. Cada lugar é singular e combina de maneira particular variáveis que podem ser comuns a outros lugares (SANTOS, M., 1988, p. 22).

Acerca da singularidade que as relações sociais, os objetos e os comportamentos conseguem expressar, mesmo na tendência mundial da globalização, Santos, B. (2001, p. 112), reitera que “os lugares são, pois, os mundos que eles reproduzem de modos específicos,

individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares”.

Na Figura 33, registrou-se uma cena bastante peculiar no ambiente da feira livre: os carroceiros, que acompanham alguns frequentadores durante as compras, a fim de alocar suas sacolas em uma carroça de mão e, ao final delas, fazer o transporte até a residência. O valor do frete varia de R\$ 1,00 a R\$ 4,00, dependendo da distância. Esses personagens se beneficiam das relações entre feirantes e fregueses, já que seu trabalho depende do volume de compras realizadas pelo consumidor. Eles tentam convencer os consumidores a aceitarem seus serviços, e nessa empreitada disputam espaço com os mototaxistas. Estes últimos têm revolucionado as formas de transportar mercadorias na feira, pois a moto-táxi “é utilizada não só para o transporte de compradores e feirantes, mas também, em certos casos, para levar mercadorias. Não é raro que um mototaxista conduza uma saca de feijão ou de farinha” (PAZERA JUNIOR, 2003, p. 123). Assim, esses pares se inter cruzam entre as diversidades que se observam no território da feira livre. A Figura 33 apresenta imagem com alguns carroceiros que acompanham senhoras em suas compras na rua 1º de Maio. A imagem pode ser remetida a um traço cultural do processo colonial e escravocrata que a população brasileira viveu. Contudo, no contexto atual, o serviço de carroceiro é uma fonte de renda informal e esporádica para algumas pessoas, no caso da feira, a maioria é de adolescentes.

Figura 33 – Grupo de carroceiros no início da rua 1º de Maio



Fonte: elaboração própria.

Dessa forma, a intenção é de não destacar as diferenças no sentido da cisão, visto que “um dos pontos chaves do multiculturalismo é a questão da diferença” (SEMPRINI, 1999, p. 11). O que se busca, na leitura cultural do evento feira livre, é explicitar como esta acontece de modo complementar, pois o universo da feira comunga os mais diversos artigos e interesses que, numa classificação mais simplista, poderiam ser qualificados de tradicionais e modernos ou novos e antigos, contudo essa distinção ocorre à medida que um reforça a existência do outro. Hall (2005, p. 12-13), explica que:

Na pós-modernidade, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia: O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

A homogeneização não é vista no evento da feira, pois esta é fruto de uma mistura singular. Da feira, nada se exclui, tampouco a existência de uma identidade provoca a descaracterização de outra. A feira livre de Nova Cruz – RN é um território ordenado a partir das histórias e vivências dos feirantes e fregueses que ali chegam e saem semanalmente. Ao tratar sobre o convívio entre homogeneidade e heterogeneidade nas sociedades globais, Hall (2013, p. 66) esclarece, ainda, o seguinte:

[...] trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea, o fato de que, culturalmente, as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo). Entretanto, concomitantemente há uma proliferação das “diferenças”. O eixo vertical do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças “locais” as quais o “global-vertical” é obrigado a considerar.

Assim, o evento feira livre é multicultural, pois promove a pluralidade de identidades culturais, e a heterogeneidade se apresenta como marca de cada territorialidade que ali se desenha, de modo que se opõe à padronização e uniformização, comumente vista nos lugares voltados para o comércio, como é o caso de redes de supermercados e *shopping centers*. Além disso, notabiliza o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos, pois “a diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico” (SEMPRINI, 1999, p. 11).

Ao circular pela feira livre de Nova Cruz – RN, nota-se que pessoas de diferentes classes sociais fazem uso daquele território. Isso acontece tanto com feirantes como com fregueses, pois, do mesmo modo que há feirantes que não possuem outra atividade econômica além da feira, há, também, aqueles que têm lojas em Nova Cruz – RN ou em outras cidades, mas que têm bancas nos dias de feira. Como relatou o senhor Manuel: “Há quarenta anos que vendo em feira, tenho comércio estabelecido em alguns locais e faço feira também” (entrevista concedida em 9 mar. 2015). Ele vende mudas e plantas de frutos e flores de várias espécies.

O mesmo também ocorre com os fregueses. Nas entrevistas, há aqueles que disseram pesquisar o preço, andar bastante e mesmo não ir à feira todas as segundas-feiras, devido à falta de recursos financeiros, enquanto há aqueles que vêm à feira nas segundas e quintas-feiras, na busca pelos melhores produtos, como contam, respectivamente, os fregueses e moradores do município de Nova Cruz – RN, ao serem questionados sobre a frequência com que comprem na feira: “Venho sempre, toda segunda e quinta, na segunda é mais sortido e já na quinta tem mais verduras” (Severino, 56 anos de idade, entrevista concedida em 9 mar. 2015). “Venho de quinze em quinze, quem me dera pudesse vir toda semana” (Gardênia, 83 anos de idade, entrevista concedida em 18 maio 2015). Desse modo, a multiplicidade envolve os ditames econômicos que se encontram veiculados de acordo com o poder de compra do indivíduo. Entretanto a feira livre não inibe a participação daquele que comparece a ela com o propósito de não consumir, ao contrário de outros ambientes voltados para o comércio.

Sob essa perspectiva, é interessante expor o depoimento do senhor Vicente (72 anos de idade), morador do sítio Juriti, de Nova Cruz – RN: “venho sempre toda segunda e quinta, mas na quinta só para andar, porque o carro do vizinho passa na porta, salto em cima e venho. Tenho 72 anos, desde que me casei com 25, só faço feira aqui” (entrevista concedida em 18 maio 2015). Mesmo que a feira seja um evento voltado para a venda de produtos de todas as espécies, a socialização precede a comercialização, de modo que as relações multiculturais acontecem de maneira mais dinâmica e espontânea, uma vez que a feira livre proporciona encontros entre produtores, feirantes e fregueses, criando jeitos de se relacionar ou formas de sociabilidade, construindo histórias em meio a uma intrincada rede de conversas e convivências, atrelando uma diversidade de pessoas e situações, num espaço comum. A este respeito, Semprini (1999, p. 46) esclarece o seguinte:

O espaço multicultural é antes de tudo um *espaço de sentido*, uma semiosfera onde a circulação dos símbolos é pelo menos tão importante quanto a circulação de bens e outros benefícios materiais [...] a importância assumida pelo sentido e a subjetividade torna impossível qualquer modelização do espaço multicultural, que não seja elaborada a partir- ou ao menos considerada-da perspectiva das personagens sociais envolvidas.

Outro ponto a se observar é a paisagem, ela constitui o território pelos elementos multiculturais que ali se encontram. No entanto, a dimensão destes não é absorvida de maneira plena pelos indivíduos que compõem tal cenário, já que o cotidiano, que se verifica nos centros urbanos, tem como marca a diversidade. Santos, B. (2001, p. 135) corrobora que “as identidades culturais não são rígidas nem muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processo de identificação”.

Desse modo, a multiplicidade de elementos, objetos e comportamentos faz da feira esse universo peculiar de aparente desorganização, contudo é a desordem da paisagem, quando comparada a outros lugares voltados ao comércio na contemporaneidade, que torna o evento feira livre ímpar. Nesse sentido, a Figura 34 mostra essa multiplicidade de objetos distintos que comungam o mesmo espaço. E, mesmo que pareçam diferentes, esses objetos fazem parte dos usos cotidianos de muitas pessoas, de modo que é comum se encontrar, por exemplo, capacetes para motos à venda nas bancas de mangaios, pois os vaqueiros contemporâneos pouco se utilizam do transporte animal.

Isso ocorre porque, na labuta com o gado, reduziu-se o uso do cavalo e as motocicletas passaram a ter uma função importante como meio de transporte e também como mercadoria. No entanto, o cavalo ganhou outro uso: as exposições e grandes eventos de vaquejada que são comuns em todo o Nordeste (PAZERA JUNIOR, 2003).

Figura 34 – Capacetes para motoqueiros à venda na banca de mangaios



Fontes: elaboração própria.

Dessa forma, a aparente desarmonia visual é esvanecida pelas relações de conveniência e compreensão, de modo que se apresentam para a comercialização, no mesmo território, com fronteiras quase inexistentes, os jogos mais recentes para computadores (versão pirata), minirrádios portáteis, lanternas, dentre outros (Figura 35), ao lado do mercado de peixes, logo após as tradicionais bancas em que se enfileiram fumos de rolos, cigarros e panelas de alumínio.

Figura 35 – Venda de CDs e eletrônicos na rua Industrial José de Brito



Fonte: elaboração própria.

Essa mistura também se reflete noutras forma de consumo, sendo possível observar um senhor que, às oito horas da manhã, senta-se em uma das barracas do mercado público servindo-se de cerveja com lasanha, enquanto faz distraidamente o jogo do bicho com o cambista, que parece ser um velho conhecido. A Figura 36 ilustra o movimento nas barracas.

Figura 36 – Barracas de lanches externas ao pátio do mercado público de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria.

Na feira, também se vivenciam experiências de ativação dos sentidos, pois está em constante estímulo o olfato, a visão, o tato, o paladar, a audição. Do que se ouve e se vê, ali estão presentes os cheiros das frutas e dos pontos de produção culinária em preparação nas bancas da feira, assim como os odores menos agradáveis, como os detritos de peixes, por exemplo.

A feira é lugar de todos os públicos, pois consegue atrair e atender pessoas de diferentes idades e gêneros, cada uma com sua determinada finalidade, seja vender, comprar, passear, conduzir etc. Dessa maneira, as relações multiculturais inserem-se na feira livre de maneira instintiva, do mesmo modo que estão no cotidiano das pessoas que ali se encontram, pois “a vida cotidiana é a medida de todas as coisas, do uso do tempo vivido e das relações interpessoais” (FERREIRA, L., 2010, p. 75). Assim, a feira livre se apresenta enquanto fenômeno que incorpora diversos níveis de realidade, tempo e interesses, guardando certa ambiguidade, pois é um importante elemento de resistência e manutenção de características culturais de uma sociedade, mas também espaço onde se encontram as novidades em produtos e comportamentos inerentes a essa sociedade em constatação de mudança.

Dessa maneira, no próximo capítulo, busca-se compreender o evento feira em sua dimensão mais simbólica e subjetiva, pois se acredita que a manutenção de um evento tão peculiar, que em certo ponto destoa da homogeneidade vista na sociedade contemporânea, faz-se, também, devido à representação que esse evento tem para seus participantes. Nessa representação, estão contidas as relações de identidade, afetividade e fidelidade, passíveis de apreensão e análise.

CAPÍTULO 3

FEIRA LIVRE DE NOVA CRUZ – RN E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS: RELAÇÕES DE IDENTIDADE, FIDELIDADE E AFETIVIDADE

Neste capítulo, contemplam-se algumas das representações culturais da feira livre de Nova Cruz – RN. Destacam-se, especialmente, as representações contidas nas relações de identidade dos indivíduos, tanto feirantes quanto fregueses, para com o universo da feira livre, buscando-se compreender como se desenvolvem as relações de fidelidade entre feirantes e consumidores e o que as sustentam, bem como as relações de afetividade criadas e cultivadas no espaço da feira.

As representações culturais são pensadas no sentido de significação que o evento feira livre confere àqueles que dela participam, já que, Segundo Gil Filho (2005, p. 56), “as representações remetem à consciência coletiva, que explica o que é de interesse imediato e acessível a qualquer um. Seria a realidade prática, apreendida através da apropriação comum da linguagem e da imagem, e de sua veiculação de ideias”.

A perspectiva cultural da Geografia proporciona o trabalho com essas tramas, pois tem como fundamento o respeito às culturas e a ideia que também é possível compreender a produção do espaço a partir delas, visto que, “tudo que concebemos como geográfico é impregnado da articulação de dois sentidos: o denotativo e o conotativo. O que é geográfico, ao mesmo tempo em que é revelador de uma feição, também é de uma função e um significado” (HEIDRICH, 2013, p. 53).

Dessa forma, torna-se importante refletir sobre a importância das relações de identidade, fidelidade e afetividade percebidas na feira livre durante o trabalho de campo. Elas dizem respeito às histórias de vida construídas no território da feira livre contadas por pessoas que se disponibilizaram a compartilhar parte das percepções de seu cotidiano, de modo que as contribuições de Hall (2005, 2013), Silva (2014) e Woodward (2014) são relevantes para a discussão da identidade e representação, assim como as reflexões sobre cotidianos vistos por autores já citados no primeiro capítulo.

Aqui se reitera a importância da história oral também anunciada no primeiro capítulo, pois ela possibilita uma compreensão mais aprofundada dos traços culturais que influenciam as relações sociais e a compreensão de identidades intrínsecas à representação.

Assim, o arcabouço teórico-metodológico utilizado faz uso da análise das fontes orais, a partir da perspectiva de autores que tratam das questões sobre vida e memórias, tais como:

Pollak (1989, 1992), Freitas (2002), Ferreira e Amado (2006), dentre outros, os quais trazem a memória como um conjunto de sentidos que incorpora os acontecimentos do passado aos do tempo presente e seus conflitos.

A partir da história oral, é possível refletir sobre os acontecimentos vividos individualmente ou em grupos, num processo de construção de identidade e de socialização histórica da memória que comunica de forma eficaz e acentuada, o que se pode chamar memória herdada (POLLAK, 1992). Essa memória é imanente no espaço da feira, por meio das relações de parentesco e sucessão familiar, como já citado no segundo capítulo.

A apreciação da história permite o entendimento dos significados que identificam um espaço, “o espaço cultural é um espaço geossimbólico carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte, torna-se território santuário, isto é, um espaço de comunhão com um conjunto de signos e valores” (CLAVALL, 2002, p. 111).

A feira livre é um desses espaços carregados de significados e valores, que não são puramente comerciais ou culturais, mas que se fazem da intermediação entre ambos. Nesse processo, o trabalho com a história oral se revela formidável, por ser multidisciplinar e permitir uma compreensão da produção do espaço que se realiza pelas práticas e lutas sociais dos sujeitos (FORTUNATO; RUSCHEINSKY, 2004). E, por ser multidisciplinar, é possível atrelar a história oral a “uma concepção de geografia e de história como ciência humana, e do espaço geográfico como espaço social, bem como da história como resultado das transformações produzidas pelos homens e mulheres que nela vivem” (FORTUNATO; RUSCHEINSKY, 2004, p. 4).

Assim, a apreciação da feira livre, enquanto espaço que converge as diferentes significações, inicia tratando das relações de identidade e fidelidade acuradas na pesquisa de campo e, posteriormente analisadas, elas revelam concepções de mundo, lugar de vida e trabalho, que fazem parte da representação, pois “pode-se compreender que as representações estão no centro da trama entre cultura e território, que aproximam e afastam uns dos outros, movem intercâmbio e isolamento, multiplicidade e diferença, globalidade e localidade” (HEIDRICH, 2013, p. 55).

As afinidades identitárias para com o evento da feira livre são variadas, ocorrem da percepção do participante com ela, quer seja ele feirante ou freguês, sujeito privilegiado nesta pesquisa, e se revelam nos depoimentos colhidos e analisados mediante fragmentos das histórias de vida, de modo que afirmam a existência de “uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5). Nos depoimentos, têm-se desde aquele que vê na feira um meio de sobrevivência financeira, até

aqueles que a consideram enquanto lar. As falas demonstram, também, que muito da identificação com a feira enquanto lugar de vida está no reconhecimento do outro.

A identidade tem estreita relação com a representação, pois

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas de símbolos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2014, p. 17-18).

Na feira livre de Nova Cruz – RN, em todos os depoimentos escutados, puderam-se encontrar fragmentos de um cotidiano que liga o sujeito ao território por meio da atividade exercida, pois é esta que o diferencia, já que “a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação” (SILVA, 2014, p. 91).

Pensando-se acerca da feira no contexto de significação que ela exerce para aqueles que dela fazem parte, perguntou-se a feirantes e fregueses o que eles gostariam de deixar registrado sobre a feira. A seguir, apresentam-se as falas dos feirantes Francisco (27 anos de idade) e Sebastião (74 anos de idade). O primeiro contou: “A feira para mim é uma coisa ótima. Faz parte de mim, desde novinho, né? Aí, quando eu tiver velho, aí que paro, venho só passear, porque velho só conta o que foi” (entrevista concedida em 29 set. 2014). O segundo relatou: “A feira é uma coisa boa. Tem dia que a gente vem e apura dinheiro, tem dia que não leva nada, e é assim. O comércio é para cabra se divertir. Meus meninos não quer que eu trabalhe mais não, mas eu venho para me divertir” (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Nas falas desses sujeitos, fica claro que a identificação como feirante norteia suas vidas numa dimensão que envolve a relação temporal e se sustenta em três pontos: Quem fui? Quem sou? Quem serei? Essas definições são tecidas considerando-se a subjetividade e identidade, uma vez que envolvem emoções e concepções. Entretanto a subjetividade arrola um contexto social no qual linguagem e cultura conferem significação à experiência que se tem de si e na qual se adotou uma identidade (WOODWARD, 2014).

Desse modo, Francisco (27 anos de idade), tem a atividade de feirante como referência de um passado, porque a descreve como algo que faz desde criança e oferece uma perspectiva de futuro, ao comentar que, quando não puder trabalhar, virá apenas passear. Enquanto que Sebastião (74 anos de idade) já vivencia parte do futuro que Francisco prevê para si, já que seus filhos consideram que a lida com a feira já deveria ter cessado, contudo ele dribla a possibilidade de deixar de ser feirante. O discurso do senhor Sebastião reflete o apego à identidade que lhe confere uma função social, já que, como pensa Francisco, a velhice sugere

a construção de uma nova identidade, ou seja, deixar de ser feirante e passar a ser visitante, pois “viver implica em representar e ao mesmo tempo transgredir a própria representação” (HEIDRICH, 2013, p. 54).

As significações que os feirantes registram sobre a feira são conotadas com expressões fortes que saltam de suas falas e transmitem um sentimento que a pesquisadora, por vezes, sentiu-se limitada, ao buscar imprimir em caracteres as ondulações e gestos próprios ao ato de falar. Dentre essas falas recheadas de significados, estão as de Violeta e Augusto¹⁹.

Num misto entre terna alegria e um ar de cansaço, a jovem senhora divagou suas apreensões sobre a feira e o trabalho de feirante:

A feira é um divertimento, porque você vem ver os amigos, conversa com um, conversa com outro, é melhor do que estar dentro de casa. Isso é mesmo um vício que a gente arruma, porque às vezes você vem e, mesmo tendo prejuízo, tá insistindo com aquilo ali, vem um dia, tem esperança que vai ser bom, às vezes não é. Aí vai embora, volta na outra semana achando que vai ser boa, aí é melhorzinha e assim vai levando, do jeito que Deus quer (entrevista concedida em 14 abr. 2014).

A seguir a fala de Augusto, que coloca sua opinião individualmente e também no coletivo, assim cabe observar que “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (BOSI, 2003, p. 75):

A feira... acho que a feira é, não só para mim, como para todos, é a vida, e só quero ter saúde para chegar até aqui, porque não é todo mundo que quer e pode sair de madrugada, na chuva. Então, pra mim, o mais importante é ter saúde pra chegar até aqui, ter fé em Deus, porque Deus, colocando a mão, tudo dá certo (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Destacam-se duas expressões proferidas por esses feirantes, que foram, de certo modo, repetidas por outros: *vício* e *vida*. O vício é algo que circunstancialmente tem dois lados: o do prazer e o da desventura, ou seja, estar na feira é uma atividade prazerosa, contudo a desventura está presente quando ocorrem as poucas vendas, nos prejuízos dos produtos que são vendidos a preços muito baixos nos dias de menor movimento ou que, até mesmo, se estragam, no caso dos perecíveis. Já a vida refere-se a tudo que identifica e faz sentido aos sabores e dissabores, dentre outros infindáveis sinônimos e significados que o feirante pode atribuir à sua vida, e, especificamente aqui, vida é trabalho.

¹⁹ Os feirantes identificados como Violeta e Augusto já foram apresentados ao falarem sobre outras questões tratadas no segundo capítulo.

A relação entre vida e trabalho é fonte de diversas formas de comunicação e arte, a exemplo da canção *Guerreiro Menino*, composta pelo cantor e compositor Gonzaguinha, gravada em 1983 pela EMI/Odeon. No trecho abaixo, ele versa acerca dos significados atribuídos ao par dialético, vida e trabalho.

Um homem se humilha
Se castram seu sonho.
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho.
E sem o seu trabalho
O homem não tem honra.
E sem a sua honra
Se morre, se mata.
Não dá pra ser feliz... (NASCIMENTO JÚNIOR, 1983).

A esse respeito, cabe fazer uma breve menção à questão do trabalho e alguns dos sentidos conferidos a ele, pelo pensador, filósofo, economista e sociólogo alemão Marx (MARX, 2004; MARX; ENGELS, 2014). Na análise marxista, o trabalho ocupa papel de centralidade, por ser elemento estruturante na sociedade. O trabalho se apresenta desde o início da constituição da vida humana como elemento centralizador, por expressar o elo dos homens com a natureza. É mediante a relação homem-natureza que o primeiro encontra meios de produzir os bens necessários para sua sobrevivência.

O trabalho é, assim, inerente à condição humana, e essa perspectiva resulta na transformação da realidade na qual esse ser humano se encontra. Para Marx (2004) e Marx e Engels (2014), o trabalho é a essência constituinte do ser humano, visto que o mundo social se constrói a partir do momento em que o homem passa a transformar a natureza.

Dessa forma, o trabalho se configura como uma atividade vital que envolve a força física e psíquica dos indivíduos no processo de transformação dos bens da natureza para a reprodução da vida. Assim, no processo criativo do trabalho, o homem socializa-se oportunizando a característica de ser social, ou seja, é o trabalho que difere o ser humano de outros seres.

Por meio do trabalho, os indivíduos desenvolveram a sociabilidade e a própria humanização, por isso, o trabalho confere sentido à vida em sociedade, pois ele se configura mediante a intervenção do homem na natureza. Contudo essa intervenção ocorre, primeiramente, na mente humana, pois, quando o homem cria um produto por meio do seu trabalho, ele também vai se reconhecer no produto gerado, já que este foi previamente imaginado e concebido em sua mente. Esse reconhecimento na mercadoria produzida, de certa maneira, confere sentido à existência humana.

No entanto, o trabalho, que é vital para a possibilidade de realização humana, tornou-se, com o avanço industrial e as manobras do capital, algo externo ao homem, sendo, então, a alienação do proletariado, pois já não é possível definir claramente qual é o produto que ele concebe, tampouco seu destino final, pois o indivíduo não participa igualmente de todas as etapas da produção, de modo que a produção se esvaziou de sentidos a partir da existência de um sistema econômico que incentiva a concorrência e, por isso, requer rapidez para a acumulação dos lucros. A necessidade de capitalizar cada vez mais acaba isolando o indivíduo, cessando por vez o processo de socialização, por privilegiar atividades que se assentam na repetitividade de movimentos e inibe a socialização, “pois com a expansão da maquinaria e da divisão do trabalho, o trabalho dos proletários perdeu toda a autonomia e deixou assim de interessar ao trabalhador” (MARX; ENGELS, 2014, p. 19).

Contudo, quando se reflete sobre a feira a partir da perspectiva do estranhamento²⁰ causado pelo avanço capitalista, que alterou as significações que o trabalho tem para a vida do homem, ainda se podem encontrar resquícios do sentido inicial, ou seja, aquele em que o trabalho é sinônimo de vida e criatividade, pois, como se observou em momentos desta dissertação, para alguns trabalhadores, o mundo da produção não se encontra tão distante do produtor, sendo possível que este acompanhe desde o início da produção até seu destino final. No entanto, não se defende aqui que a feira livre faça parte de um sistema que não aderiu à massificação da produção em detrimento do processo criativo, contudo, nesse evento, o produto e o produtor parecem um pouco mais inteirados.

Na feira livre, a socialização e a criatividade ainda são os principais artifícios dos trabalhadores, mesmo aquele que não produz o que comercializa precisa inteirar-se com o produto para torná-lo acessível a quem o busca, de forma que, na feirinha o tempo da cidade parece ter um fluir mais lento.

Outra questão que carece um pouco mais de atenção é a religiosa, que é mencionada na fala do senhor Augusto, sendo, também, peculiar na fala de outros feirantes. Na insegurança financeira que muitos relatam, a fé aparece como algo que os sustenta e os leva a persistir na lida semanal com a feira. Nesse sentido, faz-se interessante apresentar a observação de Jasmim e Joaquim (61 anos de idade), do sítio Cafula, do município de Pedro Régis – PB.

Para a primeira, quando perguntada sobre a importância da feira para sua renda mensal, ela respondeu: “mulher, dá pra ir, mas é assim, né? você sabe, uma semana dá, outra

²⁰ Na concepção de Marx (2004), o estranhamento se origina quando a riqueza é expropriada dos seus verdadeiros produtores, os trabalhadores, e a ela é atribuído um valor de troca em detrimento do valor de uso.

não dá, no mais, tá indo. Dando pra comprar o material e fazer a feira, o resto entrega na mão de Deus” (entrevista concedida em 29 set. 2014). E, para o segundo, quando questionado sobre o gostaria de registrar sobre a feira, ele observou: “Eu tenho fé que ela melhore, toda vez que eu venho, porque não quero parar, preciso arrumar as coisas para sobreviver” (entrevista concedida em 30 mar. 2015).

Desse modo, a identidade e os meandros que a envolvem aparecem na linguagem, na comunicação que os sujeitos tratados nesta pesquisa apresentaram em seus depoimentos, colocando a questão religiosa como uma maneira de significar, justificar e, até mesmo, acreditar no valor da atividade que exercem, pois “não há sociedade cujos membros se resignem em não dar sentido à sua existência” (ROSENDAHL, 2013, p. 103).

Assim, surge outra questão também pesquisada junto aos entrevistados: se não pudesse mais frequentar a feira, do que sentiria mais falta? Essa pergunta foi arquitetada na tentativa de perceber como esses sujeitos se sentiriam diante da possibilidade de perder o contanto com o território da feira livre, evento para com o qual criaram identidade. A representação está contida, também, nas relações vivenciadas no território pelos indivíduos, mediante seus usos e, conseqüentemente, significados, pois “o território é o lugar em que desembocam todas as ações e todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir da manifestação de sua existência” (SANTOS, M., 2007, p. 7).

A esse respeito, têm-se as proposições de Augusto, Margarida, Adriano²¹ e Verônica (38 anos de idade). Para eles, a feira tem significações diferentes, contudo continua tendo forte representatividade para seus cotidianos. O primeiro já convencionou a feira ao seu ritmo de viver, tanto que a possível falta dela lhe soa como algo tão ruim a ponto de provocar danos à saúde. O vendedor de raízes e frutas expôs: “Ah, eu senti demais, a feira é uma festa, um divertimento, se chegar um momento de não poder vir mais à feira, eu acho que adoecia, porque vivo nesse ritmo, acostumado com o povo, às vezes eu acordo antes do tempo, com a mente ligada na hora de vir” (entrevista concedida em 9 mar. 2015) (enquanto respondia às questões, o feirante atendia duas senhoras e as convencia da qualidade de seus produtos e que a balança com que os pesava, era diferenciada, porque sempre pesava a favor do cliente).

De modo semelhante sente a senhora Margarida, que vende tecidos numa banca ao lado da banca de seu esposo, também feirante. Ao indagar sobre seu sentimento, quando da ausência da feira, a senhora sorriu e o marido gritou do banco dele (– Eu sinto falta é dela, quando ela não vem). Ela, então, respondeu:

²¹ Feirantes já apresentados.

Eu ia sentir falta sabe de quê ? Das amigas, que eu sempre gosto de brincar com as mulheres, elas me chama atenção e nos brinca, agora... (breve pausa) se não fosse isso, eu não vinha não, a fim do dinheiro, eu não vinha porque eu não ganho quase nada, mas tem aquelas pessoas que a gente já está acostumada a brincar. Se eu estou precisando de apoio de conversa, aí eu venho para conversar com as mulheres, sabe! (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Figura 37 – Casal de feirantes



Fonte: elaboração própria.

A Figura 37 apresenta o casal em seu cotidiano de feirantes, o senhor Sebastião, como já retratado no segundo capítulo, que é feirante há mais de 50 anos, e a senhora Margarida, feirante há cerca de 30 anos. Quando perguntado como teria começado o trabalho na feira, o senhor Sebastião respondeu em uma frase curta, mas com profundo significado: “Eu comecei já faz mais de 50 anos. Eu comecei só, foi Severiano²²” (entrevista concedida em 29 set. 2014), ou seja, no sofrimento diário de tentar sobreviver, até que se casou com a senhora Margarida e também a fez feirante. Sendo assim, a lida, na feira livre de Nova Cruz – RN, é cenário de vida e trabalho partilhado para esses dois feirantes, sendo território de diversos

²² O termo Severiano remete à obra literária “Morte e Vida Severina”, do autor João Cabral de Melo Neto. Nela são relatadas as agruras de um nordestino chamado Severino, que percorre o Nordeste brasileiro em busca de um lugar para viver. No percurso, encontra pessoas e ouve suas histórias de sofrimento e morte, o que o faz duvidar sobre o sentido da vida, contudo, acaba por perceber que a vida encerra em si o seu sentido maior.

sentidos, do mais afetivo ao econômico, visto que, “em qualquer circunstância, o território encerra a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo” (SOUZA, 2010, p. 108).

A respeito do sustento econômico, o feirante Adriano tem, no trabalho de feirante, uma independência para administrar sua vida e finanças que acredita não ser possível em outros tipos de trabalhos, de modo que, além do rendimento financeiro, a atividade de feirante confere-lhe autonomia. Assim ele relatou:

Eu acho que há diferença de você trabalhar de uma carteira assinada que vai receber por mês, enquanto aqui você tem dinheiro todo dia. Eu acho que sentiria falta disso, de ter dinheiro toda semana. Aqui não tem essa de alguém chegar e me demitir, eu sou independente. Só tem que ter o compromisso de tá aqui toda semana, aí tem dia que a pessoa vem até doente (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Verônica, moradora da cidade de Santo Antônio – RN e comerciante de mangaios, partilha essa opinião. Ela não fez rodeios ao explicar as perdas que teria ao deixar de ser feirante: “ia sentir falta do dinheiro que a pessoa arruma. E eu acho bom vir, é um divertimento, pois eu ando muito, também, conheço outras cidades, outras pessoas, vou para o Juazeiro todo mês de setembro, fazer compras” (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

Assim, para essas pessoas, a feira livre é lugar de vida e trabalho, pois o feirante vê, no exercício de sua atividade, em maior ou menor intensidade, a concretude dos ganhos e perdas semanais, que são de cunho financeiro e emocional, pois “o lugar da vida social também é o lócus onde a identidade e as memórias se consolidam a partir dos vínculos estabelecidos com o espaço local” (RODRIGUES, 2013, p. 119).

A identidade criada para com o evento da feira livre é compartilhada pelos fregueses, pois o que compram; como compram; as conversas e convívios derivados do ato de “fazer feira” ultrapassam o dia específico da feira, influenciando suas rotinas semanais. Como se notou nas falas dos fregueses Felipe (50 anos de idade), morador da cidade de Nova Cruz – RN, e Malva (51 anos de idade), residente no sítio São Judas, pertencente à cidade de Nova Cruz – RN, quando perguntados sobre o que mais sentiriam falta se não pudessem vir à feira. O senhor Felipe comentou:

[...] eu acho bom vir pra feira porque aqui a gente ver gente quem há muito tempo não via; amigo que a gente não ver sempre. Gosto mesmo! Eu não perco uma segunda feira de jeito nenhum! Eu nem trabalho na segunda, porque gosto da feira mesmo!. Toda segunda feira a gente vem, quer venha fazer alguma coisa quer não venha, mas eu tenho que vir (entrevista concedida em 14 abr. 2014).

Já a senhora Malva esclareceu “de tudo, porque ninguém ia comprar do jeito que eu compro, eu gosto das minhas coisinhas fresquinhas, boazinhas, eu consumo muita verdura e fruta. Aí, eu só estou pensando no tempo em que ficar mais velha, porque não tenho filha, e aí, como vai ser?” (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

Nas duas falas, de modos diferentes, porém com significados semelhantes, é notável o quanto fazer a feira é relevante no cotidiano dessas pessoas. Para o senhor Felipe, mais que lugar de compra, a feira é ambiente de encontro, um evento para o qual ele se programa dispensando outras atividades. Já para a senhora Malva, o ato de fazer feira se caracteriza numa atividade em que ela emprega seu poder de escolha sobre os produtos que vai consumir e acredita que ninguém faria com o mesmo cuidado.

A partir do depoimento da senhora Malva, pode-se pensar, também, no grupo de agentes/participantes constituído pelas mulheres donas de casa. Para elas, a feira tem uma representatividade de espaço contínuo de suas próprias casas, na medida em que o abastecimento, a escolha de produtos de alimentação, além de outros, e sua posterior incorporação ao cotidiano da família, tem sua aquisição no ambiente da feira. Desse modo, a feira se tornou lugar que evidencia as escolhas, de maneira que a possibilidade de repassar essa tarefa para outra pessoa causa preocupação e estranheza.

Assim, procurou-se saber dos fregueses qual a primeira sensação que lhes vinha à cabeça quando pensavam na feira. O pensamento imediato relacionado a essa questão também envolve a interação entre o cultural e o econômico, que se comungam nas singelezas do cotidiano. Sobre essa acepção, têm-se as seguintes falas: “penso em fazer minhas compras, guardar aqui no carro e ficar só nas barracas tomando uns cafezinhos, porque outra coisa eu não tomo, só café” (Joaquim, em entrevista concedida em 30 mar. 2015). “Pra mim é diversão”. (Amora, 22 anos de idade, residente em Barra do Cunhaú – RN, em entrevista concedida em 29 set. 2014). “Eu penso se tem o dinheiro todo, se o que tem dá pra comprar o que precisa, essas coisas assim” (Florência, 56 anos de idade, em entrevista concedida em 9 mar. 2015). “A primeira sensação é o movimento, né? Porque, pra falar a verdade, a feira sem movimento não é feira” (André, 47 anos de idade, em entrevista concedida em 14 abr. 2014). “A primeira coisa é comprar comida, depois vem o resto das coisas, mas o importante mesmo é a comida” (Basílio, 70 anos de idade, residente em Santo Antônio – RN, em entrevista concedida em 18 maio 2015).

As motivações citadas pelos feirantes, como já salientado, envolvem os ditames culturais e econômicos, contudo, mesmo que a primeira motivação seja a econômica, o ato de comprar no território da feira livre envolve a questão da aceitação e apego àquela dinâmica

ímpar, já que, provavelmente, os produtos encontrados na feira são encontrados em outros lugares. No entanto, são as relações ali tecidas que levam as pessoas a optarem semanalmente pela feira e desenvolverem para com esta uma relação familiar, de modo que a alternativa pela feira envolve questões que se encontram arraigadas “às representações simbólicas que a feira enseja, devido à forma como esses produtos são apresentados e comercializados, do que a dimensão de uma razão prática” (VEDANA, 2013, p. 46).

Dentre as razões que ultrapassam a dimensão prática que encerra o ato de comprar, encontram-se as relações de fidelidade, pois, na feira, o ato de comprar quase sempre está associado ao de tocar, conversar, experimentar, convencer e ser convencido. Dessa maneira, a feira é muito mais que uma forma de comércio, nela se firmam relações de confiança, solidariedade e satisfação pessoal, que, conseqüentemente, convergem para o desenvolvimento de uma fidelidade.

A fidelidade é elemento essencial para a manutenção do evento feira que se configura sobre um território, pois é o ato contínuo tanto do feirante quanto do consumidor de insistir no uso do território, apesar das adversidades encontradas nele que permitem a sua sustentação, visto que

[...] os momentos que impulsionam a conservação de uma sociabilidade, isto é, os interesses próprios das partes envolvidas e a sugestão, a força e o idealismo, o hábito mecânico e o sentimento de dever, o amor e a inércia, não poderiam protegê-la da possibilidade de quebra, se não fossem supridos pelo elemento da fidelidade (SIMMEL, 2003, p. 183).

As relações de fidelidade são cultivadas de fregueses para feirantes como também o seu inverso. Por ser um território onde os espaços são demarcados por barreiras mínimas, o hábito desenvolvido pelo consumidor de se tornar fiel a um determinado vendedor é firmado das relações de convívio e confiança que se atrelam ao afeto, de maneira que

[...] todas ações circunstanciais desenvolvidas entre indivíduos, em seu início, são acompanhadas por um sentimento específico, por um interesse, por um impulso dirigidos para a relação por seus participantes. Se a relação continua, desenvolve um sentimento particular em interação com a proposta de continuação - ou melhor, frequentemente, os estados psíquicos originais mudam, entretanto, nem sempre na forma particular do que chamamos fidelidade (SIMMEL, 2003 p. 184).

Assim, as ações circunstanciais a que Simmel (2003) se refere, tendem a ser gradativas no cotidiano da feira, ou seja, até que o feirante consiga criar, junto ao consumidor, o que ambos denominam de freguesia. A freguesia consiste, então, no hábito do consumidor de,

semanalmente, optar por fazer compras com o mesmo feirante. Dessa forma, tornar-se freguês implica um processo de conquista que, de certo modo, está relacionado à identificação entre feirante e freguês, contrariamente ao que apresenta Bauman (2013), quando descreve que é o produto, por si só, que atrai atenção do consumidor:

A nossa é uma sociedade de consumidores, em que a cultura, em comum com o resto do mundo por eles vivenciado, se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes, todos tentando prender essa atenção por um período maior que uma piscadela (BAUMAN, 2013, p. 18).

A lógica da velocidade no mundo moderno, descrita por Bauman (2013), parece não ter tomado o ritmo da feira, visto que consumir nesse ambiente envolve, na maioria das vezes, um ciclo de convívio, de modo que a atenção direcionada aos artigos de consumo envolve os rodeios do vendedor para com o feirante e vice-versa. Assim, a feira livre é um espetáculo do cotidiano feito das sociabilidades entre os feirantes, que se encontram nas brincadeiras e jocosidades dos feirantes entre si e com os outros (VEDANA, 2013).

Hall (2005), ao tratar da homogeneização decorrente da globalização, argumenta que as identidades estão cada vez mais fluídas e o consumismo gera um efeito chamado “supermercado global”, onde as diferentes identidades podem ser traduzidas. No entanto, quando pensada no contexto da feira livre das pequenas e médias cidades, a difusão dessa linguagem global parece chegar de forma mais lenta e, de certo modo, o que é global se incorpora ao local, como complemento e não como imposição.

Ao se pensar na oferta de produtos disponibilizados na feira livre, pode-se entrever que esta, da forma como se apresenta na atualidade, não é em muito diferente de outros lugares de consumo, já que atende aos apelos do hiperconsumo, por apresentar variedade de mercadorias, com produtos de origens diversas, proporcionadas pela abertura de mercado na economia global (ARAÚJO, 2011).

Contudo é a forma como a comercialização acontece que diferencia o evento feira, pois “a carga simbólica e identitária está no fazer, portanto na ação de fabricar que fundamenta em distintas sociedades a transformação do meio em paisagem” (BERQUE, 1990 apud PIRES DO RIO, 2010, p. 23). Assim, a paisagem da feira é entremeada de questões materiais e simbólicas, arroladas na argumentação face a face, na empatia entre os feirantes e consumidores, nos arranjos que identificam uma territorialidade e concebem a identificação e afeição de feirantes e fregueses para com o evento feira, de modo que é relevante deter-se um pouco mais à questão da afetividade.

Das relações de afetividade, privilegia-se aqui as questões que denotam apego ao território, as estratégias dos feirantes para se fazerem mais próximos dos fregueses, como, também, as formas como os consumidores se apropriam dessa intimidade. Elas se constituem como táticas cotidianas desses sujeitos e são “maneiras de fazer” sujeitas aos ânimos, gostos e interesses das ocasiões acontecidas no desenrolar de um dia de feira (CERTEAU, 1998).

Observam-se, desse modo, as apropriações do espaço geográfico mediante as relações vivenciadas no território da feira livre, que são referências de identificação. As discussões recorrentes à Geografia Cultural têm propiciado abordagens que se atentam para as emoções, pois

[...] a visão emocional acentua tonalidades, espaços e tempos. Investiga a escondida configuração de lugares e de paisagens, bem como experimenta a realidade valorizando a diversidade dos sentimentos e sentidos, modulados em relação a uma extraordinária polifonia deles. Compreende-se, assim, que estes animam a vida e dão formas e cores às emoções (ANDREOTTI, 2013, p. 99).

A esse respeito, questionou-se se os fregueses costumavam comprar nos mesmos lugares e, quando da afirmação positiva ou negativa, o porquê de tal escolha. As respostas foram variadas. Aqueles que optam sempre pelos mesmos feirantes relatam a questão de confiança e facilidade no ato da compra. Já os que optam por não cultivar esses vínculos, explicam que preferem comprar a feirantes diferentes, pois a freguesia pode diminuir seu poder de negociação.

Os fregueses Genciana (63 anos de idade) e Basílio (70 anos de idade), que residem, respectivamente, em Nova Cruz – RN e Santo Antônio – RN, explicam o motivo de suas preferências: “Porque tem gente em que é bom de a gente comprar e tem gente que é chata, aí não gosto! Assim, só vou pra quem já conheço, com o dinheiro a gente compra onde quiser, né? foi chato, eu já estou saindo” (entrevista concedida em 18 maio 2015). “Se eu tenho preferência? Sim, sempre tem, a gente se acostuma a comprar a uma pessoa ou outra, aí volta, porque a pessoa faz um preço melhor, às vezes faz até fiado, quando a pessoa faz freguesia” (entrevista concedida em 16 jun. 2014). Dessa maneira,

A troca de moeda feita a cada ato de compra expressa-se a partir de uma ritmicidade, na qual esta troca é apenas mais um elemento de interação entre freguês e feirante, interação composta de outros valores que são fundamentais na negociação semanal entre os personagens que conformam o cenário da feira livre, como a reciprocidade e a confiança (VEDANA, 2013, p. 134).

Já os fregueses que preferem não fazer freguesia, consideraram que a fidelidade a um determinado feirante lhes diminui o poder de barganha, entretanto, dos 20 consumidores

entrevistados, apenas 2 fizeram essa observação. Foram eles: os senhores André (47 anos de idade) e Juliano (53 anos de idade), ambos moradores da cidade de Nova Cruz – RN. O primeiro observou: “Não. Porque eu gosto de pessoas diferentes, pra pesquisar os preços” (entrevista concedida em 16 jun. 2016). E o segundo reiterou a opção do primeiro, quando explicou: “Compro a pessoas diferentes, a pessoa fazer freguesia não dá certo, porque o povo se acostuma e não quer mais negociar, aí compro aqui hoje, noutra feira, noutro dia” (entrevista concedida em 17 jul. 2014).

Assim, pesquisou-se, também, a posição dos feirantes, a fim de entender como eles se comportam no trato com os fregueses. Para isso, inquiriu-se a seguinte questão: Você conhece seus clientes? Que tipo de relação tem com eles? A partir das respostas, percebe-se que os feirantes procuram formas de desenvolverem uma afeição para com o cliente, por meio de brincadeiras e iniciativas de aproximação, nisso incluindo adotar um termo para tratar os clientes, pois, devido à demanda e rotatividade, é muito difícil conhecer-lhes pelo nome.

A esse respeito, são elucidativas as respectivas falas dos senhores Gregório (48 anos de idade) morador de Nova Cruz – RN e do senhor Joaquim (61 anos de idade):

Vixe, aí é difícil, pelo nome, é? Todo mundo eu chamo de primo. – Olha ali! Chegou uma prima minha (aponta para uma senhora que pergunta o preço do inhame). Você precisa agradar o povo, têm umas comadres que são velhinhas, aí eu peço para elas deixarem as bolsas aqui, que eu olho (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Conheço uns, outros não, tem muita gente que vem de outras cidades. Mas aqui é assim, se chegar um velho, eu digo: Diga, meu amor! Se chegar uma velha, eu digo: Diga, meu amor! Se chegar uma garota: Diga, meu amor! Agora, não é eu com maldade com ninguém, não! Pois tenho uma idade e tenho minha mulher, esse é meu jeito de falar (entrevista concedida em 30 mar. 2015).

Dessa maneira, a forma como abordam os consumidores, aliada à qualidade dos produtos que oferecem, é o diferencial, pois é nesse momento que o feirante tem a oportunidade de tornar freguês um consumidor ocasional. Sobre essas acepções, Certeau (1998, p. 40, grifo do autor) argumenta que o ato de falar

[...] *opera* no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma *apropriação*, ou uma *reapropriação*, da língua por locutores; instaura um *presente* relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um *contrato com o outro* (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações.

Sobre isso, é interessante discorrer um pouco a respeito das falas que se ouvem na feira, no sentido de chamar atenção do cliente para o produto, pois a comunicação é um dos

maiores artifícios da feira, ela ocorre em todas as instâncias, de maneira que “somos levados a pensar que linguagem e comunicação são atributos tão essenciais da cultura, sem os quais não se poderia conceber qualquer manifestação” (HEIDRICH, 2013, p. 53).

Um desses casos em que a manifestação da linguagem tem função preponderante ocorre com os vendedores de remédios naturais feitos com raízes das mais diversas, esses remédios se encontram prontos para venda em porções individuais ou podem ser preparados em garrafas, de acordo com o problema relatado pelo cliente. A seguir, uma dessas falas, que repercute nos ouvidos dos frequentadores da feira:

Lá vai pau, meu velho! Lá vai madeira! O remédio do começo do mundo era esse. Eu quero ver gastrite, úlcera, artrose, osteoporose, inflamação na uretra, inflamação na próstata não curar com o Dr. Raiz, com o velho do pau! – Compra logo, minha velha, ainda tá em tempo, encosta aqui! – Vá, diga! [refere-se a duas senhoras que se aproximaram e falaram alguma coisa, e ele respondeu ao microfone, que fica acoplado junto ao pescoço]. Eu não entendo o que danado a pessoa vem fazer na feira liso! É melhor ficar em casa, quando eu estou liso, num venho para a feira não! [a mulher, então, caí na gargalhada e a amiga com quem estava se volta para ela, também rindo, ao falar: “toma essa”]. Elas seguem sorrindo e o senhor continua a expor seus produtos. Olha a sicupira branca! Têm caninana e oiticica, remédios para diabetes e colesterol. Diga, minha irmãzinha! São 10 mil réis, essa é da boa, eu vou dizer o que tem tanto aí [diz a outra mulher, que aproxima e toma na mão uma das garrafas preparadas para venda] (campo realizado em 17 jul. 2014).

Na entonação transmitida pela fala do vendedor, é nítida a questão do convencimento da eficácia do produto que ele vende. Nisso envolvem-se diversas manobras, a exemplo do termo como qual se denomina, *velho*, que, nesse caso, é dito como sinônimo de experiência, levando o ouvinte a perceber que há muito tempo desempenha aquela atividade, o que implica uma ideia positiva do produto que vende, pois o tempo de permanência é uma forma de afirmar a eficácia daquilo que comercializa.

Nesse caso, pode-se ponderar que é preciso que o senhor Dr. Raiz seja enfático ao afirmar o efeito de suas preparações, na tentativa de convencer um determinado público, numa época em que as farmácias são abundantes e transmitem a ideia de maior confiabilidade do que produtos ainda não testados em laboratórios e que não trazem seus benefícios e reações asseverados em uma bula. De tal modo, soma-se a estratégia de fazer-se próximo do freguês e transmitir confiança, verificando-se, assim, a “tática” que se diferencia pelo poder da retórica, “pois, de um lado, ela descreve os ‘rodeios’ de que uma língua pode ser simultaneamente o lugar e o objeto e, de outro, essas manipulações são relativas às ocasiões de maneiras de mudar (seduzir, persuadir, utilizar) o querer do outro (o destinatário)” (CERTEAU, 1998, p. 47).

Portanto, as ocasiões que permitem uma persuasão do feirante para com o consumidor é o momento da aproximação, da passagem, no instante em que o feirante, em sua banca ou ponto do espaço em que fixa como seu durante o tempo em que o evento acontece, busca, da forma que julga mais eficaz, atrair o olhar do cliente. Nesse ínterim, entram as piadas e brincadeiras, juntamente com a enumeração da qualidade dos produtos que dispõe para a satisfação do consumidor, na tentativa de torná-lo um potencial freguês e, assim, “organiza ao mesmo tempo uma arte de fazer e a arte poética de dizer” (CERTEAU, 1998, p. 157).

Outra questão que também faz parte do olhar afetivo que os participantes destinam à feira encontra-se no fato de seus usuários lhes apontarem poucos problemas. Notou-se isso durante as entrevistas, pois, quando questionados sobre o que a feira teria de pior, a maioria dos entrevistados disse não encontrar nada de ruim nesse ambiente.

No caso dos feirantes, a exceção é feita a alguns, que apontaram a fiscalização (questão tratada no segundo capítulo). É interessante registrar que alguns até mesmo demonstraram certa estranheza com a pergunta, a exemplo do senhor Sebastião, que respondeu o seguinte: “De ruim? Rapaz... por onde eu passo é só tendo alegria e fazendo amigos” (entrevista concedida em 29 set. 2014). Já outros apontam como negativo aquilo que se refere às inconstâncias econômicas, como relataram as senhoras Violeta e Genciana, respectivamente: “Não, a feira é ótima, só é ruim quando o povo não compra” (entrevista concedida em 14 abr. 2014). “De ruim? Só se tiver prejuízos, se não tiver, tem não nada de ruim, não” (entrevista concedida em 18 maio 2015).

Há ainda um feirante que registrou a questão da concorrência, para o senhor Joaquim, a feira confere poucos lucros, devido ao grande número de participantes:

Não, a feira não é ruim, o que acontece é que hoje tem muita gente, então aquele dinheiro que a gente emprega, que já é pouco, não sai. Veja, eu comprei uma caixa de macaxeira, são o que agora? 10h59min, e ainda estou com ela ali, aí, minha filha, fico até as cinco, pra ver se sai, mas tem muita gente vendendo hoje em dia, aí é difícil (entrevista concedida em 30 mar. 2015).

Já entre as ponderações dos fregueses, citaram-se os inconvenientes das intempéries climáticas. Sobre isso, a Senhora Iris (40 anos de idade) residente em Nova Cruz – RN, ponderou. “De pior? Tem coisa ruim, tem coisa boa, mas, assim, tempo de chuva é ruim, tem muito lugar que não dá para se cobrir, a gente se molha” (entrevista concedida em 30 mar. 2015).

Assim, as falas registram adversidades externas ao ambiente da feira. Contudo tanto feirantes quanto fregueses parecem não se incomodarem com as questões relativas ao ambiente da feira livre.

Desse modo, ainda se pensando na possibilidade de encontrar algo que desagradasse ao público da feira, perguntou-se aos sujeitos pesquisados se, caso pudessem, o que mudariam no ambiente da feira. Novamente, a maioria pareceu não vislumbrar muitas mudanças, a exemplo da senhora Florência (56 anos de idade) residente no sítio Primeira Lagoa, pertencente a Nova Cruz – RN, quando explicou: “Tá bom, mulher! Não sei se é porque nunca conheci outra, mas gosto muito da feira aqui. É só um pouco cansativa, porque venho do sítio, acordo cedo” (entrevista concedida em 9 mar. 2015). Tem-se, ainda, a opinião de Genciana:

Mudar na feira? Não. Essa feira, depois que passou aqui, pra esse alto [Bairro São Sebastião] ficou ótima, teve gente que achou ruim, mas, quando era lá embaixo [bairro Centro], era um sofrimento, tudo no meio da rua, quando chovia, era feijão, farinha, tudo, a água levava. Pra mim, tá muito bom (entrevista concedida em 18 maio 2015).

Enquanto outros se referiram à questão da limpeza e higiene, como foi colocado pela senhora Acácia:

Que fosse mais arrumado, que não vendesse produtos assim no chão, que fosse tudo nos banquinhos levantados. Eu compro aqui, mas porque é iníquo [aponta para o lugar onde está comprando, que tem os produtos sob lona, organizados no chão]. Outras coisas não compro do chão não, esse aqui não, porque vai ser lavado e descascado, mas outras coisas não (entrevista concedida em 9 mar. 2015).

Contudo a maioria dos consumidores repetiu, sem muito pensar, a opinião da senhora Florência, ou seja, não vislumbravam nada que quisessem mudar na feira. Dessa forma, dos 20 consumidores consultados, 15 responderam que não mudariam nada e os outros 5 comentaram que poderiam melhorar a questão da limpeza e organização, como mostrado nos relatos.

Os feirantes também têm posicionamento parecido com o dos fregueses, eles descrevem que pouco mudariam, e os que apontam mudanças são com observações pontuais, como é o caso do senhor Francisco, que atribui qualquer possibilidade de mudança ao poder público municipal: “Se eu pudesse, rapaz [pausa]... não sei o que eu mudaria, porque isso aí tá no domínio dos prefeitos, né? Se eu pensar alguma coisa para mudar, talvez outro feirante não quisesse, então, para mim, tá perfeito” (entrevista concedida em 29 set. 2014). Já Adriano se refere à questão da limpeza, também salientada por fregueses, e brinca sobre os pormenores da convivência com outros feirantes: “tem muita coisa, mas a questão que poderia ser melhor é higiene, por exemplo,

os banheiros do mercado público poderiam ser mais limpos, mas, de resto, dá para ir levando, às vezes tem um vizinho de banco chato [risos], mas a gente já está acostumado” (entrevista concedida em 9 abr. 2015). Já o senhor Sebastião foi incisivo ao colocar: “eu não mudava nada, não. Eu acho bom! Tudo que eu arrumei foi nesse comércio” (entrevista concedida em 29 set. 2014).

Talvez essa pouca importância que feirantes e fregueses conferem aos eventuais problemas encontrados na feira livre se dê em virtude da afirmação identitária. Essa suposição toma por base a reflexão de Pollak (1992, p. 7), ao afirmar que

[...] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual.

Ao circular pela feira livre de Nova Cruz – RN, percebem-se alguns problemas, a exemplo do pátio do mercado público, que tem esgoto aberto; os setores do mercado onde se encontram expostos à venda carnes e peixes, que possuem pouca luminosidade; como, também, não se veem muitos depósitos para armazenamento de lixo nas ruas da feira, dentre outras questões que nesta pesquisa não cabe explorar.

Dessa forma, o que se procura ressaltar é que mesmo que os feirantes e fregueses percebam esses problemas, eles parecem se tornar secundários na efervescência em que o evento feira livre acontece, pois fazem piadas e brincadeiras dos problemas, enquanto outros parecem nem ao menos notá-los. No entanto, as relações de afinidade, respeito e fidelidade, que legitimam a feira livre, devem contribuir para a qualidade de atendimento e tratamento que incluem a higienização, manipulação das mercadorias comercializadas, como também a melhoria dos lugares onde se instalam. Portanto, faz-se necessário que os gestores estejam atentos a este caso o que requer certa sensibilidade (ARAÚJO, 2011).

Assim se conjectura que a complacência presente nas falas de feirantes e fregueses, quando eles pouco assinalam o que a feira livre tem de ruim ou aquilo que necessitaria de mudança, acontece devido ao afeto que os sujeitos constroem cotidianamente no território feira livre, de maneira que os problemas são minimizados pelos encontros, conversas e gentilezas, pois, “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições” (WOODWARD, 2014, p. 56).

Desse modo, é possível ponderar que a contradição ocorre quando um feirante aponta um problema relativo à organização do evento feira – a exemplo da manutenção da limpeza, como fez Adriano – e noutro momento o descreve como algo de muito valor em sua vida. Foi o que ele colocou quando perguntado sobre o que gostaria de deixar registrado sobre a feira. “A feira para mim é dos trabalhos que já fiz na vida, o melhor que eu já trabalhei!” (entrevista concedida em 9 abr. 2015). Assim, apresenta-se mais uma situação em que o significado do trabalho se sobrepõe às dificuldades inerentes a ele, de modo que o afeto e a fidelidade se encontram atrelados à

[...] constituição do espírito, em movimento sempre constante e que vive um fluxo contínuo, por meio do qual incorpora completamente, em si mesma, a estabilidade da forma superindividual de uma relação e por onde admite a vida. Vida como significado e valor como um conteúdo que, não obstante, embora criado pelo próprio espírito é, em sua forma, um meio para contradizer o ritmo ou a ausência de ritmo da vida verdadeiramente vivida (SIMMEL, 2003, p. 189).

Ainda percorrendo sobre as contradições próprias ao ritmo de vida da feira, vê-se que os fregueses também trazem a questão de um melhor tratamento quanto à limpeza, mas novamente falam sobre a satisfação dos encontros, como se pôde extrair das falas do senhor Basílio, quando explicou que “ruim é a sujeira, se bem que já melhorou, o povo não joga mais resto das coisas na rua, mas, mesmo assim, ainda podia melhorar mais”, todavia, quando respondeu ao que gostaria de registrar sobre a feira, declarou que “a feira, não pode acabar nunca, pois é um espaço muito bom, onde todo mundo pode comprar e vender, é uma festa!” (entrevista concedida em 18 maio 2015).

De tal modo, cabe analisar algumas imagens que capturaram os instantes de sociabilidade, conversação e, até mesmo, momentos de ócio. Esses momentos são comuns ao evento feira, pois, ao contrário de outros tipos de comércio que marcam a sociedade contemporânea, a feira dispõe de tempo e vagarosidade. Assim, amigos, velhos conhecidos e até desconhecidos se topam em praças, becos e ruas, e se juntam um, dois ou mais companheiros somando conversas e dividindo histórias. E são o burburinho de risos e murmúrios misturados às músicas, orações, apitos, gritos e tantos outros sons que capitaneiam as sonoridades da feira livre, e concede-lhe o caráter de festa.

Na Figura 38, senhores conversam sentados na praça da rua Industrial José de Brito, esse tipo de cena é frequente, sobretudo com os consumidores que são originários dos sítios e de outras cidades. Por chegarem cedo à feira, realizam suas compras e sentam nas praças à

espera da hora de tomar o transporte de volta ao lugar de origem. Alguns guardam as compras nos transportes e retornam à praça, outros as colocam ao lado dos bancos de praça.

Figura 38 – Pausa para a prosa – praça Industrial José de Brito



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 39, vê-se a praça da rua 1º de Maio, onde um senhor está sentado observando descansadamente o movimento dos transeuntes. Cenas como essa parecem pausar o ritmo da cidade, da vida urbana, que, mesmo nas cidades medianas, é erigido sob a pressa. A imagem ainda traz outros elementos da interação entre rural e urbano, como as carroças, vistas em duas versões: a que se encontra em primeiro plano e expõe um caprino, que é uma carroça adaptada para o uso com motocicleta; e a outra, ao fundo, a velha carroça de mão, que, quando conduzida por um carroceiro, passa a ser chamada de “carrinho de mão”²³.

²³ Carroça de mão que, na feira, geralmente é conduzida por adolescentes, os quais circulam entre as bancas de feira acompanhando pessoas durante as compras e, por fim, transportem as mercadorias adquiridas até a residência dos feirantes, recebendo valores pequenos pelo serviço prestado.

Figura 39 – Tempos lentos na feira livre



Fonte: elaboração própria.

E assim se veem as miudezas que distinguem a feira livre das demais formas de comércio. Nela há espaço para quem está apressado, como, também, para aqueles que nada querem além de gastar sem pressa o tempo do qual dispõem. É o caso do senhor Valentim (50 anos de idade), morador de Nova Cruz – RN, quando comentou:

Não faço compras na feira, quem faz é minha mulher, mas eu gosto de vir pra feira, às vezes, eu não venho comprar nada, mas eu vejo amigo antigo, amigo que mora no sítio, às vezes a gente se encontra no mercado ali, às vezes, a gente toma uma biritinha, o que eu gosto da feira é isso, para vir só andar mesmo e ver os amigos (entrevista concedida em 17 jul. 2014).

Desse modo, a feira livre é, para o senhor Valentim e tantos outros frequentadores, lugar de cultivar afetos e buscar companhias para conversar e dividir uma bebida, é lugar da apreciação das territorialidades da feira efetivadas no ato de andar, já que esse ato “é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua), é uma realização espacial do lugar” (CERTEAU, 1998, p. 177). Na Figura 40, observa-se um grupo de homens em fluente conversação, ao lado da banca de concertos de relógios, localizada em uma das entradas do mercado público, onde se verifica mais um desses momentos de interação, feitos de quem passa, inteira-se da conversa e vai

ficando por ali discutindo pormenores da cidade, da política local, do resultado do futebol disputado no dia anterior, dentre outros assuntos.

Figura 40 – Consertando relógios e gastando o tempo



Fonte: elaboração própria.

Mediante os depoimentos e imagens captados na feira livre, é notável o quanto ela compreende, para seus usuários, os mais diversos significados. Essa significação vai além do conjunto de barracas, lonas e prédios que concebem forma e função ao espaço das ruas onde acontece a feira. Desse modo, a história oral é importante, pois concede especial atenção ao cotidiano e à história local, e se atenta às maneiras de ver e ouvir (FRANÇOIS, 2006). Ela é uma possibilidade potencial de dar voz às minorias, por intermédio da memória, que permite a intersecção entre “o vivido e o transmitido” pela memória individual ou coletiva (POLLAK, 1992).

Na feira, há frequentadores de todas as idades e níveis econômicos, contudo pôde-se conjecturar, durante a pesquisa, que o perfil dominante dos frequentadores e participantes da feira, em geral, é constituído por pessoas de mais idade e condição socioeconômica baixa e média (em padrões do interior nordestino). A razão mais facilmente percebida – e declarada – de sua frequência assídua à feira, para além das razões de ordem prática, é essa identidade com o lugar, essa ausência de anonimato e a certeza de que se trata de um espaço de práticas

de reciprocidade – ainda bastante comuns em cidades interioranas, de pequeno e médio porte, como é caso de Nova Cruz – RN. A Figura 41 apresenta imagem de parte da feira, onde é possível visualizar a diversidade de participantes.

Figura 41 – Diversidade de participantes da feira livre de Nova Cruz – RN



Fonte: elaboração própria.

A relação entre feirantes e fregueses transcende em muito o exercício das trocas comerciais de produtos por dinheiro, pois, como se percebe nos depoimentos, o contato é quase sempre permeado por jogos de palavras e “ditos” espirituosos, os quais instalam um tipo de informalidade que, geralmente, favorece o ato de realizar negociações. O encontro de amigos, as conversas, a ida à barraca de comidas e bebidas, propiciam a descontração e representam processos de confianças mútuas, reafirmadas nesse espaço de convivência, que se afigura como de permanência e sociabilidade.

Ouvir os depoimentos e procurar compreender o sentimento do feirante e consumidor é constatar que, abaixo e no entorno das estruturas de madeira revestidas de lonas pretas, amarelas e azuis, há pessoas com histórias de vida, laços familiares, identidade com o território concretizada pelo trabalho nele exercido, afeições cultivadas ou cessadas e que, em meio a isso tudo, a feira é um evento acontecendo, também, nas cores das frutas, dos alimentos, dos movimentos humanos que fluem para interesses diversos. A esse respeito,

Bonnemaison (2002, p. 84) ressalta que “uma paisagem é uma estrutura na qual se leem, ao mesmo tempo, o dinamismo e as relações entre uma série de fatos físicos, sociais e econômicos”. Dentre os aspectos sociais, destaca-se a questão da fidelidade como uma manifestação do afeto.

Assim, a pesquisa aqui desenvolvida procurou mostrar que o fenômeno da ocorrência e, principalmente, da permanência da feira livre semanal nos municípios do Nordeste brasileiro, tal como se apresenta nos dias de hoje, é uma oportunidade de analisar a inserção de uma forma de comércio milenar em espaços da modernidade e/ou da pós-modernidade.

Trata-se, no conjunto, de compreender e analisar o espaço – território que é sempre, e ao mesmo tempo, espaço concreto, dominado, instrumento de controle e exploração, e espaço diferentemente apropriado [...] através do qual se produzem símbolos, identidades, enfim, uma multiplicidade de significados que operam em conjunto com funções estratégicas, variando conforme o contexto em que estão construídos (HAESBAERT, 2006, p. 10).

O contexto da feira é pensado como um “espaço geográfico que participa ou compõe, direta e indiretamente, nossas relações cotidianas, com seus muros, fronteiras, suas infovias, suas imagens, seus fluxos, suas ‘rugosidades’” (HAESBAERT, 2006, p. 10).

Assim, a percepção que fica, a partir da observação, convívio e pesquisa sobre o evento da feira, é de que, nas fímbrias da sociedade marcadamente urbana que hoje representa o Brasil, nas fronteiras entre o urbano e o rural, a feira comparece como um elemento representativo de grandes inter-relações entre o tradicional, o moderno e lampejos do pós-moderno, pois, mesmo conservando um formato tradicional, a feira não deixa de seguir os ditames da lógica do mercado e, assim, adapta-se às suas demandas específicas. São eventos como a feira que criam, no espaço, o que Santos, M. (2006, p. 138) denomina como rugosidade, pois “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem incorporado ao espaço e que, por testemunharem este passado, não se transformam concomitantemente aos processos sociais, interferindo assim na sua dinâmica”.

Essa dinâmica integra o contexto da feira ao da sociedade local e, também, numa amplitude maior, ao da sociedade nordestina/brasileira, pois é importante registrar que o momento e o espaço atualmente vividos “representam conflitos entre diferentes temporalidades históricas que convivem em um mesmo presente” (CANCLINI, 2000, p. 83). Dessa forma, é mais plausível prestar-se atenção ao que se transforma e se adequa às novas realidades, do que ao que desaparece. É presumível que é mais raro se encontrar hoje um “cantador/violeiro” do que um alto-falante (no caso da feira, carrinhos de som, guiados por

adolescentes e/ou adultos) divulgando músicas de cantores atuais, de repercussão midiática. Da mesma forma, as “louças de barro” foram, em grande parte, substituídas pela praticidade das painéis de alumínio, bem como as botas de couro pelos tênis (*made in China*). Entretanto os mais antigos não dispensam os chapéus de couro ou feltro e as alpercatas²⁴ típicas, de fabricação artesanal.

O ambiente da feira livre também revela a mestiçagem cultural brasileira, na medida em que dá oportunidade às demonstrações de heranças ibero-árabes, no costume da barganha pelos preços das mercadorias ou, ainda, nos pedidos de acréscimos de itens a mais, após a finalização do pagamento. Também é comum contratar um carrinho de mão para acompanhar as senhoras, quando o volume de compras é maior – hábito antigo e senhorial, mas que ainda persiste em dias atuais.

Outra questão também latente ao longo do trabalho, e especialmente neste capítulo, é a interpretação que pode ser conferida à categoria território, que remete à reflexão sobre o significado concreto e subjetivo da feira enquanto fenômeno socioeconômico e cultural-territorial. “O território envolve uma ordem de subjetividade individual e coletiva, a possibilidade de os grupos manifestarem articulações territoriais de resistência, em contraposição ao espaço liso, homogeneizante, imposto pela ordem social e política dominante” (GUATTARI, 1985 apud HAESBAERT, 2006, p. 13).

Entretanto o “espírito” da feira, como criação, vai se adaptando às mudanças, desenvolvendo estratégias de sobrevivência e resistindo ao poder do capital hegemônico e às imposições da modernidade/pós-modernidade, enquanto representa uma paisagem de *interfaces* entre vários momentos histórico-culturais de um segmento da sociedade brasileira.

²⁴ Espécie de calçado, cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de couro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, tratar-se-á de lembrar os principais caminhos percorridos até aqui. Torna-se oportuno refletir sobre a trajetória vivida durante o tempo da pesquisa e o quanto ela foi enriquecedora.

Sendo assim, pondera-se que boa parte das convicções sobre os conceitos e fatos que se julgavam conhecer foi desconstruída e/ou ressignificada depois do processo de pesquisa. Dentre estes, menciona-se a pesquisa de campo, que demandou mais tempo e leituras do que se presumia, assim como a interpretação da relação campo-cidade. É necessário mencionar que, nesse processo, também foram bastante relevantes as discussões em sala de aula, os encaminhamentos da banca de qualificação, os eventos científicos participados e as interações sociais criadas entre mestres e colegas de turma. Vale ressaltar que as dificuldades encontradas no trabalho de campo, as proposições levantadas após inserções a ele, as conversas com os sujeitos investigados na pesquisa e as idas e vindas ao evento da feira livre, também contribuíram para a uma constante reavaliação de conceitos e contextos.

A pesquisa se motivou a partir de uma curiosidade individual que, à medida que a caminhada acadêmica avançou, ganhou *corpus* por meio de uma série de desejos e dúvidas, até que o interesse pelo tema alcançasse certa maturidade.

A feira livre faz parte da vivência da pesquisadora, tanto como expectadora como por ser filha de feirantes, de tal modo que o interesse sempre existiu e a vida acadêmica proporcionou o desvendar de múltiplas visões sobre ele. O trabalho dissertativo que aqui se encontra desenvolvido foi uma experiência ímpar e enriquecedora, por proporcionar uma interação com os sujeitos encontrados no trabalho de campo. Pode-se dizer que foi um processo rápido e, paradoxalmente, longo. A rapidez decorrente do tempo de duração que o curso de mestrado oferece – isto é, curto para um aprofundamento maior dos estudos e análises, e longo, pois foi preciso várias visitas à feira livre, que sempre pediram um olhar perscrutador e atento a possíveis sujeitos que poderiam contribuir com seus relatos, abordá-los em meio ao burburinho do evento e convencê-los a falarem sobre suas escolhas e preferências da feira – tornou a pesquisa, por vezes, como já dito, uma tarefa cansativa que requereu persistência e muitas andanças.

A feira livre é um evento de comercialização onde se encontram os mais diversos produtos, contudo o que a diferencia da maioria dos lugares voltados à venda é a notável socialização que nela se revela. Ela é lugar de comprar, mas, também, de passear, conversar, encontrar amigos e conhecidos. No evento feira livre, apresenta-se uma considerável dinâmica

entre o tradicional e o moderno, pois, na miscelânea de produtos comercializados na feira, pode-se encontrar, no mesmo espaço, tanto a farinha de mandioca, que é produzida artesanalmente dentro de um rito histórico-cultural, no ambiente de acesso comum, que é a casa de farinha, como incorporações da produção industrial, tais como: tecidos sintéticos, objetos de plástico, CDs e DVDs, já integrados à vida e ao cotidiano das populações.

A feira livre não representa os espaços hegemônicos do comércio contemporâneo, tais como as cadeias de supermercados e os *shopping centers*, porém oferece a seus conviventes – comerciantes, fregueses, fornecedores e frequentadores – “um espaço muito mais igualitário e democrático” (HAESBAERT, 2007, p. 11), no qual se reafirmam aspectos de territorialidade, bem como as identidades culturais e, mesmo, sentimentos topofílicos de pertencimento e integração àquele ambiente.

Dessa forma, procurou-se ouvir feirantes e fregueses a fim de se compreender como a feira participa de suas rotinas, relacionando, primordialmente, as questões culturais e econômicas. Entender um universo tão rico e complexo, como é toda feira livre, é algo muito relevante para a Ciência Geográfica, especialmente as abordagens humanística e cultural, que proporcionam uma interação com outras áreas de conhecimento, como a Antropologia e a Sociologia.

Ver e ouvir os sujeitos principais da feira livre (feirantes e fregueses), que foi crucial para o entendimento dela enquanto evento que se concretiza e se desfaz semanalmente sob um espaço e confere a ele uma territorialidade, captar parte de suas imagens e entender as particularidades que efetivam trocas econômicas diferenciadas e revelam práticas culturais, afetivas e identitárias, foi o interesse maior desta pesquisa. Desse modo, optou-se por uma literatura que fosse capaz de tratar o econômico e sua interação com a cultura intermediada pelas categorias geográficas de território e paisagem. Para isso, foi preciso se amparar nas metodologias dialética e fenomenológica, estas são concepções metodológicas distintas, contudo, para compreender a feira livre de Nova Cruz – RN em sua importância econômica e cultural, como também algumas das suas implicações políticas, foi preciso lançar-se a esta empreitada.

A feira livre é um território delimitado por aspectos políticos inerentes ao uso do espaço e às territorialidades que são criadas a partir das demarcações visíveis e imperceptíveis no território. Desse modo, é possível afirmar que a feira livre de Nova Cruz – RN cria uma inter-relação entre o município de Nova Cruz – RN e os municípios em seu entorno, efetivando uma relação entre o campo e a cidade, como, também, entre cidades e a rede urbana, pois comunica, por meio dos transportes e serviços, a dinâmica entre o campo e a

cidade e, ainda, entre cidades. Outra questão relevante foi compreender as múltiplas relações da cultura contemporânea que se comungam democraticamente no território da feira livre.

É interessante ressaltar que parte considerável das acepções conferidas a território, territorialização, campo-cidade e multiculturalidade se conceberam a partir das análises dos relatos colhidos nas entrevistas e da apreciação das imagens realizadas em campo, pois aqui se optou por ouvir os sujeitos pesquisados (feirantes e fregueses) dando-lhes voz e buscando compreender como suas histórias de vida são, também, histórias da feira.

Assim, contemplou-se a feira livre de Nova Cruz – RN, buscando compreender parte das representações culturais que ali puderam ser absorvidas. Destacou-se o desvendamento das relações de identidade, fidelidade e afetividade, que foram guiadas pela análise dos relatos orais colhidos na pesquisa de campo, isto é, a partir dos discursos dos sujeitos colhidos, transcritos e analisados. Esse envolvimento permitiu abarcar que a configuração do evento feira livre encerra muito mais que uma forma de comércio, pois a maneira como ela acontece transmite a seus participantes sentimentos e acepções que concebem fluidez e sentido a seus cotidianos, pois contemplam significados de vida, trabalho e socialização de maneira circunstancial.

Dessa maneira, a pesquisa serviu de base para entender, de maneira mais aprofundada, o evento feira livre a partir da perspectiva daqueles que dela participam e para com a qual criam vínculos. Estes são, *a priori*, de necessidade econômica, contudo revelam gostos, comportamentos e hábitos que levam a uma representação cultural, o que é de suma importância nesta pesquisa, tendo em vista que a temática desperta um interesse muito especial. Entretanto compreende-se que este trabalho poderia abordar ou aprofundar outras questões, porém, por ser o curso de mestrado relativamente breve, durando apenas dois anos decompostos entre disciplinas e pesquisa de campo, não se pôde aqui contemplar outras questões que poderão ser incluídas num estudo futuro, tais como a relação entre a feira livre e o comércio fixo local, como, também, ouvir outros sujeitos envolvidos na realização da feira livre de Nova Cruz – RN, dentre os quais se podem citar os representantes do poder público municipal.

É interessante frisar que a realidade social, econômica, cultural e política são um todo complexo e que dar conta de toda ela é um trabalho árduo, sobretudo quando se procura mergulhar nas subjetividades que a leitura cultural permite. Dessa maneira, foi preciso deter-se, nesta oportunidade, nas abordagens relativas às questões culturais, políticas e econômicas da feira livre de Nova Cruz – RN, a partir das histórias de vida de um *corpus* de feirante e fregueses, como, também, da leitura de imagens do evento.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais: Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 47-74.
- ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, 2009.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ANDREOTTI, Guilana. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Luiz; COSTA, Álvaro Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 98-105.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1. ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BECKER, Jean-Jacques. O *handicap* do *a posteriori*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 27-32.
- BERNARDINO, Sharlene da Silva. **Cultura, paisagem e território da feira livre: uma análise no Município de Jacaraú – PB**. 2010. 42 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2010.
- _____. **Geografias: fragmentos e ranhuras da ideia de cultura, paisagem e identidade**. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2008.
- BONI Valdete; QUARESMA Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Bases cartográficas**. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas.html>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: Rio Grande do Norte: total da população. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_rio_grande_do_norte.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades - 2007**. Brasília: IBGE, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=7>>. Acesso em: 20 maio 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 3, n. 5, p. 7-13, 2004.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

CASTRO, Iná Elias. O espaço político: limites e possibilidades do conceito. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 43-72.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUSC, 1999.

_____. A volta do cultural na Geografia. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

_____. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-115.

_____. Geografia cultural: um balanço. **Revista Londrina**, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: EdUERJ, ano 1, n. 1, p. 1-22, out. 1995.

_____. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Revista.fct. UNESP**, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007.

_____. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. v. 1, p. 113-154.

_____. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Trajetórias geográficas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDALL, Zeny. Economia, cultura e espaço: uma introdução. In: _____. (Orgs.). **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 8-12.

COUTINHO, Severino Alves. **Nova Cruz: sua dinâmica e as relações com as cidades de Montanhas e Lagoa D'Anta – RN**. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Larissa da Silva. Pequenas cidades e cotidiano. In: SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro da. (Orgs.). **Pequenas cidades: uma abordagem geográfica**. Natal: EdUFRN, 2010. p. 68-85.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: _____. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 8-15.

FERRETTI, Mundicarmo. Feiras nordestinas: estudos e problemas. In: FERRETTI, Sérgio (Org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís: EdUFMA-PROIN-CS, 2000

FIORUCCI, Rodolfo. História oral, memória, história. **Revista História em Reflexão**, v. 4, n. 8, p. 1-17, 2010.

FORTUNATO, Elisabeth; RUSCHEINSKY, Aloísio. A história oral na pesquisa social. **Biblos – Revista do Instituto de Ciência e Informação**, v. 16, p. 25-36, 2004.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 4-13.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 13-41.

GERTLER, Meris S. Uma Geografia econômica cultural da produção. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-97.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: estrutura e primado das representações. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: EdUERJ, n. 19-20, p. 51-59, jan./dez. 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços públicos: um modo de ser no espaço, um modo de ser do espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. v. 1, p. 19-42.

_____. Que espaço pode haver para uma Geografia Cultural? Elementos para uma reflexão sobre a relação entre o cultural e o geográfico. In: LEMOS, Amália Inês; GALVANI, Emerson. (Orgs.). **Geografia, tradições e perspectivas**: interdisciplinaridade, meio ambiente e representações. 1. ed. Buenos Aires/São Paulo: Clacso/Expressão Popular, 2009, v. 2, p. 69-80.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. 2. ed. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: EdUFMG, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (Orgs.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-70.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a. p. 165-206.

_____. O binômio território-rede e seu significado político-cultural. In: _____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 117-128.

_____. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Regional global**: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.

_____. Território e multiterritorialidade em questão. In: HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/trans territorialidade em tempo de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2014. p. 53-86.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler**: Geografia e cultura. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 52-61.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zannhar, 2014.

LENCIONE, Sandra. Observações sobre os conceitos de cidade e urbano. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 24, p. 109-123, 2008.

LIMA, Bruno Luiz Phillip de. **De baixo para cima: implicações socioespaciais da transferência feira livre de Nova Cruz – RN (1991-2010)**. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades pequenas: como defini-las? Apontamentos para os estudos sobre as cidades pequenas. In: OLIVEIRA, José Aldemir (Org.). **Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demanda social**. Manaus: EdUFAM, 2009. p. 138-158.

_____. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa – PB**. 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 290-329.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: Sepeq, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Revista Ateliê Geográfico Goiânia – GO**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MCDOWELL, Linda. A transformação da Geografia Cultural. In: DEREK, Gregory; RON, Martin; GRAHAM, Smith (Orgs.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zannhar, 1996. p. 159-188.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia - Revista online**, v. 23, n. 17, p. 244-249, 2006.

MOTT, Luiz. Feira e mercados: pistas para pesquisa de campo. In: FERRETTI, Sérgio (Org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís/MA: EdUFMA-PROIN (CS), 2000. p. 13-34.

NASCIMENTO JUNIOR, Luis Gonzaga do. **Alô, alô, Brasil** (Discografia). São Paulo: EMI/Oden, 1983.

PAZERA JUNIOR, Eduardo. **A feira de Itabaiana – PB: permanência e mudança**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PIRES DO RIO, Gisela A. A espacialidade da economia: superfícies, fluxos e redes. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p 155-187.

_____. Jogo de espelhos: a dimensão cultural do econômico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Economia, cultura e espaço**. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 15-36.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

RODRIGUES, Jean Carlos. Memória, identidade e lugar na produção simbólica do estado do Tocantins. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler: Geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 116-123.

ROSENDAHL, Zeny. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2, p. 103-132.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova**, v. 39, p. 105-124, 1997.

SANTOS, José Erimar dos. **Feiras livres e circuitos da economia urbana: um estudo da feira da Pedra, em São Bento (PB)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

_____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. São Paulo: EdUSP, 2003.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (Orgs). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 1-7.

_____. O espaço dividido. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Por outra globalização.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. Entender a produção do espaço geográfico para compreender o território. In: SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.). **Produção do espaço e redefinições regionais:** a construção de uma temática. Presidente Prudente, SP: FCT/Unesp/GAsPERR, 2005. p. 35-51.

_____. **Por uma Geografia das temporalidades e territorialidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SEEMAN, Jönh. “Cartografias culturais” na Geografia Cultural: entre mapas da cultura e a cultura de mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 21, n. 2, p. 61-82, 2001.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EdUSC, 1999.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 7-24, 2006.

_____. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem. **Revista Formação**, v. 2, n. 14, p. 14-22, 2011.

SIMMEL, Georg. Fidelidade: uma tentativa de análise sócio-psicológica. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE**, João Pessoa: Grem, v. 2, n. 6, p. 513-519, dez. 2003.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 77-115.

SPOSITO, Eliseu Savério. Redes. In: _____. **Redes e cidades.** São Paulo: EdUNESP, 2008. p. 47-84.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.111-130.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: resignic(ação) da Geografia. In: DANTAS, Aldo; GALENO, Alex (Orgs.). **Ciência do complexus:** ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. Geografia e trabalho de campo. In: SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia Física e Geomorfologia: uma (re)leitura**. Ijuí: EdUnijuí, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Revista RA'E GA**, n. 23, p. 340-375, 2011.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, 2013.

_____. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDALL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 111-168.

WHITACKER, Arthur Magon. Campo e cidade: cidades médias e pequenas: algumas proposições para a pesquisa e o debate. In: LOPES, Diva Maria Felin; HENRIQUE, Wendel (Orgs.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 187-194.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista com feirantes

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Pesquisa de campo – feirantes vendedores da feira livre de Nova Cruz – RN
A feira livre de Nova Cruz – RN: aspectos culturais e econômicos
Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Geografia
Mestranda: Sharlene da Silva Bernardino

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO

Nome:_____. Sexo: () M. () F.

Endereço:_____.

Idade:_____.

1. Há quanto tempo é feirante? _____.

2. Quais os produtos que comercializa?

() Carnes. () Peixes. () Verduras e legumes. () Frutas. () Roupas. () Calçados. () Grãos.

() Outros. Quais?_____.

3. Como você começou a trabalhar na feira?

_____.

4. Qual a importância do trabalho na feira para a sua renda mensal?

_____.

5. Você participa de outras feiras, além da de Nova Cruz – RN? Quais?

_____.

6. Você conhece seus clientes? Que tipo de relação você tem com eles?

_____.

7. Se não pudesse mais frequentar a feira, do que sentiria mais falta?

_____.

8. O que a feira tem de pior?

_____.

9. O que mudaria na feira, se pudesse?

_____.

10. O que gostaria de deixar registrado sobre a feira?

_____.

APÊNDICE B – Entrevista com fregueses

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Pesquisa de campo – fregueses da feira livre de Nova Cruz – RN
A feira livre de Nova Cruz – RN: aspectos culturais e econômicos
Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Geografia
Mestranda: Sharlene da Silva Bernardino

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO

Nome: _____ Sexo: () M () F

Endereço: _____

Idade: _____

1. Você frequenta toda a feira ou compra produtos específicos? Por quê?

2. Você costuma fazer compras nos mesmos lugares?

Sim () Por quê? _____

Não () Por quê? _____

3. Há quanto tempo você vem à feira e com que frequência faz compras?

4. Além da variedade de produtos, você vem à feira por outros motivos?

Não () Sim (). Quais? _____

5. Qual a diferença entre fazer compras na feira ou no supermercado?

6. Quando pensa na feira, qual a primeira sensação que lhe vem à cabeça?

7. Se não pudesse mais frequentar a feira, do que sentiria mais falta?

8. O que a feira tem de pior?

9. O que mudaria na feira, se pudesse?

10. O que gostaria de deixar registrado sobre a feira?

ANEXO

ANEXO B – Solicitação de relatório à PMNC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

*Programa de Pós-Graduação em Geografia
CCEN-UFPB*

SOLICITAÇÃO

Por meio desta, apresento-me como mestrande do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Paraíba, no qual desenvolvo a pesquisa intitulada **“A feira livre de Nova Cruz – RN: aspectos culturais e econômicos”**, sob a orientação da Professora Dra. Eliana Alda de Freitas Calado. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os processos culturais e econômicos da feira livre de Nova Cruz, a partir dos feirantes e fregueses, bem como dos órgãos públicos responsáveis pelo seu funcionamento.

Por oportuno, manifesto a necessidade de ter acesso ao relatório sobre a feira supracitada realizado pelo Setor de Tributação da Prefeitura Municipal de Nova Cruz (conforme a Lei Federal 12.527/2011, de acesso à informação).

Antecipadamente, agradeço a colaboração desta Secretaria, disponibilizando-me para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa em desenvolvimento.

João Pessoa, 13 de março de 2015.

Assinatura manuscrita de Sharlene da Silva Bernardino em tinta roxa.

Sharlene da Silva Bernardino
PPGG/UFPB

Assinatura manuscrita de Eliana Alda de Freitas Calado em tinta roxa.

Eliana Alda de Freitas Calado
PPGG/UFPB